

militia

ANO II

N.º 12

SETEMBRO/OUTUBRO

— 1949



1100, S.P.
Major RUEENS TEIXEIRA BRANCO
Cuartel General
CAPITAL

SUMÁRIO

NOSSA CAPA

Alegoria à Independência — P. Lara

DIVERSOS

Peres Barbosa — Alfredo Feijó	5
Guardiões da lei — cap. Olívio Franco Marcondes	6
Alguns aspectos da II Ligiada — cap. Arrisson de Souza Ferraz	9
De "Memórias", livro em preparo — ten. cel. Luiz Tenório de Brito ..	21
As Polícias Estaduais (Transcrição do "Jornal do Comércio", Rio)	27
Os percalços do serviço policial — ten. cel. Laércio G. Oliveira	31
Carabineiro y el "super yo" — capitán Walter Luzio Vieyra	33
O martírio do bode — cel. Anchieta Torres	39
João Pernetá — ten. Felix Morgado	41
A Gendarmérie e os serviços de bombeiros da França — cap. Evaldo Pedreschi	45
Um contraste — Pereira de Assunção	51
Três temas de criminologia — II e III — Prof. Augusto Flávio S. Lima Júnior	53
Extinção de incêndios — redação	58
Independência ou Morte! — redação	83
Em viagem — Ten. Evandro Martins	59
O atraso na Agricultura — cap. Breno Pereira da Silva	61
Cartas de Santiago — ten. Monte Serrat	65
Bilhetes a um Aspirante — ten. cel. Augusto César C. Muniz Aragão ..	67
Ilustração — ten. Félix Morgado	
Montagem fotográfica — cap. F. Vieira Fonseca	
Fotografia — sgt. João Tancler	

NOTICIÁRIO

Expressiva homenagem ao cel. Ferlich, no C.F.A.	69
Concerto sinfônico da Banda da Fôrça Pública — crônica de Moupyr Figueiredo	71
Grupo de oficiais comemora o aniversário de ingresso na Corporação ...	75
O aniversário do Centro Social dos Sargentos	76
Promoções	77
O 6.º B.C. oferece um churrasco à Guarnição Federal de Santos	78
Aniversário do 1.º B.C.	80
57.º aniversário do Regimento de Cavalaria	79
Notícias das co-irmãs:	
— Comando e E.M. da 8.ª R.M. visitam a P.M. do Amazonas ...	81
— A P.M. do Espírito Santo comemora o 2.º aniversário da gestão Darcy Pacheco Queirós e o Dia da Pátria	82

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

A Esgrima na Fôrça Pública — Torneio da Primavera	85
Problema sôbre esgrima — cap. Adauto Fernandes de Andrade	89
"Tratado de Esgrima" — cap. Arrisson de Souza Ferraz	90
Bombeiros — bi-campeões do maior certame voleibolístico da América do Sul	92
Campeonato Geral da Fôrça	96
No Espírito Santo — Basquetebol entre a P.M. e a Guarnição Federal	100
SÉTIMA ARTE — Direção do cap. F. Vieira Fonseca	
Alberto Cavalcanti, um brasileiro que triunfou na Europa	101
"Paisá", outro filme de Rosselini	105
LEGISLAÇÃO — Direção do cap. José Arimathéa do Nascimento	109



MILITIA

(Revista publicada na Fôrça Pública do Estado de São Paulo, de acôrdo com o art. 2.º F, do Estatuto do CMFPSP)

Sr. Diretor de "MILITIA"
Avenida Tiradentes, 1088 — São Paulo

Solicito-lhe uma assinatura de MILITIA, em pagamento
da qual junto a esta a quantia de Cr. \$ em
(valor declarado, cheque ou
vale postal)

.....
(Assinatura)

Nome

Rua N.º

Cidade

Estado

SUMARIO

NOTA

DECRETOS

LEIS

RESCISÃO

REVISÃO



Decreto nº 10.000, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.001, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.002, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.003, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.004, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.005, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.006, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.007, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

Decreto nº 10.008, de 10 de maio de 1906, criando o Conselho de Estado do Brasil.

10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Nome
Rua
Cidade
Estado

Entre os oleos nacionaes

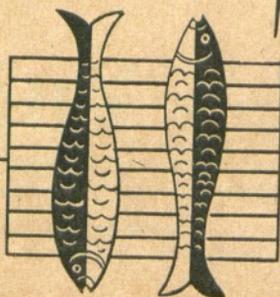
está conquistando a preferência de todas as donas de casa, o

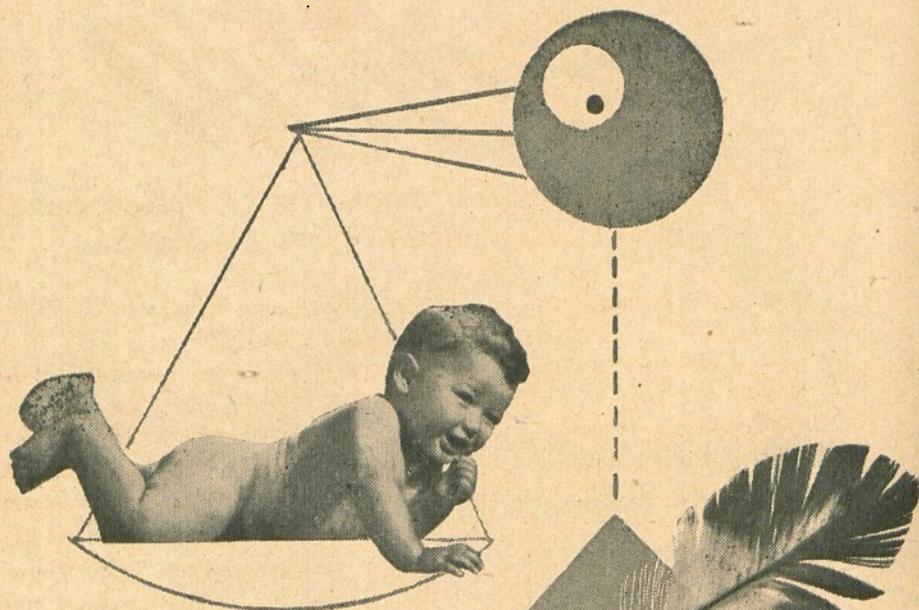


ÓLEO
Yandi
DE AMENDOIM

... utiliza as altas qualidades nutritivas do óleo de amendoim e acrescenta-lhes, graças à refinação e desodorização científica, por um processo especial, um sabor tradicional de agrado ao paladar brasileiro.

"Yandi" é extremamente economico e de facil digestão.





Transporte cuidadoso...

**carga - correspondência
encomendas**

É esse o nosso ponto de vista: para nós toda a carga ou encomenda é merecedora do maior cuidado, como se fosse marcada "Fragil". E toda a correspondência é como se fosse marcada "Urgente". cremos que esse é também seu ponto de vista. Envie, portanto, pela VASP ou pela Aerovias.

Vasp - Aerovias

Rua Libero Badaró, 89
Telefone: 2-6993

Rua Libero Badaró, 370
Telefone: 6-2960

Militia

REVISTA PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO
DE ACORDO COM OS ESTATUTOS DO C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração: — Avenida Tiradentes, 1088 —
Fone 4-8171, ramal 299.

ANO II — SETEMBRO/OUTUBRO DE 1949 — N.º 12

DIRETOR: — cel. Coriolano de Almeida Júnior
REDATOR-CHEFE: — .. ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias
TESOUREIRO: — maj. adm. Nelson de Carvalho Rosa
GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca
SECRETARIO: — 1.º ten. Paulo Monte Serrát Filho.

REDADORES: —

cap. Arrisson de Souza Ferraz
cap. Efraim Bratfisch Lastebasse
cap. Ubirajara da Silveira
cap. Osvaldo Feliciano dos Santos
2.º ten. Hildebrando Chagas.

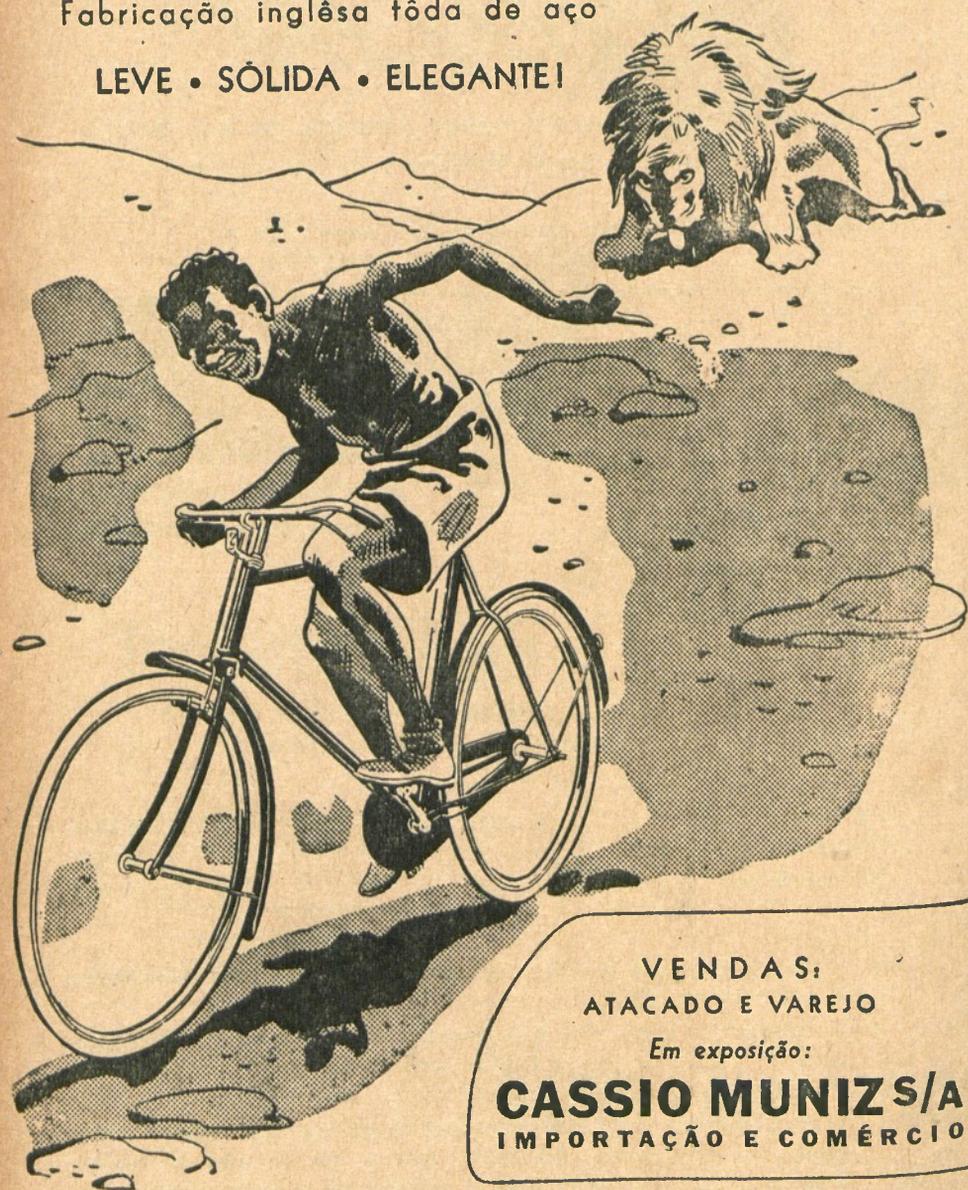
Assinatura anual	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr. \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

- * "Militia" destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.
- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Pedese que os originais sejam datilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pedese ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

RALEIGH

A bicicleta de renome universal
Fabricação inglesa tãda de aço

LEVE • SÓLIDA • ELEGANTE!



VENDAS:
ATACADO E VAREJO

Em exposição:

CASSIO MUNIZ S/A
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 309 - SÃO PAULO

Peres Barbosa

(Ressonância de "Ecce Homo")

"Pocas veces se explica mal lo que se siente bien; porque la pasión, que manda en el pecho, logra casi igual obediencia en la lengua y en la pluma".

Frei Benito J. Feijoo.

*Meu herói Peres Barbosa,
Defensor de leis severas...
A palavra tens formosa,
Ao cantar o que veneras!*

*Tua pena vigorosa,
Ordenou razões sinceras;
Sua luz ditosa,
A doirar o que ponderas!*

*Exaltar, como exaltaste,
Com civismo, com justiça,
O Senhor da heróica liça.*

*É assentar, como assentaste,
Em rubis de sangue ardente,
O valor da nossa gente!*

Guardiões da lei

Cap. *Olívio Franco Marcondes*

Pouco adianta compreendermos nós que “a Polícia Militar surge da necessidade de um organismo policial baseado na hierarquia e na disciplina”, penhor da eficiência e da correção na garantia da ordem e da segurança pública.

Pouco adianta compreendermos que “a nossa função militar, como Forças Auxiliares do Exército, é secundária em face de nossas funções policiais, de primeira linha; que nos cabe zelar pela estabilidade do regime; que somos os guardiões da lei; que “o sono do recém-nascido, o labor do adulto, o sossego da velhice, não podem prescindir da nossa vigilância permanente, ativa e indormida”; que nisto tudo está a nobreza, a dignidade da missão do policial-militar, definida por Wolmer, como “sentinela avançada dos exércitos do bem estar público”, acrescentando ser necessário bem treiná-lo e respeitar o seu trabalho, para que êle possa sair-se bem, — livre de acusações por violar direitos ou praticar brutalidade.

Pouco resulta do entusiasmo e eficiência com que uma Polícia Militar serve ao povo que a mantém, se igual serviço não fôr prestado, por tôdas as Polícias, a tôda a Nação.

Pouco vale a sistematização do emprego dos agentes químicos

e da água na repressão aos distúrbios populares, método decisivo e menos pernicioso que o uso de armas de fogo — objeto de estudo do cap. Cálío de Campos Montes, da Força Pública Paulista — se não é êle generalizado nas demais Polícias Militares.

Pouco aproveita, para a Nação, que a Brigada Militar Gaúcha tenha organizado um serviço de assistência à lavoura, contra a praga dos gafanhotos, e de vigilância contra a peste suína; que só ela disponha de um “Regimento Rural” com sistema de ação muito semelhante ao da afamada Real Polícia Montada do Canadá e Gendarmaria Francesa.

Pouco efeito produz um comandante Alfredo Feijó decantar, se a proclamação não transpõe os limites do seu Estado, codificada em diretriz geral de ação :

“Oh! Tropa de São Paulo, Ela!

[Avante! Marcha e abre

Os pórticos da fé”...

Palmilhaste os sertões; e, a ordem

[assegurando,

Ordenaste, passando, as vilas e as

[cidades,

Na importante função de impôr

[às sociedades

O mandato da Lei, a força do

[Direito

A mercê da Justiça, as normas

[do Respeito!].

problemas idênticos. Só assim poder-se-ia conseguir uniformidade de conduta no Brasil inteiro, em proveito da evolução das Polícias e da ação benéfica, corretiva e disciplinadora em sua missão social, como corporações padronizadas devidamente garantidas pelo Poder Federal, mediante supervisão de um «Departamento Federal das Polícias Militares» ou «da Segurança Pública».

Nada ainda se fez de prático, nem se começou a fazer, embora sejam freqüentes as visitas de cortezia, jogos desportivos, jantares e discursos de congratulações que, para futuro, legam sômente a lembrança de

momentos agradáveis, que pouco de concreto produziram.

Não se cogitou, ainda, de nenhum «Congresso das Polícias Militares», para elaborar-se um ante-projeto de lei definindo as atribuições, a organização, a mútua colaboração funcional e as suas garantias, submetendo-o posteriormente à aprovação do Congresso Nacional.

A cômoda esperança no futuro, a falta de espírito de arremetimento contra os problemas e os percalços do dever funcional, solucionando os primeiros e arrefecendo os segundos, não serão perniciosos ao prestígio de nossa classe e de nossas instituições ?



doces e
conservas

"A SUL AMERICA"

55 *produtos de qualidade*

à venda em todos os empórios e confeitarias

Alguns aspectos da II Lingíada de Estocolmo

Regressaram da capital sueca, onde se achavam em missão oficial, representando o Estado de São Paulo e a Fôrça Pública na II Lingíada, conforme noticiámos em número anterior, os capitães Arrisson de Souza Ferraz e dr. Armando Bergamini.

A fim de que a Fôrça Pública tomasse conhecimento das observações e dos estudos desses companheiros naquela excursão ao Velho Mundo que abrangeu, além da Suécia, a Dinamarca, Inglaterra, França, Itália e Portugal, no setor da educação física e sôbre outros aspectos gerais, os srs. coronéis Brum Ferlich e Aníbal de Andrade, Comandante Geral e Diretor Geral de Instrução, programaram a realização de algumas conferências pelos mesmos, na sala de conferências do Regimento de Cavalaria.

Dando início à série, o cap. Arrisson de Souza Ferraz, proferiu, no dia 27 de outubro, naquele local, perante a oficialidade da guarnição da capital o belo trabalho, sob o título acima, que MILITIA transcreve na íntegra:—

Nos fascinantes cenários do Oriente, às margens das correntes líquidas que guiaram o curso da história, nasceu a educação física. Do vale do Nilo, das planícies banhadas pelo rio Azul, das ribas do Tigre e do Eufrates, passou ela ao Ocidente. Na Grécia, sublimou-se com a majestade do ideal olímpico, através dos famosos jogos quadrienais

da planície de Élide. Foi mais além o genial povo grego com os primeiros ensaios da educação integral. O homem é uma entidade biológica, dotada de alma e sentimentos — argumentavam — e necessita de ginástica para o corpo, música para a alma e educação moral para aprimorar os sentimentos e desenvolver a vontade. Em outras pa-

O cap. Arrisson, quando pronunciava sua interessantíssima conferência. Veem-se, ainda à mesa, os ceis. Diretor Geral de Instrução e Comandante do C.I.M. e outros oficiais superiores desta Milícia.



lavrás, o grego pregava para as suas gerações, educação física para o corpo, educação moral para os sentimentos e educação intelectual para o espírito. Os romanos ergueram pedestais à educação física, mas deturparam-lhe a finalidade.

As legiões bárbaras que desabaram de Leste, detiveram, por alguns lustros a sua trajetória, mas não conseguiram desviar a rota da sua caminhada. Reincidiu-se a sua marcha vitoriosa, com a alvorada medieval, preparando, fisicamente, as luzidas coortes da cavalaria épica e romântica, daquelas falanges que rendilharam de feitos homéricos as páginas da história.

O Renascimento foi o despertar do mundo para os embates luminosos do pensamento. Ensaia-se a moderna pedagogia, frente a frente com a escolástica; aparece a ciência náutica, para a epopéia das navegações; surgem a pólvora, a bússola, a eletricidade; os físicos operam milagres; os matemáticos realizam prodígios; a química deixa profundas interrogações nos espíritos dos alquimistas; os astrónomos dominam os espaços siderais; os filósofos abrem roteiros à psicologia e à sociologia. A educação física também foi batida por essa ânsia de renovação de aperfeiçoamento. Figuras grandiosas saíram a campo, pregando a sua necessidade para formação completa do homem, no mesmo plano de igualdade com a educação moral e intelectual. Foi a famosa legião de doutrinadores que a história denominou, com muita propriedade, de precursores da educação física. Pregavam a educação física para a escola de todos os graus, para o homem da cidade e dos campos, para o intelectual e para os militares, mas entraram a fundo no problema.

Pediam ginástica especial para a infância, adolescência, juventude e idade madura, trabalhos distintos para o homem e a mulher, de contextura física completamente diferentes; ginástica própria para artesãos, militares e gentis-homens. Estudaram o organismo humano, perscrutaram-lhes as vibrações, as grandes funções, dominaram as relações entre o físico, o moral, e o intellecto, e colocaram na ordem do dia a educação física doutrinária e científica.

Ao Oriente, cabia a glória da criação, à Grécia, os florões de um impulso vigoroso, e aos medievos, o galardão de terem feito a educação ressurgir do caos da barbárie. Mas, ciência e doutrina não existiam até aquelas alturas.

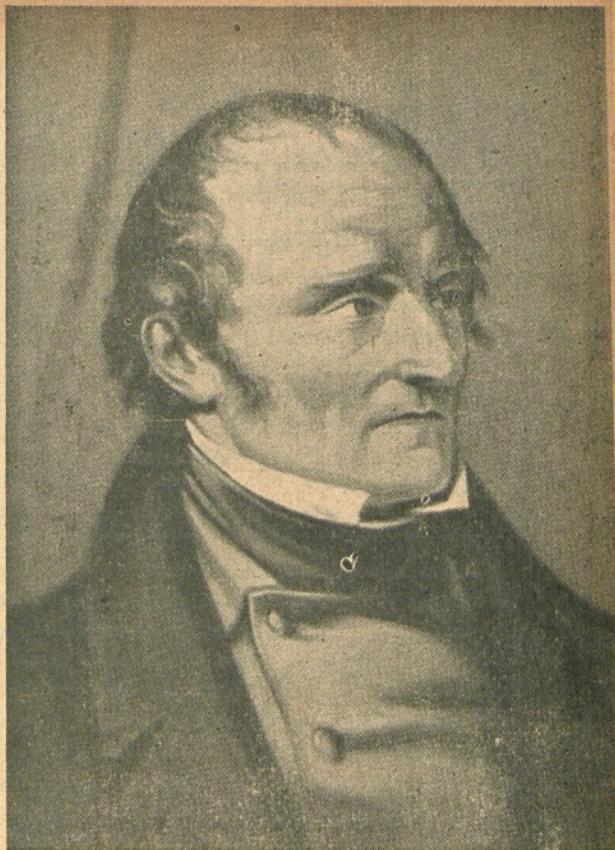
A pregação renascentista teve o condão magnífico de despertar as vozes, atirando na arena da luta inúmeros justadores. Na Alemanha, Basedow e Jahn, inspirados na idéias de Guths Muths, lançam as bases do método teutónico, conhecido no seu tempo como método agonístico; na Espanha e na França, aparece Francisco de Amoros Ondeano, o verdadeiro criador da ginástica francesa, o homem que estruturou os fundamentos do atual método francês de educação física, adotado oficialmente no Brasil. Na Dinamarca, Francisco Nochtegal procura criar um sistema que seria o alicerce da moderna ginástica danesa. Na Suécia, a figura incomparável de Pedro Henrique Ling, lança as bases de um sistema que recebeu a denominação de Método Sueco.

Assim, nasceram os primeiros métodos de educação física. Seus criadores passaram às páginas imortais da História como vultos da ciência, como arautos do saber. Suas concepções, a bem da humanidade, foram tão grandes, que sô-

mente o grande palco universal podia contê-las.

Pedro Ling, o criador do método sueco, trouxe do berço a marca da predestinação. A luta foi o seu primeiro e eterno destino. Perdeu os seus progenitores em plena adolescência, e enfrentou o mundo sozinho, sem meios e sem experiência. A fé e a genialidade fizeram-no vencer. Estudou. Laureou-se pelas famosas universidades de Lund e Upsala. Depois, viajou, correu mundos. Armazenou conhecimentos. Esteve na Dinamarca, Rússia, França e Alemanha. Fêz-se intelectual. Escreveu contos, novelas, dramas. Enamorou-se das musas, escalou o Párnaso, pelos vãos do pensamento. Quando julgou o momento propício, regressou à pátria e começou a sua obra, como mestre de armas, em Lund e Karlberg. Pregou na imprensa e na cátedra em prosa e em verso.

Em 1813, com 37 anos de idade, funda em Estocolmo, o Instituto Central de Ginástica, e condensa suas teorias em excelente tratado. A obra era extraordinária para o seu tempo. Durante vinte e seis anos, dirigiu-a com o carinho de um apostolado. Seus discípulos, Branting e Hjalmar Ling, seu filho, completaram-na, aprimoraram-na. O método sueco dominou a Europa. Nos primeiros anos do século atual, foi trazido ao Brasil, pelos insígnis mestres Delphin Balancié e Louis Lamaitre, fundadores da nossa Escola de Educação Física. Foi ali, na Rua Jorge Miranda, ao lado do Quartel do 1.º B.C., nas



PEDRO HENRIQUE LING

instalações que quase todos vós conheceraam, que a doutrina de Ling teve sua primeira aplicação na Terra de Santa Cruz.

Em 1839, Pedro Ling fechava os olhos à luz da vida. O mundo perdia uma de suas figuras mais eminentes. No primeiro centenário do desaparecimento do grande mestre, em 1939, a Suécia decidiu prestar-lhe merecida consagração, reunindo em Estocolmo, sob a invocação de seu nome glorioso, educadores de todos os continentes. E foi convocada a Lingíada de 1939. Trinta e sete países, com 7.300 representantes, compreendendo professores e atletas, acorreram ao chamamento. Foram notáveis os resultados alcançados, tão notável que uma das conclusões finais do

congresso, determinava a celebração de uma II Ligiada, dez anos após.

A II LINGIADA

A II Ligiada constou de quatro celebrações de cultura física, distintas no seu conteúdo, mas idênticas em espírito e finalidade. Compreendia Festa Mundial de Ginástica, Congresso Mundial de Ginástica, Curso Internacional de Ginástica e Acampamento Internacional de Ginástica.

FESTA MUNDIAL DE GINÁSTICA

Teve a duração de cinco dias, de 26 a 31 de julho, e constou de cerca de 190 exhibições, realizadas pela manhã, à tarde e à noite, em vários locais simultaneamente. Tomaram parte nas demonstrações 14.629 atletas de 15 nações, compreendendo homens, mulheres, adolescentes e jovens de ambos os sexos.

As delegações desportivas mais numerosas foram: a da Bélgica, com 588 atletas; a da Finlândia, com 613; a da Inglaterra com 700; a da Noruega, com 1086; a da Dinamarca, com 4.196; e a da Suécia, com 7.300.

O cerimonial de abertura da Festa Mundial de Ginástica foi um desses espetáculos de excepcional importância que a retina contempla e o cérebro procura, em vão, palavras para qualificar a sua majestade. Os adjetivos mais sonoros, mais expressivos do vocabulário, sentem-se em realidade, infinitamente microscópicos, ante tamanha grandiosidade.

Estocolmo é uma cidade fascinante, de ruas alinhadas, amplas avenidas, quase toda asfaltada, com parques prazíveis, jardins encantadores, toda cortada de canais, formados pelas infiltrações do Báltico, com o lendário lago Malaren, enquadrado por simétricas ala-

medas, deixando antever, na sua arquitetura, o refinado apuro da arte nórdica, Estocolmo encanta e fascina ao visitante. Imaginem-na, agora, embandeirada, festiva, com sua população multiplicada, regorgitando de gente de todos os quadrantes do globo.

O programa oficial marcava as 18,30 horas para a abertura solene, mas desde as 15 horas que verdadeira vaga humana se dirigia ao estádio olímpico que ficou totalmente superlotado. Nada menos de 50.000 pessoas enchiam suas acomodações. Os mais retardatários não encontraram mais lugares vagos. As 18,29, precisamente, Sua Alteza, o príncipe regente Gustavo Adolfo, acompanhado de seu filho, o príncipe Bertel, de todo o ministério, do major general Gustavo Dirssen, comandante em chefe de Estocolmo, D. Manfredo Bjorequist, bispo diocesano, corpo diplomático, Comité Olímpico Internacional, Comité Organizador da Ligiada, dava entrada no estádio, ao som do hino nacional sueco. Toda a grande mole humana que ali se comprimia, levanta-se e o saúda, calorosamente, democraticamente. Os canhões salvam. Pombos correios cruzam os ares. Imediatamente tem início a entrada no estádio das delegações atléticas, por ordem alfabética dos respectivos países. À frente, imponentes, majestosas, as bandeiras entrelaçadas, panejando ao vento, simbolizando as nações de todos os continentes, unidos pelo mesmo ideal da fé na cultura física, como veículo de educação e de aproximação entre os homens. Em meio delas, tremulava altaneira e fascinante a augusta bandeira do Brasil, retratando a nossa participação no monumental conclave. Encabeça o cortêjo

a delegação da Áustria. Fecha-o a delegação suíça. Os belgas arrancam palmas estrepitosas. Os ingleses encantam pelo colorido de seus uniformes. Ao lado do atleta de calça comprida, de calção ginástico, o escocês de saía à fantasia, a matrona das diferentes regiões do país, com vestes características, para os bailados regionais; noruegueses e finlandeses fazem a assistência vibrar, pela precisão de movimento, pela linha impecável, os dinamarqueses apresentam-se homogêneos, coesos, garridos e imponentes; os suecos fazem gala do número, da marcialidade, da variedade dos uniformes, fazendo fremir de júbilo cívico a própria alma da nação que ali se achava e levando todo o estádio aos paroxismos do entusiasmo.

A custo, o tapete verde do estádio comporta aquelas dezenas de milhares de atletas. Faz-se rigoroso e absoluto silêncio. Acendem-se os refletores. O príncipe regente toma da palavra, reverência a memória de Pedro Ling, "*filho da Suécia, gênio da humanidade*", dá boas vindas às delegações visitantes e declara inaugurada a Lingíada e a Festa Mundial de Ginástica. Falam, também, sobre a alta significação da Lingíada o primeiro ministro e o presidente do Comité Organizador. Essas orações eram proferidas no idioma nacional, a língua sueca, e logo após repetidas por um intérprete em inglês. Findos os discursos, as fanfarras, os órgãos e as bandas de músicas tocam o hino olímpico e canções épicas. Depois, novo desfile em continência aos príncipes e demais autoridades. Movimentam-se, novamente, os atletas; as bandeiras conduzidas por aquela mocidade estuante tremulam ao vento; tremulam, também, outras tantas hasteadas nos mastros, no alto do está-

dio; a fotografia de Pedro Ling, suspensa por todos os vértices da praça de esportes, desenhada por laureado artista, parece sorrir, contemplando a grandiosidade da sua obra. Esvazia-se o estádio olímpico e a grande massa regressa, radiante, ao coração da cidade.

De 26 a 31 de julho, prossegue a Festa Mundial de Ginástica, com exhibições empolgantes no estádio, nos ginásios do Real Instituto, nos palcos, cinemas e teatros de Estocolmo. Os ingleses tiveram destacada atuação, com a ginástica escolar. Suas lições eram atraentes, disciplinadas, bem dosadas, e dotadas de alto sentido pedagógico e psicológico. Realizaram demonstrações de associações, clubes, colégios e escolas de educação física, cada qual mais notável, sobre todos os aspectos. Brilharam, ainda, os bretões, nas demonstrações de danças regionais e clássicas, pelo ritmo, pela técnica, pela perfeição e pela originalidade de seus uniformes. Os belgas constituíram-se num posto alto das demonstrações. As turmas da Universidade Católica de Louvain; da Federação Belga de Ginástica Educacional, da Federação Belga Educativa, da Federação Socialista de Ginástica e do Instituto de Educação Física de Liège, foram admiráveis. Encantaram as multidões pela perfeição e apuro das demonstrações e encantaram as autoridades no assunto, pela técnica, metodologia e concepção doutrinária. A educação física dos países nórdicos atravessa uma fase esplendorosa, já demonstrada, aliás, nos altos índices técnicos que alcançaram na Olimpíada de Londres, no ano findo. A pequena Noruega, com suas equipes, ora de 500 rapazes, ora de 500 normalistas, com turmas de colegiais e de crianças da Escola Pri-

mária, deixou profunda impressão na-
quele conclave. A Finlândia conseguiu,
nas suas demonstrações, irmanar a técni-
ca e a estética. A ginástica de aparelho
dos finlandeses tinha força magnética
para a multidão. Exibiam-se simultâ-
neamente, nos quatro cantos do grama-
do, em barra fixa, paralela, argolas e
cavalo. Sentíamos, e conosco tôda a
assistência, não possuir o poder da po-
liviliação, para acompanhar as 4 demons-
trações ao mesmo tempo. A Dinamarca
foi um deslumbramento. Seus 4.196
atletas — homens e rapazes, senhoras
e moças, crianças de ambos os sexos
— exibiram-se maravilhosamente, pela
harmonia e precisão dos movimentos,
ritmo e elegância. Mostraram-se sobe-
ranos na doutrina sueca e mostraram a
excelência do sistema próprio, criado
por Niels Buck. Os suecos superaram
a tôdas as expectativas. O ritmo e pre-
cisão de seus movimentos eram mate-
máticos. A metodologia era evidente
como teoremas. As turmas de elite,
de aparelhos, de seleção, pareciam peças
mecânicas, impulsionadas por correntes
elétricas. Apresentaram os discípulos de
Pedro Ling variantes novas e interes-
santes de trabalhos físicos, como a gi-
nástica voluntária, constituída de movi-
mentos simples, mais acessíveis a todos,
e ministrada por professores especiali-
zados e mestres. Com rápida prepara-
ção, a ginástica para industriários mi-
nistrada nas fábricas, a ginástica de es-
critório, para datilógrafos e amanuenses,
nos próprios locais de trabalho, a ginás-
tica das donas de casa, para aplicação
no lar. Da ginástica das donas de casa
fizeram uma exibição que foi ímpar e
até emocionante. Em vasta planície,
porque o estádio olímpico não compor-
tava, fizeram uma demonstração de

5.000 senhoras. As matronas vikinguia-
nas entraram no anfiteatro, em coluna
por 8. Após penetrarem o local, dividi-
am-se em duas fracções e abriam em cir-
cunferência. O local bem marcado, per-
mitia alinhamento impecável. A indu-
mentária — blusa branca e calção cinza
— casava-se com a hora crepuscular
de uma tarde outonal. Um piano e
uma banda de música ritmavam os
movimentos. O conjunto era admirável.
A visão panorâmica, encantadora, bem
digna do pincel de um Miguel Ângelo.
As palmas e aclamações eram tão fortes
que por vêzes ofuscavam os acordes
musicais. Que missão admirável para
a mocidade sueca!

O CONGRESSO MUNDIAL DE GINÁSTICA

O Congresso Mundial de Ginástica
desenvolveu os seus trabalhos em seis
dias, de 1.º a 6 de agosto, a duas ses-
sões diárias, uma pela manhã e outra
à tarde, em quatro locais, simultânea-
mente. Sua sede principal era o sun-
tuoso e moderno edifício do Concert
Hall, na rua Real, em pleno coração de
Estocolmo. No Concert Hall, também
funcionou o Bureau Central organizador
da Lingiada. Trata-se de um prédio de
5 andares, com amplas salas, excelente
mobiliário, próprio aos conclaves inter-
nacionais da magnitude e do vulto da-
quele a que assistimos. Só ali funcio-
naram, ao mesmo tempo, em salas dis-
tintas, três sessões do Congresso.

A sessão inaugural foi presidida
pelo príncipe regente Gustavo Adolfo.
Após as orações protocolares, teve
lugar a inauguração da estátua de Pedro
Henrique Ling, em bronze maciço, em
frente ao Real Instituto Central de Gi-
nástica, por êle criado em 1813. A vida

e a obra do grande educador foram evocadas em discursos magistrals.

Durante 6 dias, foram discutidos os temas mais palpitantes da educação física. Mestres credenciados defendiam suas idéias, fruto de apuradas pesquisas e pacientes estudos. As teses expostas eram proferidas em sueco, inglês e francês, os três idiomas oficiais da Lingíada. O seu número elevou-se a 71. O Comité Organizador enfeixou-as em dois volumes e as distribuiu, previamente, aos congressistas. Podíamos, assim, acompanhar os trabalhos, duplamente: pela audição de sua exposição, em plenário e pela sua grafia em letra de forma.

Dentre os trabalhos que mais despertaram a nossa atenção, destacamos:

- 1.º — Ginástica de Elite para homens, do cap. Klas Toreson. Em nosso idioma diríamos ginástica para selecionados. Corresponde a educação física militar para terceiro período anual de instrução;
- 2.º — O Treinamento Muscular, pelo trabalho estático e dinâmico. Esse tema, de alta concepção científica, foi objeto de três teses dos professores Ijostrom, de Estocolmo, Asmussen, de Copenhague e Ionesco, de Bucarest;
- 3.º — O Lugar dos Ritmos criadores num programa de Educação Física, de Gladys Andrews de Morgentawn. Este trabalho se impunha pelo seu alto sentido pedagógico e psicológico;
- 4.º — A Formação do Professor de Educação Física, pelo coro-

nel Antônio Leal de Oliveira. Abarcava nesse trabalho o grande mestre português todos os aspectos de um tema sempre palpitante e atual;

- 5.º — O Espírito de Competição, como meio de educação, do Prof. Risdorp, de Bandoeng. Abordara o autor a influência da luta esportiva, na vida diária do homem que é a luta contínua.

Os demais trabalhos também possuíam altos méritos. Foram meditados por educadores de renomadas credenciais. Encadernados em dois belos volumes, constituem preciosidade da nossa biblioteca, para consulta a qualquer momento.

O Congresso Mundial de Ginástica de Estocolmo foi o maior conclave desse gênero que a humanidade já assistiu. Congregou 1.515 educadores animados de sadio idealismo, de colocar a serviço da educação da mocidade do mundo a experiência, a fé e as luzes do seu saber. E foi digno, pela organização, pela imponência e pelos seus resultados, das finalidades a que se propunha e do grandioso título que trazia.

CURSO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA

A terceira parte da Lingíada constou de dois Cursos Internacionais de Ginástica, realizados em Estocolmo e Lillszed. O curso de Estocolmo tinha a duração de onze dias de trabalho, a cinco horas diárias. Geralmente, o dia escolar compreendia três aulas práticas, duas de ginástica sueca e uma de ginástica acrobática ou de solo, e duas sessões teóricas de metodologia,

organização ou exposição doutrinária do método de Pedro Ling. Quase sempre, a última aula teórica era substituída por um filme de natureza técnica, fixando uma competição, uma aula, uma experiência de laboratório ou aspectos de estabelecimentos de ensino.

O curso de Estocolmo estava dividido em três sessões: uma para os latino-europeus, em língua francesa; uma para anglo-saxões, nórdicos e orientais, em língua inglesa; e outra para latino-americanos, em espanhol. As sessões para latino-europeus e anglo-saxões constaram de turmas masculinas e femininas. O programa era um só para todos. O aluno devia estar em uniforme de ginástica, às 9 horas, no local designado. Executava duas lições de trabalho físico. Depois tinha duas horas para almoço, lá mesmo no estabelecimento. Os alunos de tôdas as sessões, bem como os professores e até o diretor dos cursos entravam em fila, municiavam-se de uma bandeja de matéria plástica e desfilavam em frente a um balcão, dentro do qual se achavam duas a três mulheres empregadas que lhes iam entregando talheres, os diferentes pratos, leite e café. Recebido o último prato, pagavam-se duas coroas, equivalentes a dez cruzeiros em nossa moeda, e tomava-se lugar numa grande mesa. Os professores faziam a fila, mas tinham sala reservada e mesa especial. Quase todos, porém, preferiam ficar ao lado dos alunos, imitando o diretor que preferia o recinto dos estudantes ao seu salão especial. Em meia hora, ou, no máximo, quarenta minutos, estava terminada a refeição. O restante do tempo aproveitava-se para permuta de impressões com os colegas de curso. Indagava-se do sistema escolar, currículos, edu-

cação em geral, cultura, usos e costumes de seus países. Palestramos com franceses, belgas, ingleses, rumenos, tchecos, turcos, gregos, italianos, indonésios, israelitas, egípcios, algerianos, sul-africanos, indianos, nórdicos e sul-americanos. O francês e o inglês eram os idiomas que empregávamos. O intervalo entre os dois períodos de trabalho e o das aulas era um encanto, por essa troca de impressões. Cada dia nos entendíamos melhor. Muitos alunos nos pediam frases em português e em troca nos ensinavam palavras usuais de seu idioma.

Dos representantes do Brasil, dez fizeram o curso em língua espanhola. Nesse número estavam nós, o cap. dr. Armando Bergamini e os quatro colegas da representação do Estado, sob a chefia do cap. Sílvio de Magalhães Padilha. O curso se desenvolveu no Real Instituto Central de Ginástica, criação de Pedro Ling. É um estabelecimento grandioso. Conta com um pavilhão de administração de dois andares, contendo dependências para diretorias, secretaria, congregação de professores, salas de aulas, de projeção, museu, sala de espera, de recepção e muitas outras dependências, afora copa e cozinha. O mobiliário é magnífico. Todo talhado em pinho, um dos esteios da economia sueca. À direita do pavilhão de administração, o pavilhão dos ginásios. Nada menos de quatro ginásios enfileirados, cada um dos quais com modelar e completa aparelhagem. Alí há escadas, espaldares, plintos, barras, traves, vigas, caixões, bancos, cavalos, trampolins, colchões, etc. Parte desse material fica num depósito apropriado, numa das extremidades. O restante serve de adorno ao ginásio. Um sistema de cordéis faz movimentar os aparelhos, colocando-

os no seu lugar, com uma rapidez notável. No alto, em circunferência, ao nível do primeiro andar, arquibancadas em tôda a extensão, com capacidade para quatro a cinco mil assistentes. Alí fizemos as nossas lições. E que lições encantadoras, ricas interessantes, variadas, atraentes. Cada ginásio tem seus vestiários, chuveiros e instalações higiênicas, de amplas proporções e com o máximo de conforto. Á direita, o Instituto de Fisiologia, ocupando um pavilhão inteiro de dois andares. É uma organização científica do mais alto valor, Dispensamo-nos de falar a seu respeito, por ser objeto da palestra do nobre e erudito colega Armando Bergamini.

O Real Instituto Central de Ginástica de Estocolmo ainda não está concluído. Do seu plano, ainda fazem parte uma piscina de recinto, sala de esportes, sala de esgrima, de exhibições e um pavilhão para alojamento dos alunos. Mas a parte já terminada é uma maravilha. Encanta e fascina. Uma lição naqueles ginásios não exige gasto de energia. O prazer moral e espiritual da grandeza ambiente não deixa o físico sentir. O professor sente-se mais inspirado; o aluno mais ágil, mais resistente, mais esbelto. Os três pavilhões com todo aquele mundo de dependências e aparelhamento custaram 2.500 coroas, o que equivale a dizer 12.500.000,00 em moeda nacional.

Muitas vêzes, ao fazer uma lição de acrobacia, dirigida por mestres insignes, ao assistir uma aula em classe, meu pensamento deixava a Suécia, sulcava os horizontes, transpunha o oceano e vinha ao Brasil, vinha até São Paulo, até a nossa Escola. Em meio daquela Grandeza eu pensava nas nossas instalações, animado da esperança de que não está longe o dia que teremos

séde digna das tradições da Fôrça Pública, digna da terra gloriosa de Piratiniga.

Do Curso Internacional de Ginástica, recebemos o diploma, assinado por três mestres de nomeada, três luminares da educação física sueca, da educação física mundial. Recebemos, também, tôda a documentação escolar, para difusão na Escola e entre todos os oficiais diplomados, segundo plano que submetemos à apreciação da Diretoria Geral de Instrução.

Não pudemos esperar o Acampamento Internacional de Ginástica. O tempo que nos foi concedido não permitia maior demora na Suécia. Participamos, porém, ativamente de tôdas as outras partes da Lingsida e exatamente daquelas que mais nos interessavam.

O método sueco que conhecíamos, aquele que esteve em vigor na Escola até 1.933, bem conhecido da maioria da oficialidade, mereceu severas críticas dos entendidos no assunto. Encantava pela estética, pelo ritmo disciplinado dos movimentos, pela harmonia dos conjuntos. Era propício a demonstrações espetaculares. Mas as críticas tinham fundamento. As paradas bruscas, a falta do sentido da maior extensão, do arredondamento dos movimentos, do trabalho adequado às diferentes idades e ao valor físico individual, o quase desconhecimento da fisiologia aplicada, eram senões que conspiravam, decisivamente, contra o valimento científico da doutrina de Ling.

O método de Ling hoje está completamente modificado. A ginástica acrobática e de solo são partes integrantes do sistema. E' colossal a lista dos exercícios que alinha. A ginástica de balanceio, procurando a direção natural

dos segmentos humanos é graciosa, atraente e fisiológica. A educação física infantil prende e domina a petizada. A educação física feminina é atraente e científica. As demonstrações são encantadoras, mas é um encanto natural, espontâneo, dentro das normas da fisiologia e da pedagogia aplicadas. O método sueco de atualidade, é, sem favor, uma doutrina respeitável de educação física contemporânea.

A ESCOLA DE JOINVILLE

A educação física francesa também mereceu as nossas atenções. Fomos à luminosa Paris e visitamos a escola de Joinville-le-Pont que diplomou os nossos primeiros mestres Delphin Balacié, Louis Lamaitre e Delbor, os fundadores da nossa Escola. Joinville fica a 40 minutos da capital francesa, no departamento do Sena, banhado pelo lendário rio em cujas margens Napoleão sonhou dormir e dorme, em realidade, o último sono. A Escola foi edificada no reduto de Fasanderie, baluarte da defeza de Paris. De lá saiu o método que ainda está oficializado entre nós.

Os educadores franceses estão introduzindo profundas modificações no seu sistema. Dentro de pouco tempo velo-e-mos completamente transformado. Joinville, hoje, é uma escola para formar "mestres de educação Física". No idioma nacional diríamos um curso correspondente aos monitores militares ou aos professores primários de educação física. Para a formação de professores secundários e superiores, foi criada, ao lado de Joinville, a Escola Normal Superior de Educação Física, com curso de 5 anos e currículo universitário. Também foi criado, à sombra da Escola de Joinville, o Instituto Nacional dos Esportes, para formação de técnicos

em tôdas as modalidades desportivas e para altas pesquisas científicas no campo da fisiologia desportiva. Os três estabelecimentos se constituirão, por certo, nos dias de amanhã, na universidade da educação física francesa. As instalações do Instituto Nacional dos Esportes e da Escola Normal de Educação Física ainda não estão concluídas totalmente, mas já deixam antever a sua grandiosidade. A velha Europa, nesse setor, está muitos pontos acima dos países sul americanos e de nós brasileiros.

A reforma operada na França abrange, também, a educação física militar. Foram criados dois Centros de Treinamento Físico Militar para formação de instrutores e monitores de educação física e esgrima, aquele em Peau, Baixos Pireneus, e este em Autils, nos Alpes Meridionais. Era outra tarefa que pertencia a Joinville e que agora passou à alçada exclusiva do exército gaulês.

OS MILITARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA EUROPEIA

Papel de singular relêvo desempenham os militares na educação física europeia. N Suécia essa influência é marcante e evidente. O Real Instituto Central, de Estocolmo, é dirigido pelo capitão Klas Toresson, a Escola de Ginástica, de Lund, é dirigida pelo major J. G. Thulin. Foi presidente do Congresso Mundial de ginástica e vice-presidente da Lingiada, o cap. Ligjegren, secretário geral do Congresso o major Kragh. Na direção das demonstrações tiveram função de relêvo o tenente coronel Hafel e o major Johnson, o capitão Vrang e o tenente Hagberg. Em quase tôdas as delegações dos 60 países representados na Lingiada, via-se o professor militar. Por uma questão de

ancestralidade, acompanhamos com carinho o trabalho da delegação portuguesa, composta de sete professores e de vinte atletas. Duas figuras da delegação lusa se impuseram, desde logo, à admiração de todos os participantes da *Lingíada*, por notável atuação. Eram dois soldados ilustres do exército português - o coronel Antônio Leal de Oliveira e o capitão Feliciano Marques Pereira. São dirigentes da educação física de sua pátria. Leal de Oliveira integra o Conselho Superior e Marques Pereira dirige o Instituto de Educação Física de Portugal.

—
A nossa participação na II *Lingíada*, que foi a maior reunião da cultura física mundial de todos os tempos, permitiu-nos, inicialmente, um contacto com o mundo e a humanidade em educação física. A Escola da *Fôrça* já tinha renome continental, conquistado por atuação brilhante, no Primeiro Congresso Pá-Americano de Educação Física, realizado em 1943, no Rio de Janeiro; já tinha o alto galardão de duas teses aprovadas com louvor, fóra do País, em 1947 na Terceira Conferência de Professores de Educação Física de Buenos Aires; já tinha, na mesma República Argentina, antes de comparecer à Terceira Conferência, situação privilegiada, por ter proporcionado estágio de dez dias aos ilustres professores portenhos Luiz Andréa Martin e Hermes Perez Madrid. Esses mestres argentinos sempre falavam carinhosamente da nossa escola. Certa vez trocávamos idéias sobre aspectos de cultura física de São Paulo, numa reunião em Buenos Aires. E Luiz Martin disse a um colega civil daqui de Piratininga, nosso companheiro de representação em 1947, que para êle a edu-

cação física de São Paulo era a "*Escolinha*" da *Fôrça Pública*. O termo "*Escolinha*" empregou Martin com carinho afetividade que nos emocionou. Hoje, êsse renome, conquistado com trabalho, aumentou. A diversidade de língua não constituiu obstáculo para nós e o capitão dr. Bergamini, no intercâmbio com educadores e entidades da Europa, Ásia, África, América e Oceania. Permitiu-nos, de outro lado, a participação no conclave elementos para julgar as nossas atividades e a nossa situação. Podemos, hoje, afirmar que a formação do professor brasileiro de educação física é excelente. Particularizando sem ostentação, sem jacobinismo, podemos proclamar que os oficiais e médicos, diplomados pela Escola da *Fôrça Pública* podem nivelar-se com os professores de qualquer nação. Vimos, ainda, que a organização desportiva do Brasil é das mais perfeitas do mundo. Mas, vimos também, cousas que desejamos existissem aqui em nossa terra. As instalações das Escolas Europeias são notáveis. Grandes edifícios, com acomodações para tôdas as atividades e abundante aparelhagem e material. Assim, vimos o Real Instituto Central de Ginástica, de Estocolmo, a Escola Normal Superior de Educação Física e o Instituto Nacional dos Esportes, da França e as Escolas de Lund e Copenhague, através da descrição de seus alunos e professores. Encontrou-nos — e esta foi uma das maiores impressões que nos deixou a *Lingíada* — o clima propício à educação física em tôda a Europa. Na Suécia, o rei, aos 88 anos de idade, freqüenta as praças de esporte e faz suas práticas físicas; os dois príncipes herdeiros, em primeira e segunda sucessão, são campeões de esgrima.

ma; os ministros de Estado encontram tempo para suas lições de ginástica; as donas de casa, o esteio do lar, têm a educação física programada entre suas ocupações diárias, os capitães de mar e guerra vestem um calção e vão, espontâneamente, ensinar esporte náutico às crianças; padres transformam-se em guias da mocidade esportiva. As crianças, os jovens e todo o povo da nação, ante tão salutar exemplo, acorrem presurosos à praças de esporte. Os frutos desse trabalho apresentam-se claramente. Não há, ali, as tristíssimas legiões de inválidos; o índice das afecções pul-

monares é diminuto. O homem produz mais e melhor; sai à rua com qualquer tempo, com neve, com chuva, e com sol, sem sentir a menor alteração orgânica; os modelares hospitalais não vivem superlotados, como os nossos.

A Lingiada permitiu-nos ainda, constatar que o século do rádio, da electricidade, da energia atômica, é, por excelência, o século de afirmação da educação integral. *Ginástica para o corpo e música para a alma*, de Platão, e *Mens sana in corpore sano*, de Juvenal, proclamadas há milênios, são verdades palpantes do mundo moderno.

Indústrias Cama Patente - L. LISCIO S. A.

A MAIOR FÁBRICA DE CAMAS DA AMÉRICA DO SUL



GRANDES FORNECEDORES DO EXÉRCITO NACIONAL

FORÇAS POLICIAIS — COLÉGIOS — HOSPITAIS etc.

MATRIZ

São Paulo

Rua Rodolfo Miranda, 97

FILIAIS

Rio de Janeiro — Recife —

Bahia — Belo Horizonte —

Pôrto Alegre. —

DE "MEMÓRIAS", livro em preparo

Ten. cel. LUIZ TENÓRIO DE BRITO

Quando, a 3 de outubro, cheguei a São Paulo, a cidade como que despertava de importuno pesadelo. Mantida a população durante três meses sob atmosfera artificial que a imprensa e o rádio alimentavam e as circunstâncias justificavam, o desfêcho negativo da revolução trouxe-a bruscamente à realidade. E há então o que invariavelmente ocorre em tais ocasiões: a procura de um responsável. Com as faculdades de exame e de raciocínio paralisadas, as causas remotas e determinantes do fracasso ficam no olvido, relegadas à posteridade que as estudará devidamente, distribuindo responsabilidades que o presente não pode fazer. Mas aí será tarde demais para a curiosidade do momento. E' da história. Coube, entre nós, ao coronel Herculano de Carvalho e Silva, comandante geral da Fôrça Pública o ingrato desígnio, como alhures tem acontecido em circunstâncias idênticas a conspícuas personalidades, ser apontado como o causador da derrota. O futuro, porém, na «voz da história» absolverá êsse valoroso chefe das injustas increpações que lhe atirou desordenada paixão.

Chamado no dia 7 ao Q. G. da Fôrça Pública, notificou-me o coronel Herculano, ainda no Comando Geral, haver sido eu designado para o comando do 8.º B. C., com a respectiva sede transferida de Itapetininga para Campinas.

— Comandante, — ponderei, — estou pronto a cumprir ordens; lembro-o, porém, que no meu setor de guerra tive como adversário o general Valdomiro Castilho de Lima, atual governador militar de São Paulo.

— Mas, — esclareceu Herculano, — você foi escolhido para essa comissão exatamente pelo general Valdomiro de Lima o

qual, pedindo uma lista dos maiores da Fôrça, assinalou o nome daqueles que, a seu ver, se distinguiram na luta armada, com êles preenchendo interinamente os claros existentes no quadro de tenentes coroneis.

Um quarto de hora depois, apresentado pelo coronel Herculano, estava eu em frente ao governador militar de São Paulo. Moreno e atarracado, interrompeu o general a palestra que entretinha ao fundo da sala de despachos do Palácio dos Campos Elíseos, vindo ao nosso encontro. Correspondendo ao cumprimento militar que lhe fizemos, perguntou-me qual tinha sido o meu setor de ação. À minha resposta, volta-se rápido para alguém que o acompanhara até o grupo, exclamando: «Ligiana. Foi a minha última proeza. Ao amanhecer do dia 1.º de outubro fiz ali 600 prisioneiros».

— Realmente, — objetei, — num impulso irreprimível. Elaborou V. Excia. largo plano de envolvimento o qual, aplicado, deu êsse resultado à esquerda da ponte de Ligiana; do lado direito fracassou, no entanto, anulado pelas tropas que eu comandava.

E foi esta a primeira e a última vez que eu ví o general Valdomiro Castilho de Lima. Indiretamente, porém, ainda viemos a nos encontrar em situação assás delicada, para mim pelo menos.

Instalado o batalhão em sede provisória, conjuntamente com a Delegacia Regional de Polícia, no velho casarão da rua Marechal Deodoro com Regente Feijó e distribuidas as Cias., respectivamente em Bragança, Amparo, Araras e Piracicaba, para melhor atender ao vasto setor de policiamento que lhe foi confiado, entrou a valente unidade da Fôrça em febril atividade, dentro de suas verdadeiras finalidades. Nessa fase de árduos trabalhos, é-me grato recordar o esforço, a lealdade e o espírito de cooperação que encontrei da parte de tôda a oficialidade, cumprindo-me destacar a ação inteligente e dedicada à causa pública daqueles que comigo mais de perto privaram, os então capitães Pedro Prado Filho, sub-comandante, Firmino Gonçalves da Silveira, ajudante. Otoniel Eugênio Aranha, Roberval de Menezes, Cícero da Costa, Rodrigues Alves, João Batista dos Santos, Odilon Aquino de Oliveira, Valfredo Toscano de

Brito e os tenentes Fredolino Prates, Aimoré de França e José Feliciano Martins, intendentess os dois primeiros, secretário o último.

Rendendo piedoso e patriótico preito de homenagem aos bravos campineiros tombados na luta armada em que se empenhou São Paulo contra a ditadura, pela volta do país ao regime da lei, promoveu-lhes Campinas o descanso eterno no campo santo da terra natal. Ainda no mês de novembro de 1932 chegaram, só de uma vez, 18 úrnas funerárias contendo os restos mortais de quantos de seus filhos foi possível identificar nas várias frentes de combates. Sendo os primeiros, quis a heróica cidade solenizar o ato de inumação no mausoléu especialmente construído para os receber no Cemitério da Saudade. Organizado o programa, pelo qual a população acompanharia o préstito da estação da Paulista até a Catedral e daí, após a cerimônia religiosa, pelo bispo D. Campos Barreto, para o Fundão, recebi no meu gabinete de comando, a comissão respectiva, sob a direção do vibrante Adalberto Maia, a qual me fêz entrega do officio-convite para que se integrasse o 8.º B. C. na recepção em preparo, aos mortos queridos.

Historiando o caso ao Comandante Geral da Fôrça Pública, coronel Dimas de Siqueira Menezes, do Exército, opinava pelo consentimento. Em resposta, recebi ordem para vir à Capital. Disse-me então o comandante que o governador militar, temendo perturbação da ordem, não concordava com a minha sugestão. Procurei demonstrar nada haver a temer-se pois que, conforme frisara em meu officio o espírito dominante em todas as classes sociais era o de respeito aos mortos, não o de represália a quem quer que fôsse. Cortando os meus argumentos, reafirmou o comandante a resolução adotada. Sem perder a calma, apelei para uma reconsideração, aduzindo circunstâncias várias, entre as quais a de ser paulista a Fôrça Pública de São Paulo. Boa política seria, da parte do general Valdomiro, a concessão, mesmo porque, disse, tornarei público o motivo da ausência do batalhão nas solenidades. Despedi-me e saí.

Ao chegar em Campinas encontrei um radiograma autorizando-me a agir no caso de acôrdo com o que me parecesse razoável. Em consequência, prestou o 8.º Batalhão as conti-

nências regulamentares, provocando a marcha fúnebre que a banda de música executou a mais funda emoção no seio da imensa massa popular que se comprimia na Praça da Catedral, por ocasião da saída dos féretros, em demanda do cemitério. Solicitado pela comissão, coube-me ainda chamar, pelo nome, a cada um dos dezoito bravos que ali jaziam, no momento de ser recolhida a urna ao jazigo perpétuo.

Partiu assim da gloriosa Campinas a primeira manifestação de justiça e de reabilitação da Fôrça Pública de São Paulo, no equívoco em que se viu, naqueles dias angustiosos da terra bandeirante.

Ao entrar em São Paulo, como general vitorioso e governador militar da terra conquistada, anunciou o general Valdomiro de Lima considerar a Revolução Constitucionalista acontecimento ocorrido há 50 anos passados. Êle, que tanto fizera com as suas famigeradas proclamações de estilo napoleônico, incertos em Vitória ou Derrota?, procurando brechas entre as classes sociais paulistas, tentava ainda, com a frase demagógica, quebrar a união de São Paulo, em proveito próprio. Chega-se a tais conclusões diante da fundação, sob seus auspícios, do Partido da Lavoura, agremiação política destinada a alicerçar-lhe o prestígio civil, em Piratininga. Não logrou êxito o empreendimento. Seu partido teve tão efêmera existência quanto o seu govêrno. E é de se notar que foram exatamente os seus irmãos ditatoriais que lhe atanazaram a vida em São Paulo. Ciúmes, por ter primeiro alcançado o apetitoso pomo que era o Palácio dos Campos Elíseos? Mistério. O paulista mimoseou-o apenas com alguns epigramas cujo sentido e cuja razão de ser não sei até onde justificar-se.

Vereador à Câmara Municipal de São Paulo, na legislatura 1936-37, minha poltrona ficava ao lado do engenheiro Gaspar Ricardo.

Conversando certa vez com êsse ilustre homem público, contou-me êle suas relações com o general Valdomiro Castilho de Lima. Fôra Gaspar Ricardo, na Escola Politécnica, da qual era professor, dos mais eficientes combatentes do Movimento Constitucionalista, aplicada sua atividade na fabricação de morteiros e bombas. Terminada a revolução, recebeu um chamado

do governador militar. Comparecendo ao Palácio, foi surpreendido com o convite do general para reassumir a direção da Estrada de Ferro Sorocabana.

«Mas, general...»

— Não tem «mas», não tem nada, retrucou o governador. A Sorocabana e o senhor, são inseparáveis. Não pode viver uma sem o outro. E depois há a Mairinque-Santos, que é preciso acabar.

Gaspar Ricardo, leal e austero, vida pública ilibada, sentiu-se aniquilar. Como conciliar, com as suas convicções paulistas, um cargo na administração do governador militar de São Paulo? A idéia de ver funcionando a Mairinque-Santos, fê-lo aceitar o convite. Algum tempo depois foi-lhe apresentado pelo general certo empreiteiro que se propunha concluir as obras.

— Homem capaz e dispondo de todos os requisitos exigidos pela magna empresa, recomendo apenas, — acrescentou o governador, — todo o cuidado na elaboração do contrato que porventura chegarem a combinar.

Foi um mal. Levando ao pé da letra a recomendação, foi talvez o diretor da Estrada excessivamente exigente e em consequência, só em 1938 correu a primeira locomotiva entre Mairinque e o grande pôrto brasileiro. Relembrando o episódio, concluiu o saudoso Gaspar Ricardo, jamais haver notado no general Valdomiro de Lima a menor intenção de intervir em qualquer espécie de negócio ligado à administração da Sorocabana.

Atropelado pelos próprios companheiros de «renovação» do Brasil, cuja rede de intrigas o envolveu em suas malhas, até o parente ditador, abandonou afinal o governo de São Paulo, a 27 de julho de 1933, o general Valdomiro Castilho de Lima. Antes, porém, de deixar o Palácio, pregou à Fôrça Pública uma grande peça. Em edição suplementar do Diário Oficial desse dia, promoveu ao posto imediato todos os oficiais da Fôrça. Grande alvoroço ocorreu então nos arraiais da milícia, chegando ao interior do Estado o eco das discussões em tórno da legalidade ou não do ato intempestivo do governador demissionário.

Dois dias depois disso chegou de surpresa em Campinas o novo comandante geral da Fôrça, coronel Alkindar Pires Ferreira, nomeado pelo general Daltro Filho, interventor no Estado. Acompanhava-o o ajudante de ordens, 1.º ten. Rocha e o coronel Teófilo Ramos, ambos da Fôrça.

Recusando sentar-se e um tanto agitado, foi logo dizendo o coronel Alkindar: — Não vim fiscalizar o seu batalhão. Aqui estou para ouvir-lhe uma opinião. Que pensa o sr. do decreto de promoção em massa do general Valdomiro ?

— Comandante, se me permite, prefiro responder-lhe a pergunta presentes os meus oficiais. Satisfeita a condição, expendi sôbre o rumoroso caso o meu pensamento. — Dispõe a Fôrça Pública de leis e regulamentos sôbre a importante matéria. Irregularíssimo, pois, o ato em aprêço, além de trazer em seu bojo visível descortezia à corporação. Deve, pois, ficar sem efeito.

E ficou. Despediu-se o coronel, regressando imediatamente a São Paulo.

* * *

Capitão Dr. José Nogueira Sampaio

ADVOGADO

* * *

Rua Barão de Itapetininga n.º 50 — 7.º andar, salas 725 a

729 — Telefones 6-6216 e 4-4210

SÃO PAULO

Há pouco tempo, na Torre de Contrôle dum campo de aviação americano, foi recebida a seguinte mensagem: "Fala o cadete Jones. Meu indicador de gasolina está a zero. Que devo fazer?".

O oficial da Torre de Contrôle, já pensando em dar instruções para uma aterragem forçada, respondeu: "Não se afobe, cadete! Calma! Onde é que você está?".

O cadete, realmente calmo, replicou: "Estou no avião, na pista. Não levantei vôo ainda."

As Polícias Estaduais

(Transcrito do "Jornal do Comércio" Rio, de 27-10-49).

Escreve-nos o coronel reformado do Exército, Amílcar A. Botelho de Magalhães:

"Bem sei que vou mexer com casas de marimbondos e também, por alguma prática que tenho do sertão, sob o comando do maior e do mais insigne dos nossos sertanistas — o inigualável General Rondon — avalio com exatidão, por conhecimento de causa, a intensidade das picadas raivosas dos pequenos cabas brabinhos, das médias vespas ou dos corpulentos apiacás a que vou expor minha epiderme. Não importa! Viso a segurança de nossa Pátria, o aperfeiçoamento de seus órgãos administrativos e a solidificação de um conceito que considero o alicerce indeformável e bem calculado do portentoso arranha-céu da Defesa Nacional, constituído pelos três elementos da era atual: Exército, Marinha e Aeronáutica.

As estes três "grands-muets" é que devem estar exclusivamente confiados os problemas da defesa da Pátria.

A organização de Brigadas Policiais e Polícias Estaduais ou dêste Distrito Federal, com caráter militarizado, é uma anomalia, é cousa de antanho que precisa ser eliminada; ao invés destas tropas, que eu denomino de "exércitos-mirins", o que se faz mistér no Rio de

Janeiro, nos Estados de S. Paulo, Minas-Gerais, Rio Grande do Sul e em outros Estados que lhes vêm copiando o péssimo exemplo, é criar os serviços civis de policiamento: a "gendarmérie". Nada de acampamentos, de altas cavalaria, de metralhadoras, de concursos hípicas, de botas, esporas, perneiras, talabartes; mas, corporações de guarda-civis, armadas apenas de revólveres e "casse-têtes".

O fim da polícia é, sem nenhuma possibilidade de contestação lógica — policiar — e não o preparo para a guerra ou para "bancar" a Reserva das Forças Armadas Regular, pois que, para isto e para estas, os regulamentos em vigor explicam a maneira técnica de criar as respectivas reservas. Ao tempo da infernal "politicalha", em que os presidentes de Estados e mesmo prestigiosos chefes políticos locais é que escolhiam até o General Comandante das Regiões Militares (!) e outras autoridades semelhantes, vá lá que existissem as polícias militarizadas, ao molde desses exércitos-mirins com que os Estados ameaçavam a hegemonia da União e algum presidente da República, atrás delas, se entrincheirava contra possíveis movimentos subversivos do Exército e da Marinha! Hoje, não! As Forças Armadas governam-se tènicamente, in-

dependentes da politicagem, olhos fitos exclusivamente na sacrossanta imagem da Pátria!

Quando a fracassada revolução de 1930 — que tudo veio piorar, principalmente pela quebra das doutrinas de Caxias e inclusive por ter dado lugar à implantação da mais nefasta das ditaduras — pretendeu, na retardada Constituição de 1934, extinguir o cancro político desses sub-exércitos, a ação dos politiquinhos (o Rio Grande do Sul à frente...) derrotou o pugilo de patriotas que intentaram impor a salutar medida profilática, que estabelecia a extinção das polícias militarizadas — e... “tudo continuou como antes... no quartel de Abrantes!...”

Torna-se agora urgente que, de acordo com os dispositivos dos artigos 5.º e 6.º da Constituição em vigor, recém-nascida a 18 de Setembro de 1946, use a União de seus direitos de legislar (inciso XV — letra f) *sobre a organização, instrução, justiça e garantias das polícias militares e condições gerais de sua utilização pelo Governo Federal nos casos de mobilização ou de guerra* — para decretar a mudança de rumo que se impõe à razão ou, sem mais ambages, a extinção desses exdruxulos cistos, para em seu lugar estabelecer corporações civis que exerçam de fato o policiamento das grandes metrópoles e outras cidades, como sucede normalmente por toda a parte do mundo civilizado. E jamais se cogite então da mobilização dessa tropa que imita mal as atividades do Exército Permanente, cujas garantias e prerrogativas lhe são sempre abusivamente extensivas, sobrecarregando as despesas da Nação e ameaçando a solidariedade dos Estados, como partes integrantes da União e pondo em xeque

a autoridade máxima do próprio Governo Central!

Em consequência, quedariam nulos, à falta de objeto, o artigo 183 e seu parágrafo único da Constituição por que nos regemos.

Ao tempo em que estudei os meus cursos das três armas, de estado-maior e de engenharia-militar, passaram-me pelos olhos as organizações militares das principais potências mundiais e jamais deparei com casos que se assemelhassem ao do panorama brasileiro, neste setor, no qual às ilhargas das Forças Militares Regulares, inventava-se:

a) — a cômica fantasmagoria da Guarda Nacional da República, com os seus milhares de *oficiais* travestidos de militares, sob espalhafatosos uniformes e cujos postos eram atingidos de acordo com as possibilidades financeiras dos candidatos (!?), os quais se inqueriam mutuamente de que lado deveriam colocar a espada, quando tinham de fardar-se!...

b) — as artificiosas policiais militarizadas que outra coisa mais não representam no sopear dos problemas do preparo da Nação para a guerra, que o do zero à esquerda dos números concretos da Defesa Nacional.

Assim como chegou a hora auspiciosa em que aquela *desorganização* levou um brilhante xeque-mate, ao ser instituído no Brasil o serviço militar obrigatório; torna-se inadiável liquidar completamente estes pseudo-exércitos que, em tantas circunstâncias têm representado, na paz, o papel de guardas-pretorianas de desabusados mandões caudilhescos.

As questões de interesse pecuniário da oficialidade das atuais polícias mili-

tares teriam a solução racional do respeito aos direitos adquiridos, mediante a reforma, nos postos imediatos, com vencimentos integrais pelo resto da vida desses servidores. E quanto mais demorar a solução racional que preconizamos e que estou seguro de que merece o aplauso das Forças Armadas Legítimas, tanto maiores serão os ônus para

a Nação, a fim de normalizar a verdadeira Defesa Nacional. Os sargentos e as praças graduadas ou simples — contando o tempo de serviço nas polícias — seriam incorporados nas unidades do Exército, de conformidade com as armas de que procedessem: infantaria ou cavalaria, mediante a necessária revisão de seu preparo profissional”.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47



Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial ... 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

A maneira mais fácil e mais segura de viver honradamente neste mundo consiste em ser, na realidade, o que parecemos ser. (Sócrates).

* * *

O mais nobre de todos os motivos é o bem público. (Vergílio).

* * *

A vida se lhe escapou por um buraco de bala. (“El Tiempo”, Bogotá).

CAFÉ ROCHA — O amigo dos bons paladares

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr. \$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z:

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
— RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

Os percalços do serviço policial

Ten. cel. LAÉRCIO GONÇALVES DE OLIVEIRA

A um espírito desavisado poderá parecer que a aplicação de punições e recompensas aos elementos empregados no serviço policial-militar, seja tarefa das mais fáceis a cargo dos Comandantes e dos Chefes. E dizem: bem, se o regulamento peculiar é tão claro, minucioso e explícito, onde está a dificuldade? A cada transgressão corresponde sempre um daqueles "números" do artigo 13.º com suas inseparáveis letras-guias a nos levar mais para diante à classificação da transgressão e a sua pena correspondente. E aquela coisa das atenuantes e das agravantes, então, não simplifica tudo?

Trata-se de premiar. Agora tudo é mais fácil, pois a lei só as classifica e dá competência para concessão. Nada de números nem de letras.

Muito simples e fácil, não é? Pois muito enganado estará quem, munido dum texto do R.D. julgue estar em ponto de bala para corrigir ou premiar oficiais e praças empregados no serviço policial, dentro de um critério moral, isto é, com justiça.

Os fatos se apresentam, a maior parte das vezes, revestidos de certa complexidade e intrincadas incógnitas para serem solucionadas antes da aplicação total da lei.

Aqui trago à curiosidade e perspicácia dos leitores duas pequenas amostras de fatos sucedidos com praças desta Fôrça. Não aponto os verdadeiros nomes e dou um sentido geral ao conto. Ninguém queira calçar a bota porque "qualquer semelhança é mera coincidência".

Um dos mais ricos e conceituados proprietários de casas e terrenos de certa cidade do interior do Estado, dirigiu-se por carta ao Comandante do Batalhão das praças destacadas naquela localidade. Na missiva êle pedia a retirada de um soldado, digamos logo, do Reduzino, porque, dizia: "êle está incompatibilizado com o povo desta cidade". No mesmo dia outra reclamação chegava às mãos do oficial; era do chefe do Diretório Político local e, confirmando o máu conceito do Reduzino, afirmava ainda estar a população enojada do seu procedimento. Com esta carta e mais outra assinada por "velhos moradores", sem firmas reconhecidas, estava formado o plano de fogos, sob o qual o pobre soldado teria de abandonar, depois de 5 anos de estada no local, casa e família para ir a outras plagas.

Diante da insólita barragem recebeu ao comandante do batalhão, ser seu primeiro dever punir com muita severidade o subordinado "espécie de perigoso Dioguinho", a pôr em sobressalto o sossegado burgo.

Mas o calombo do officio lhe ensinara a ser prudente. Indagou do delegado, do juiz, do prefeito e do graduado comandante do destacamento informações sobre o acusado.

As autoridades disseram que a praça era cumpridora de seus deveres, bom chefe de família e bom soldado, contra o qual não tinham queixa. O comandante do destacamento confirmou e declarou ter recebido acusações das mesmas pessoas que se haviam dirigido diretamente ao batalhão, mas não tomára conhecimento delas porque não tinham

fundamento sério, pois conhecia o seu homem.

Ouvindo o acusado Reduzino, apresentou uma decisão da Comissão de Arbitramento de alugueis local, aconselhando-o a não pagar o preço excessivo que lhe exigia o locador da casinha que alugava para sua família e na qual se achava desde longo tempo.

Acontecia que a pessoa do locador, a do proprietário rico e conceituado, autor da reclamação e a do político influente do Diretório local era a mesma, sendo também pessoas suas subordinadas os autores da carta com as assinaturas.

Reduzino permaneceu na cidade, tranqüilo no cumprimento de suas obrigações, como era justo. Quanto ao falso e ambicioso acusador deve estar, a estas horas, se lembrando que o velho Fedro com a sua "Avium saepe deludit aviditas", tinha muita razão.

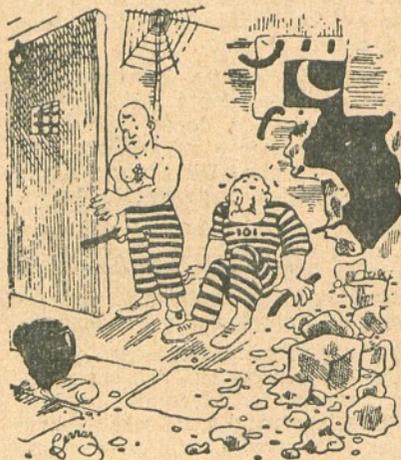
Para terminar transcrevo, para a apreciação dos camaradas, um trecho final de uma notícia publicada num diário da terceira cidade do

Estado, depois de uma púgna futebolística sem incidentes entre um clube visitante e outro local. Motivou essa tirada, a decisão tomada pelo oficial comandante do policiamento de fazer escoltar, por duas praças, o juiz da pelêja, que estava na iminência de ser atacado pelos aficionados do esporte dos ponta-pés, os quais não concordavam com a sua atuação.

"O JUIZ

Dirigiu o confronto o sr. Orlando Rosante, da F.P.F., que teve uma atuação fraca, permitindo que os visitantes abusassem do jôgo viril; consignou um penal hipotético, deixando de marcar diversos contra os corintianos, em faltas cometidas por Rubens em Dirceu na fase inicial e Vilalba no 2.º tempo. Prejudicou o transcorrer da pelêja sendo a maior vítima a esquadra esmeraldina. Como maior comprovante temos o fato da autoridade policial em campo ter concedido uma escolta ao arbitro, na saída. Achamos o gesto da polícia muito arbitrário, pois o delegado deveria chamar a atenção do juiz, responsabilizando-o pelas ocorrências" (Diário do Povo — Campinas — de 29-III-1949).

Sem comentários...



— Olha! Olha! O guarda nem tinha fechado a porta!...

(Ric & Bac, Paris).

Durante a ocupação de seu país, o rei Cristiano da Dinamarca notou que tremulava uma bandeira nazista no prédio de uma repartição pública em Copenhague, observando então, a um oficial germânico, que aquilo contrariava dispositivos expressos de um tratado entre a Dinamarca e a Alemanha. O oficial respondeu que a bandeira fôra posta ali segundo instruções de Berlim.

— Retirem essa bandeira antes do meio-dia; do contrário, mando um soldado para retirá-la, declarou o monarca.

Quando faltavam cinco minutos para as doze, o pavilhão nazista ainda lá se achava, e, diante disso, o rei anunciou que enviaria um soldado para removê-lo.

— O soldado será fuzilado, avisou o oficial nazista.

— O soldado serei eu, respondeu tranqüilamente o rei.

Arriu-se então a bandeira...

Carabinero y el "super yo"

WALTER LUZIO VIEYRA

Capitán de Carabineros de Chile

Jefe de la Sección de Reglamentación de la Dirección General de Carabineros. Oficial graduado en el Instituto Superior de Carabineros. Autor del libro "Ensayos Culturales y Profesionales", de interés para la instrucción de todo el personal de la Institución. Tomó parte en el Décimo Congreso Científico Americano, con dos trabajos que merecieron amplia aprobación.

La vida del hombre en sociedad está influida por innumerables factores de todo orden, algunos de los cuales conviene conocer, aunque sea en parte, para encauzarlos por la línea más de acuerdo al bienestar y felicidad de cada uno dentro del grupo de que forma parte.

Esas influencias que dominan en la vida del hombre, son de carácter material o psicológico, las que, en sus múltiples facetas, se relacionan perfectamente entre sí.

Según las más recientes conclusiones de los psicólogos, todos nuestros actos y, por supuesto, los correspondientes impulsos, deseos, temores, etc., son armonizados y controlados por el "aparato psíquico", el cual consta de tres sistemas: el sistema subjetivo, el objetivo y el sistema del "yo".

El organismo siente ciertas necesidades, como comer, procrear, descansar, distraerse, etc., las que se traducen en



WALTER LUZIO VIEYRA

una especie de malestar desagradable que estimula el sistema subjetivo cuando no son satisfechas. Estos estímulos —

Como se ve — provienen de zonas determinadas del cuerpo, que se han llamado "fuentes somáticas".

Parece que la naturaleza de estos estímulos coincide con la energía de los instintos fundamentales, como el hambre, la sed, la sexualidad, etc. Este último, por ejemplo, desarrolla una energía poderosa, que Freud ha designado con el nombre de "libido".

El sistema subjetivo, mediante un segmento receptor, transmite estos estímulos al cerebro; otro segmento, el representativo, es una especie de archivo donde están almacenadas todas las imágenes de los objetos que sirven para dar satisfacción a las necesidades de cada instinto. Este sistema cuenta también con otro segmento: el efector, que es el que se encarga de realizar las acciones consumatorias e finales.

Por medio del sistema objetivo nos damos cuenta de lo que ocurre en el mundo exterior, y, para ello, se vale de sus tres elementos: un segmento aferente o receptor, que lo constituyen los órganos sensoriales, como los ojos, oídos, etc., que reciben las impresiones de lo que ocurre en el mundo, fuera de nosotros; uno representativo, que está en las zonas de la corteza cerebral, graba las imágenes del mundo exterior y reproduce los cuadros, aun cuando los objetos reales no estén presentes. El segmento efector, que está formado por un conjunto de músculos destinados a conseguir la adaptación de los órganos sensoriales mencionados anteriormente. Este sistema reproduce lo más fielmente que puede la realidad circundante, sin variar sus características.

Tal mecanismo es lógico y moral, por cuanto nos pone en el conocimiento de si las cosas que existen en la vida

exterior coinciden con la imagen que ya tenemos de ellas, y si son las convenientes para satisfacer las necesidades de los instintos que las reclaman.

Por último, el sistema del "yo" no recibe los estímulos del exterior, sino de los dos sistemas anteriores. El "yo" entra en acción sólo cuando las fuerzas psíquicas han alcanzado una intensidad que amenaza la integridad del individuo. Cuando el sistema subjetivo produce energías demasiado fuertes — como cuando el individuo se pone en actividad movido por el hambre, la sed, el apetito sexual —, estimula al sistema del "yo". Este estímulo puede también provenir del sistema objetivo, como es el caso del que huye de un peligro.

El "yo" percibe el aumento de la tensión de las fuerzas psicológicas como sensación de desagrado. Cuando esa tensión disminuye, se produce una calma que la gente considera como un desahogo, que, desde luego, le agrada. El "yo" procura mantener al individuo en un mínimo de tensión para mantener el agrado constantemente.

El sistema del "yo" cuenta también con sus tres segmentos, como los anteriores. No está todavía determinado dónde se asienta su función; pero se conoce perfectamente el mecanismo. Esto es lo que conocemos como la "conciencia" o conocimiento de sí mismo.

El elemento receptor recoge los estímulos que provienen de los otros dos sistemas. El segundo elemento es el "yo" propiamente dicho, cuyo asiento en el sistema nervioso no está comprobado; pero nadie deja de reconocer cuando, con esa expresión, se refiere a la naturaleza íntima de la personalidad. El tercer elemento está constituido por

los órganos efectores, que son los que ejecutan las acciones preparatorias, que conducen por actos previos a la realización de lo que se desea o que satisfará la necesidad.

Descritos en forma somera, aunque lo más claramente que nos ha sido posible, los tres elementos que constituyen el "aparato psíquico", nos falta mencionar uno de gran importancia en la vida del espíritu, y es el "super yo" o conciencia moral.

Este mecanismo está ubicado en un plano superior al anterior y controla los actos del individuo cuando la fuerza psíquica producida por la necesidad insatisfecha ha superado en intensidad a la facultad de que, en primer término, tiene el sistema del "yo".

La conciencia moral o "super yo" viene a representar la conveniencia social armonizada con la conveniencia individual. Lo constituyen una serie de convencionalismos que obligan al sujeto a reprimirse o a permitirse algunas satisfacciones según sean permitidas o prohibidas por el medio social en que actúa. Un ejemplo nos puede servir para aclarar y precisar estos conceptos. Pedro es un hombre que, como todos los demás, está obligado a satisfacer una serie de necesidades, como comer, beber, tener relaciones sexuales, etc. En el momento en que lo consideramos, obra poderosamente en él el instinto del hambre, pues no tiene trabajo; ha recorrido todo el día de una parte a otra, tratando de conseguirlo, sin resultado. En la noche regresa a su casa, donde le esperan su mujer y sus dos hijos, que necesitan del alimento que él les ha de traer.

Hasta aquí observamos que el sistema subjetivo ha estimulado a su me-

canismo del "yo" mediante la fuerza psicológica del hambre y de la mantención de la especie. La fuerza del "yo" por medio de sus resortes ha explorado la realidad — la vida circundante — para ver dónde puede obtener lo que necesita. Se vale para ello de la representación material, cuyas imágenes le presenta el sistema objetivo, y descubre que puede satisfacer sus necesidades por medio del dinero, que lo debe obtener, a su vez, por medio del trabajo. Ha estado, en consecuencia, buscando trabajo durante todo el día; en la noche el instinto insatisfecho representa una energía psicológica de gran intensidad.

El "yo" lógico y moral había dado la solución del problema: buscar trabajo. Pero como el trabajo no se encontró, y Pedro tiene que comer y llevar comida a los suyos, libra en su espíritu una inmensa lucha. La necesidad es más grande que la lógica y la moral de su "yo"; puesto que el consejo sano del "yo" fracasó — el trabajo —, lo sustituye por otro más rápido y menos honesto, pero de urgencia; buscar un amigo y pedir prestado. Habiendo fracasado, igualmente, en este intento, aconseja otro medio más rápido aún, pero menos decoroso: pedir limosna. Pedro, poco habituado, no sabe o no tiene aptitudes para ello y también fracasa. El "yo" está en apuros, pues debe procurar en la realidad un medio para salvar al individuo en sus necesidades, que a cada momento se hacen más apremiantes y representan fuerzas psíquicas de gran intensidad. Por último, recurre a un medio extremo, mucho más rápido y menos honesto aun robar. El sistema del "yo" lógico y moral ha resuelto aquí ser más lógico que

moral, pero va a procurar que Pedro pueda satisfacer su necesidad de comer y la de mantener a los suyos. En el momento en que Pedro está dispuesto al delito, surge otra fuerza de control, superior al "yo", que representa la conveniencia social, que obra en el individuo por las costumbres enseñadas y seguidas desde pequeño: no robar, porque se llena de oprobio el que lo hace; es el "super yo" o conciencia moral. Esta le dice a Pedro que robar es un delito, que no conviene a la sociedad, que por ello puede ser castigado. El "yo", que ha aprobado el delito como único medio de salvación, se justifica y considera de rigor que si la sociedad no se preocupa del individuo, el individuo puede vengarse de la sociedad. La conciencia moral por su parte, no quiere consentir en un acto que está reñido con la moral social. Las energías acumuladas por la necesidad insatisfecha de Pedro son de tal tensión, que todos los escrúpulos de su "super yo" terminan por acallarse.

Por lo general, cuando el individuo no ha sido educado en un ambiente de moralidad y honradez y de respeto a los demás, el "super yo" ejerce poca presión para hacer desistir de cometer cualquier acto que pueda satisfacer alguna necesidad, aunque perjudique a la sociedad. De allí que algunos delincuentes no tengan escrúpulo alguno en asesinar, con tal de obtener unos pocos pesos para sus vicios.

Expresan algunos autores que el "super yo" se forma lentamente en el individuo, y su contextura depende de la educación e influencias que recibe del medio en que se forma. Sin necesidad de mayores explicaciones esto es fácil de comprender. Un adulto cuya

conducta infantil ha sido regulada y controlada por los métodos escolares y la disciplina familiar, tiene una conducta muy distinta, aunque se encuentre en iguales dificultades que otro cuya infancia y adolescencia han transcurrido vagando por las calles entre delincuentes y sin normas morales de ninguna especie.

La conciencia moral o "super yo" se forma, pues, poco a poco; más aun; en sus primeros años, el niño carece de "super yo". No conoce los convencionalismos de la vida social, y esa es la causa por la cual frecuentemente vemos niños que cuando no quieren a alguien lo manifiestan sinceramente, o dicen delante de los grandes cosas que los adultos callan. La madre, al reprimir al niño a cada momento para impedirle imprudencias o para aconsejarlo, a fin de que se aleje de ciertos peligros que él no vé o no conoce, le está prestando su propio "super yo". Poco a poco, a medida que se va habituando a los convencionalismos, a respetar ciertos prejuicios, a no hacer tal o cual cosa porque no cae bien a los demás, el niño va formando su "super yo", que, aunque se modifique con el tiempo, conservará siempre sus rasgos principales, sus líneas directrices.

Puede ocurrir que en algunos individuos no haya habido una repetición lo suficientemente intensa como para formar hábito o costumbre, y el "super yo" se desarrolla entonces defectuoso y débil; no se hace presente ante la comisión de un acto indecoroso, cuando sive una simples necesidad.

Veamos si la continuación del ejemplo anterior puede aclararnos el asunto. Pedro, decidido a robar, entra al almacén, donde piensa apoderarse de

un jamón y huir. Más, en el momento en que va a realizar el delito, aparece el comerciante, como un obstáculo. Pedro ya no repara en vallas tan inoportunas e insignificantes, y decide rápidamente golpearlo o matarlo, para que no le impida llevarse el botín. Cuando va a ejecutar su atentado, aparece un carabiniere en la puerta; el carabiniere representa la ley, la autoridad, el que reprime un delito; es como el profesor para el niño, que no le perdona una travesura y ante quien no se atreve a hacerla, porque representa su "super yo". La presencia del carabiniere hace volver a Pedro a la realidad, es decir, a la normalidad de su conciencia, al conocimiento que tiene de que matar y robar es un delito contrario a la conveniencia social. El "super yo", débil y complaciente, dormindo, poco desarrollado, se ha reforzado súbitamente la presencia del carabiniere.

Por lo general, un mal hechor rara vez delinque delante de un carabiniere, y aun es raro que lo haga en presencia de personas a quienes desconoce, porque sabe que aquel representa una ley que prohíbe u ordena algo en obsequio del bienestar comun.

El delincuente y, en general, el hombre de escasas responsabilidades morales, que por no haber recibido una adecuada educación carecen, o más propiamente, tienen un super "yo" muy débil para poder vivir en sociedad, necesitan de una energía muy poderosa que refuerce este sentimiento. Esta fuerza coercitiva, en forma vaga, la representa la Ley, el "que dirán", el afán de no granjearse mala reputación, pero en forma clara, definida y con gran fuerza se muestra en la realidad como un carabiniere,

en cuya presencia el ladrón no roba, el asesino no mata, el pendeñero da la mano a su contendor. Salvo, naturalmente, los casos psicopatológicos, de engegucimiento político, de ideales arraigados y apasionados, de odios profundos, en que la presencia de la autoridad nada significa, o exita el deseo de delinquir. Pero estos casos no constituyen la delincuencia común.

El papel importante que significa la policía ante el pueblo, aunque temida, despreciada y odiada, puede ser, entre otras cosas, una efectiva fuerza de robustecimiento para todo aquel que tiene rudimentariamente desarrollado su "super yo".

Cuando en los pueblos la educación no es completa hay que buscar medios coercitivos eficaces para mantener un poco de respeto entre unos y otros; entonces la intervención policial está en razón directa con esa falla en la educación.

No solo en Chile, sino en todas partes del mundo, la policía tiene que intervenir muy a menudo en actos delictuosos, que todos evitarían si tuvieran un "super yo" o conciencia moral suficientemente robusta, o en otras palabras, si el pueblo hubiera recibido una sólida educación desde los lejanos días de su niñez. Pero faltaríamos a la verdad si afirmáramos que todos los pueblos son absolutamente iguales en este sentido. Hay algunos, como Suiza, en que el pueblo ha recibido sólida y completa educación; allí la intervención policial en asuntos de delitos es, por consiguiente, muy reducida.

La importancia que Carabineros representa como policía en la sociedad es pues, enorme. En el campo, en la cordillera y en general en parajes despro-

vistos de cultura organizada, la llegada de una pareja de carabineros produce en la gente de escasa responsabilidad y educación — elemento propicio para la delincuencia — el efecto de un tónico espiritual, que llega a reforzar el “super yo” de todos ellos y aun de aquellos que con apariencias de cultura no trepidan en dirimir sus asuntos en la forma más corta, aunque perjudicial para la sociedad, ya que su conciencia moral, demasiado complaciente por falta de educación, permite toda clase de excesos.

Con esto comprenderemos que Carabineros no es un simple guardador del orden; representa algo más profundo en la conciencia individual, especialmente para aquellos hombres que no han tenido una formación moral suficiente que las permita desenvolverse normalmente en la sociedad.

El carabiniere ha pasado a ser un símbolo bien determinado en la mentalidad de aquellos que necesitan símbolos para encauzar convenientemente sus instintos.

A ÚLTIMA PALAVRA

Um capitão da Fôrça Aérea Americana, regressando do Teatro da Guerra da Birmânia, chegou à Flórida, onde, pela primeira vez, encontrou uma representante do Corpo Auxiliar Feminino de posto superior ao seu: uma... major. Fêz continência em forma, e continuou o seu caminho. Mas parou logo, chamado por ela, que observou severamente:

— Capitão! Não posso compreender como um oficial da aviação pode estar fardado dessa maneira!, — declarou o major de saias, olhando com ar acusador para as mangas curtas e para a gola aberta da camisa do oficial. — O senhor não respeita os regulamentos?

— Sinto muito, replicou o oficial, com a maior delicadeza. — Acabo de chegar da Birmânia, e ainda não tenho outra farda.

A explicação não satisfez à dama militar, a qual continuou a reprimenda. Quando acabou, o capitão fêz novamente a continência da praxe e afastou-se; mas poucos passos adiante parou, voltou-se, e disse:

— Major! A sua combinação está aparecendo!

* * *

VALIA A PENA...

Todo animado, o rapaz entrou pela casa vendedora de automóveis, e se dirigiu logo a um lindíssimo modelo, perguntando ao distribuidor: “Se eu comprasse êsse carro a prestações, quanto tempo levaria para pagar?”

— Bem, isso depende... Quanto o sr. poderia dar por mês?

— Deixe ver. Uns cinqüenta cruzeiros...

— Cinqüenta! exclamou o vendedor. — Nesse caso, meu amigo, o sr. levaria cem anos!

Com a cara mais feliz dêste mundo, o outro respondeu: — Pois eu acho que vale a pena!

O martírio do bode

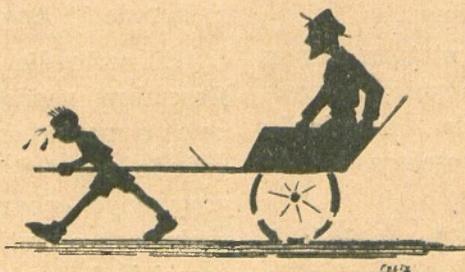
CEL. ANCHIETA TORRES

Em meados de 1926 era visto, arrastando-se penosamente pelas ruas Rodrigo de Barros e Alfredo Maia, nesta Capital, um pobre inválido que, em consequência do bombardeio de julho de 1924, sofrera amputação de ambas as pernas.

Improvisara com as rodas de uma velha bicicleta uma espécie de cadeira de rodas e era nesse veículo que dava seus passeios diários. Não esmolava publicamente, mas não rejeitava o óbulo que pessoas caridosas lhe ofereciam.

Por esse tempo, a então Repartição do Material iniciava suas atividades no prédio recém-construído à rua Alfredo Maia e não eram estranhos aos operários militares que ali labutavam os sofrimentos do pobre mutilado.

Certo dia um operário mais engenhoso teve uma idéia e transmitiu-a aos companheiros, que a adotaram, cheios de entusiasmo: haviam resolvido dar um meio de transporte mais cômodo àquele para quem a



sorte fôra tão adversa. Da resolução à ação foi um pulo. Cotisaram-se e obtiveram certa importância em dinheiro, com que adquiriram material. Conseguiram permissão do Comando da Força Pública para utilizar o maquinário da repartição, e, nas horas vagas, fabricaram uma pequena «charrete» com arreo e tudo. Um deles entrou ainda com um alentado bode, para o qual veículo e arreios pareciam ter sido feitos sob medida.

Para a entrega do presente organizaram uma festa, fazendo parte do programa até a

inutilização da velha cadeira de roda, como obsoleto meio de transporte.

E os passeios diários do pobre inválido passaram a ser feitos, na «charrete», não se sabendo quem se sentia mais orgulhoso: si o improvisado cocheiro, si o bode, todo lampeiro nos bonitos arreios e da admiração que causava aos petizes por onde passava.

Mas... em tôda história ha sempre um mas...

Certo dia a viatura passou sob as janelas de um senhor respeitável, sócio da «Associação Internacional Protetora dos Animais».

Ao ver o bóde atrelado à «charrete» seus sentimentos de humanidade alvorçaram-se. Um pobre animal estava sendo martirizado. Urgia providen-

ciar a respeito. Dias depois o pobre mutilado recebeu intimação formal da A.I.P.A. para que, sob as penas da lei, não utilizasse mais o bode como animal de tração.

Novo problema surgiu para o inválido. Não tinha mais cadeira de rodas e a «charrete» não andava sòzinha. Valeu-lhe, então, a bondade de um vizinho que permitiu fosse utilizado na tração do veículo um seu filho, menor de 11 anos.

E certo dia ensolarado de Dezembro, vendo sob suas janelas o menino entre os varais, suando por todos os poros e puxando a «charrete» onde se repimpava o mutilado, o senhor respeitável sorriu à satisfeito: graças às suas acertadas providências cessara o martírio do bode...

* * *

I — A CONSULTA



— Senhor capitão...

— Muito bem! Mostre a língua...

— Bem. Dispa-se que eu vou auscultá-lo...

JOÃO PERNETA

Ten. FELIX MORGADO

Quem atravessar a ponte — frágil e oscilante esteira de paus, toscamente aparados e mal unidos entre si — que liga as margens do Machadão, em poucas passadas irá ter a um trilho que penetra emaranhado trecho de mato. Tão cerrado é o arvoredo que a picada, simples sinais de trânsito sôbre os gra-

vetos e folhas mortas do chão, mais parece um túnel úmido e escuro. Aí reina o silêncio, quebrado às vezes pelo barulho da queda dum galho podre que não se aguentou lá no alto, ou pelo bater-de-asas duma ave a medrontada com a aproximação do caminhante. Ao vencer a derradeira curva do túnel formado pela galharia cerrada, de se m b o c a-

se, de chofre, na orla oposta do capão, onde mora João Nadir. Abriga-o uma dessas miseráveis casas de pau-a-pique que, milagrosamente, cheias de remendos nas paredes e de goteiras na cobertura de sapé, suportam as intempéries.

E a pauçoça de João Nadir, a despeito de abandonada à sua sorte, vem-se aguentando como um perfeito exemplo de teimosia. A chuva penetra nela, como se não houvesse telhado, mas João Nadir pouco se incomodava. Colocou em outro lugar, apenas, o gancho que sustentava um manajo de espigas de

milho, sempre ameaçado por uma goteira maior do que as outras.

A última vez que o fui ver, esperava-me à porta do casebre. Avisou-o Missanga, cadelinha esquelética como certamente não existe outra. Sorria a seu modo, coberto de fiapos de taquara, tendo numa das mãos uma cêsta por terminar. João é cesteiro, sempre foi ces-

teiro, embora às vezes faça balaíos. Além disso, é também perneteta. Serve-se duma perna-de-pau que o tempo cobriu dum verniz escuro e suspeito. Conhecí-o, porém, com duas pernas e bem fortes. Isso faz muito tempo. O nos-



so conhecimento data de quando João trabalhava no sítio de meu pai, além do Machadoão. Era tão lerdo que foi despedido em vista da sua inutilidade, a despeito dos meus rogos. João Nadir sumiu logo depois, levando seus cacarécos e a cadelinha Missanga, sua companheira inseparável. Muito tempo se passou e fui encontrá-lo do lado de lá do Mato do Jacú, fazendo cêstas. Habituei-me a visitá-lo semanalmente, para ouví-lo discorrer sobre as coisas da vida, de acôrdo com a sua filosofia pitoresca e cheia de reticências, quando seus argumentos infantis eram substituídos por gestos nervosos dos braços e da cabeça. Ainda tinha duas pernas, mas já estava bastante mudado, meio envelhecido, arcado. Esperava-me sempre à porta da taberna.

— Missanga deu o sinal, "seu" Tonho.

* * *

Não vi João Nadir por muito tempo, dois anos talvez. Andei pela capital e só depois dêsse longo período de ausência é que fiz gemer nos seus gonzos, novamente, a velha porteira da estrada que me levaria de volta à casa paterna. O regresso, além de outras coisas, submeteu-me à tirania dos antigos hábitos. Ver João Nadir seria um dêles, certamente. Uma pergunta de meu pai veio aumentar o meu desejo de rever o cesteiro:

— Você sabe que João Nadir perdeu uma perna?

Notícias dessa espécie, na roça, são sempre chocantes. Na cidade, a possibilidade dum atropêlo, dum desastre de automóvel, de ônibus ou de bonde, prepara o espírito para tais notícias. Mas no Barranco Vermelho!

Meu pai calou-se, como se não pretendesse dizer mais nada, e só depois de ter feito, com o cuidado de sempre, um cigarro-de-palha, contou-me como o cesteiro virou pernetá. À medida que êle ia, falando, com interrupções para "acertar a brasa" do cigarro, eu ia imaginando tudo, como se tivesse presenciado as atribulações sofridas por João Nadir.

Pouco além do casebre de João Nadir havia os Ferreira, que cultivavam um pequeno sítio cortado pelo Machadoão, rio cheio de curvas e meandros caprichosos, de águas claras e pouco profundas. Não constituíam família numerosa. Havia o pai, a mãe, o filho mais velho e Chiquinha, caçula de catorze anos aproximadamente. No fim da horta, que beirava o rio, o Machadoão alargava-se um pouco, entre margens debruadas de viçoso capim melado. Era um lugar sombreado, agradável, com touceiras de taquara "pôca" a se debruçarem sobre o remanso. Pois era nesse lugar que Chiquinha tomava o banho, nos dias mais quentes.

Foi numa das jornadas que constantemente fazia à procura de taquaras "pôca", menos quebradiças que as comuns, que João Nadir deu com as touceiras do remanso do Machadoão. Ia desferir o primeiro golpe de feice quando notou que havia alguém dentro d'água. Acocorou-se, escondendo-se no capim alto, receioso de ser surpreendido a cortar as taquaras do sítio dos Ferreira. Viu, porém, o que não pretendia ver: Chiquinha mexendo-se n'água, despreocupada, nua, sem esperar que alguém a pudesse estar observando. O dia estava quente e a caçula dos Ferreira já se demorava a banhar-se, entrando e saindo do remanso, traquina,

com o corpo juvenil respingando água. João Nadir quase não respirava, temendo ser pressentido. De olhos bem abertos seguia todos os movimentos da menina. Nunca vira um espetáculo como aquele e a experiência levou-o muito além da simples curiosidade, despertando-lhe violentamente os sentidos. E quando Chiquinha se retirou cantarelhando, João deslisou para o seu casebre, esquecido das taquaras e imaginando uma porção de coisas.

Os dias seguintes foram bastante quentes.

— Chiquinha, a água está fervendo.

Mas a caboclinha não gostava da bacia, corria para o remanso do Machadão, ansiosa por despir-se e atirar-se à água fresca e quase sem correnteza. E João Nadir preferia que assim fôsse. Já se acostumara a assistir aos seus banhos demorados, do seu observatório, devorando-a com os olhos. Passava tardes inteiras nessa distração que lhe abalava os nervos e lhe punha os sentidos em fogo. Depois regressava para a sua tapera, para passar uma noite cheia de Chiquinhas núas, com o corpo respingando a água fresca do Machadão. Acordava desses sonhos eróticos suado e ofegante, como se chegasse duma disparada pelas estradas.

Naquela tarde o sol estava dardente, a folhagem das árvores imóvel. Uma dessas abrasadoras tardes do Barranco Vermelho. Chiquinha desceu a correr para o rio. Nunca desejara tanto brincar nágua. E, como sempre, lá estava João Nadir. Qualquer incidente, porém, estava para acontecer. Nesses dias quentes as cobras enrodilham-se pelo capinzal, sonolentas. João Nadir só deu pela cobra quando esta deslisou por entre suas pernas. Gritou alto de medo.

O grito, seus movimentos desordenados, levaram a cobra a picá-lo. João ficou apavorado e correu, tropeçando no capim melado, gritando como um louco. Chiquinha, por sua vez, gritou também e disparou para casa, semi-núa. O cesteiro embrenhou-se no mato próximo, desvairado, sem lhe ter passado pela cabeça a necessidade dum medicamento para neutralizar a peçonha. Só tinha um pensamento: fugir, imaginando-se perseguido por uma porção de cobras e pelo velho Ferreira, português decidido. Logo começou a sentir dores horríveis pelo corpo todo, caimbras, tonturas, o pavor crescendo dentro d'ele, fazendo-o delirar, falar coisas desconexas, entre gemidos de dor. Passou vários dias, de sobressalto a sobressalto. Já se alastrava pela sua perna esquerda negra mancha de aspecto arripiador. Pelo fato de estar sempre fugindo, obcecado pela idéia de perseguição, quando saiu do mato já não estava mais no Barranco Vermelho. Havia muitas casas e pessoas diferentes, desconhecidas d'ele. Sua perna, tôda enegrecida então, parecia não lhe pertencer, inflamada e coberta duma umidade viscosa, exalava mau cheiro. Um dia alguém deu pelo inchaço.

— Homem, você vai perder essa perna!

E João Nadir perdeu-a mesmo. Entrou num hospital andando ainda com duas pernas e saiu pernetá. Passou fome, mendigou durante um certo tempo, para depois criar coragem e voltar para o Barranco Vermelho. Encontrou seu velho casebre vazio e aí se enclausurou. Aos poucos foi se aventurando a ir até o rio mariscar. A presença da foice, abandonada a um canto da palhoça, lembrou-se do seu ofício antigo e passou

a fazer cêstas novamente, como se nada houvesse acontecido. Ninguém tomara conhecimento do que havia sucedido e os Ferreira tinham ido para o Macuco. Não fôra a sua perna-de-pau, o seu reaparecimento não provocaria alarde. Mas esta ficou livre de comentários logo, também. Achavam até que João

Nadir devia ter nascido perneta, ficava melhor assim, parecia menos lerdo.

— Olhe, não me faz falta não.

De fato não fazia mesmo. Com a perna-de-pau êle auxiliava suas mãos no arremate das cêstas e assim aprimorou sua arte. Nunca as fabricou tão bem.

NÓBREGA & CAMARGO LTDA.

ALFAIATARIA CIVIL E MILITAR

Confecções sob medida para civis, militares e colegiais

Elegância, Esmêro, presteza

ESPECIALIZADA EM FARDAMENTOS

Rua São Bento, 520

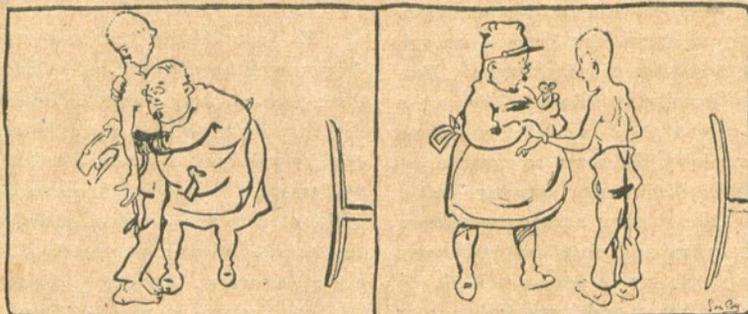
Sobre-loja - Salas 3 e 4

Telefone: 2 - 5 5 7 3

SÃO PAULO

* * *

II — A CONSULTA



...respire forte !... tussa !...

...agora vamos ver o pulso...

A GENDARMERIE E OS SERVIÇOS DE BOMBEIROS DA FRANÇA

Conferência do cap. Evaldo Pedreschi, um dos oficiais incumbidos de ir à França, para estudar aquelas organizações.

— II —

I — **Bombeiros sapadores em tempo de paz**

Existe três espécies de bombeiros-sapadores:

- os bombeiros-sapadores profissionais;
- os bombeiros-sapadores permanentes e
- os bombeiros-sapadores voluntários;

a) — **Bombeiros-sapadores profissionais:** são os funcionários que são remunerados para assegurar unicamente os serviços de incêndio. Podemos citar:— bombeiros-sapadores do Estado, funcionários do Estado, pagos pelo Estado (Regimento de sapadores Bombeiros de Paris, marinheiros-bombeiros).

— Bombeiros-sapadores profissionais da comuna, empregados municipais, pagos pela comuna.

b) — **Bombeiros-sapadores permanentes:**— são funcionários da comuna que além de suas atribuições próprias, asseguram o serviço de incêndio permanecendo próximo do material, tanto de dia (no lugar de trabalho) como à noite (nos alojamentos).

c) — **Bombeiros-sapadores voluntários:**— são pessoas que têm uma ocupação qualquer e que em caso de sinistro asseguram o serviço de incêndio. Distinguem-se — os bombeiros-sapadores semi-permanentes que trabalham e se alojam bastante perto do material de incêndio para que sua presença seja considerada como provável no momento em que o alerta é dado.

— **Bombeiros-sapadores voluntários propriamente ditos**, cuja presença, em caso de sinistro não apresenta sinão um caráter de eventualidade, em razão do afastamento de seus alojamentos ou das necessidades de suas ocupações.

II — **Bombeiros-sapadores especiais em tempo de guerra**

Além das categorias acima enumeradas, encontra-se em tempo de guerra, os bombeiros-sapadores auxiliares, que são destinados a reforçar os efetivos dos Corpos durante a duração das hostilidades. Eles podem ser voluntários ou requisicionados, estes, existindo quando o número daqueles for insuficiente.

ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE INCÊNDIO EM FRANÇA

Os serviços de defesa e socorro contra incêndio são regidos em França pela Lei de 5 de abril de 1884, que encarregou os **Maires** de prevenir, por meio de precauções adequadas, e, de fazer cessar pela distribuição de socorros necessários os fogos calamitosos, tais como os incêndios, etc..

Para observar essas prescrições, certos municípios, 12.000 aproximadamente sobre 38.000 — criaram um Corpo de Bombeiros e organizaram um serviço municipal de defesa contra o fogo; — entretanto outros, mais numerosos, nada fizeram e se limitaram a gritar para socorro no momento de perigo.

Sessenta anos depois o problema encontra-se em presença de uma situação difícil; a lei de 1884 já subsiste a longo tempo; tem-se que reconhecer que o legislador daquela época estava bem mal informado sobre as possibilidades de realização das medidas que êle impunha.

Com efeito, si numerosas comunas (municípios) não quiseram organizar sua defesa contra incêndio, é preciso reconhecer que outras, em número mais importante ainda, não podiam criar o serviço necessário por falta de recursos de toda natureza indispensáveis para montar uma organização de defesa contra incêndio.

Em primeiro lugar, no quadro municipal, extremamente desigual, com exceção de algumas grandes cidades, foi impossível de organizar-se um serviço de defesa e de socorro contra incêndio bastante potente para poder fazer face, em todas as circunstâncias do tempo de paz a não importa que sinistro. Si uma comuna, mesmo de importância média, era bastante rica para fazer face a todos os sacrifícios pecuniários desejados, era-lhe muitas vezes impossível encontrar o pessoal necessário para armar o material importante que suas possibilidades financeiras lhe tinham permitido adquirir. Nestas condições, pois que as comunas, na sua grande maioria, estavam na impossibilidade absoluta de assegurar inteiramente, por si mesmas, sua proteção contra o incêndio, é evidente que elas são conduzidas em caso de necessidade a pedir auxílio às comunas vizinhas. Foi todo êste conjunto de fatos que provocou a reunião espontânea de bom número de comunas, sob a influência de animadores locais, no sentido de se fundarem os **sindicatos inter-comunais**, tendo por fim assegurar a defesa de um grupo de comunas reunidas e associadas para êsse fim.

Estas iniciativas não eram outra coisa que uma manifestação de necessidade de segurança pedida a uma forma de proteção de conjunto, pois que o individualismo municipal se mostrava impotente. Os serviços de incêndio tendiam então, na sua evolução, respondendo a uma necessidade real, a passar espontaneamente, à margem dos regulamentos, de plano municipal individual a uma forma coletiva localizada.

Êste gênero de organização constituiu um progresso certo sobre o individualismo comunal, mas era insuficiente ainda, porquanto o sis-

tema inter-comunal se encontrava impotente em face de sinistros importantes. Com efeito, êle dispunha apenas de meios de socorro apropriados aos riscos normais do território a defender, não se podendo, portanto, esperar uma ajuda certa das organizações vizinhas, mal repartidas no espaço, não preparadas a êste papel ou inexistentes.

Tornava-se então necessário de não mais se permitir o livre curso, sem diretrizes de conjunto às iniciativas individuais. Era indispensável de estudar-se uma organização em conjunto dos serviços de socorro e uma articulação, facilitando a ação de auxílio mútuo, de maneira a constituir em tôdas as circunstâncias, uma proteção integral. Era aos poderes públicos que cabia intervir na questão e dar, para êsse fim na falta de prescrições que a legislação em vigor não formulava, os meios necessários àqueles que tinham, em suas funções o cargo de proteger a existência e os bens de seus concidadãos. Foi assim, que apareceu o

DECRETO-LEI DE 12 DE NOVEMBRO DE 1938

Este decreto teve por fim esclarecer a questão, codificando as formas possíveis de organização dos serviços de incêndio e facilitar essas formas de organização, tornando obrigatórias para tôdas as comunas, as despesas de pessoal e material de serviço de incêndio, que desde então, poderiam ser organizados regularmente sob uma das formas seguintes:—

- serviço comunal
- serviço inter-comunal
- serviço departamental

Acabamos de ver que o primeiro modo de organização em vigor, há mais de 60 anos, não deu em seu conjunto mais que resultados irrisórios, que esta constatação foi de fato real, a ponto de bom número de comunas sentirem a necessidade de se grupar para formar um serviço inter-comunal; que esta forma de organização não resolvia o problema de segurança, pois a mesma não era mais que uma organização isolada exercendo sua ação sobre um grupo de participantes, sem poder esperar receber, com certeza, a ajuda indispensável das organizações vizinhas para assegurar a proteção total.

Conclue-se porém, muito nitidamente, que na generalidade dos casos, não será sempre possível proteger-se por seus próprios meios e que muitas vêzes será necessário fazer um apêlo aos serviços vizinhos, para lhes pedir um complemento de socorro.

Foi então preciso procurar a organização necessária num quadro mais vasto, mais apto a formar o suporte do serviço e a procurar-se uma inteira proteção, sem que, complicações na vida administrativa fossem criadas. Foi assim que o Departamento apareceu como sendo o indicado para formar a base da organização dos serviços modernos de incêndio e salvação.

Serviço Departamental de Socorro e de Defesa contra o Incêndio

O Serviço Departamental tornado legal pelo Decreto-Lei de 12 de novembro de 1938, não é muito fácil a ser definido; o decreto-lei diz que o serviço de socorro e de defesa contra o incêndio pode ser organizado no quadro departamental mas não diz como. As disposições que êle torna legais, não modificam a lei de 5-III-1884; elas a completam, deixando subsistir inteiramente os poderes que possuem os "maiores" em suas comunas.

O quadro departamental, assim delimitado, não é outra coisa do que um modo de utilização de conjunto dos serviços municipais existentes, ou a criar — os corpos de bombeiros-sapadores — organizados e equipados para intervir num conjunto departamental formado por meio desses corpos de bombeiros municipais, independentes, mas articulados entre si, suscetíveis de entrar em ação pelo jôgo de um plano de emprêgo válido em tôdas as circunstâncias.

Este plano de emprêgo repousa inteiramente no princípio de auxílio mútuo; todos os centros de socorro do departamento devem poder se reforçar mutuamente, si houver necessidade. A organização material é completada por uma organização administrativa que tem por fim procurar para êste serviço de conjunto os recursos indispensáveis para seu estabelecimento e para sua manutenção. O funcionamento do serviço é assegurado sob a alta autoridade do Prefeito (Administrador do Departamento), pelos serviços da Prefeitura (do Departamento), no que concerne à parte administrativa e pelo Inspetor Departamental dos serviços de incêndio, no que concerne à execução do serviço em tôdas as partes.

Organizar um Serviço Departamental de Incêndio e Salvação, no quadro do Decreto-lei de 12-XI-1938, consiste em repartir todo o território do Departamento em um certo número de setores territoriais ou setores de incêndio, que dispõem cada um, de um centro de socorro.

O setor de incêndio reúne um certo número de comunas, cujos limites administrativos êle segue.

O Centro de socorro é uma estação de defesa e de socorro contra o incêndio. Êle compreende um material de incêndio apropriado aos riscos normais do setor, os imóveis necessários para receber o material, assim como o pessoal de serviço e um Corpo de Bombeiros-Sapadores, regularmente organizado e instruído, de efetivos suficientes para poder, em tôdas as circunstâncias, armar todo o material do centro de socorro, cuja intervenção poderá tornar-se necessária. A séde do Centro de socorro é escolhida, tendo-se em vista considerações de ordens diversas; primeiramente ela deve ser localizada em núcleos de populações importantes; deve-se em seguida, ter em conta as condições topográficas da região que podem exercer uma influência e muito grande sobre a marcha do serviço. É assim que o Centro de socorro é instalado num cruzamento de estradas, de tal sorte que os socorros enviados sobre os lugares

res de sinistros ocorridos em não importa que ponto do setor, possam chegar em um limite de tempo aceitável, seja, no máximo, trinta minutos depois do envio do pedido de socorro.

Esta última condição, tendo-se em vista a experiência adquirida sobre a matéria, conduziu a dar-se aos Centros de socorro, segundo as regiões, um raio de ação, podendo chegar a 15 Kms., no máximo. Os limites dos setores serão traçados portanto de tal sorte que sejam satisfeitas tôdas as condições indicadas. A forma geral do setor, dependerá também desse conjunto de considerações; em uma região de planícies extensas, por exemplo, os setores se aproximarão de forma circular; ao contrário, nos países montanhosos, apresentando vales profundos e encaixados, os setores terão uma forma alongada e os Centros serão localizados nas partes altas, porque, si é uma condição importante chegar depressa ao local do sinistro, a volta do socorro pode se acomodar a um tempo de trajeto mais longo.

ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO

Tôdas as comunas do Departamento são obrigatôriamente ligadas a um Centro de socorro de 1.^a chamada, alertado tôda vez que a comuna interessada tenha necessidade de socorro, depois a um centro de 2.^a chamada ao qual a comuna recorre caso o centro de 1.^a chamada não estiver disponível ou mesmo si a importância do sinistro exigir a presença de mais um centro de socorro.

CENTROS PRINCIPAIS

Alguns centros de socorro, em pequeno número, situados nas localidades mais importantes (sub-prefeituras em geral), dispõem segundo as necessidades de conjunto e seus meios em pessoal, além do seu equipamento normal, de um material de incêndio mais numeroso ou mais possante, ou de engenhos especiais, tais como: auto-bombas de grande potência, escadas mecânicas, engenhos eletro-ventilador, etc.; êstes outros são denominados Centros Principais. Todos os centros de socorro do Departamento estão repartidos entre os centros principais, que desempenham assim, um duplo papel;

1.^o — Centro de socorro de 1.^a chamada e Centro de 2.^a chamada — a respeito das comunas vizinhas que pertencem ao seu sector normal de intervenção e com as quais está ligado para êsse fim;

2.^o — Centro Principal, desempenhando o papel de reforço por ocasião dos grandes sinistros ou de intervenções difíceis, em tôda a extensão da zona dos centros de socorro que lhe são atribuídos.

MATERIAL DE INCENDIO

Com referência a êste assunto é de citar-se aqui que o auto-bomba que reúne em um só veiculo tôdas as possibilidades desejadas de transporte do pessoal de extinção do fogo e de aprovisionamento do material, não pode ser em razão de seu peso, sinão um engenho de

uso exclusivo das cidades, isto é, de localidades onde há por difinição, ruas sólidas (asfaltadas, cimentadas ou macadamizadas) uma rede de hidrantes ou pontos de tomada de água, dispostos em ordem, bem alimentados e acessíveis a qualquer hora.

Fora das grandes cidades, o engenho bomba empregado, aquele que satisfaz tôdas as circunstâncias ordinárias e deve constituir a base de um centro de socorro é a moto-bomba de 60m³ hora, rebocada por uma viatura que transporta o material e pessoal de emprêgo e que poderá também, vantajosamente, em certos casos, em particular nas regiões acidentadas, transportar uma outra moto-bomba ligeira de 30 m³ hora de modelo portátil.

P E S S O A L

O pessoal de cada corpo de sapadores-bombeiros, deve ser bastante numeroso para poder, desde o início do alerta, por meio do efetivo presente, armar todo o material do centro de socorro suscetível de ser chamado a cobrir os riscos normais do setor; é, pois, necessário prover uma certa majoração, a-fim-de poder, mau grado as ausências possíveis, satisfazer exigências de emprêgo do material.

INSTALAÇÕES IMOBILIARIAS

O material deve ser abrigado em um lugar especialmente reservado para êsse fim, suscetível de ser aquecido, para certas regiões; êle deve ser mantido pronto a partir a qualquer momento. Em particular, os veículos que estão prestes a partir, devem ser munidos de todo o material de utilização; as únicas operações a serem realizadas devem se limitar à reunião do pessoal e a sua partida nos carros de socorro.

FINANCIAMENTO DO SERVIÇO

O serviço departamental de incêndio e de socorro, implica, inicialmente em despesas de grande monta para a instalação, despesas que não se repetem, uma vez realizada; depois, despesas de manutenção que subsistem ao mesmo tempo que o serviço.

Tôdas essas despesas, são cobertas pela receita e o conjunto da parte financeira, receita e despesa, é gerido num serviço Departamental.

As receitas ordinárias são constituídas por uma cotização anual paga por todas as comunas, calculada segundo a população constatada no último recenseamento.

As despesas compreendem inicialmente o montante da aquisição do material de incêndio e de funcionamento do serviço.

A execução, exige que se disponha de recursos financeiros importantes, e é ao Departamento que cabe fazer os adiantamentos necessários, seja com seus próprios fundos, seja por um empréstimo especial.

(Continua no próximo número)

Um contraste

Passa um pedinte sujo e esfarrapado
e estende a mão e diz que está faminto.
Dou-lhe o que posso. Aquilo que lhe é dado,
de coração o faço. E aqui não minto:



Outro vem, bem vestido, engravatado,
dizendo que quer pão . . . Mas eu não sinto
desejo de lhe dar qualquer bocado:
— Coisa estranha depois em mim pressinto . . .

Os dois se vão . . . E os vendo caminhar,
de refletir, franqueza, não sossego,
que há na vida um contraste singular:

— Talvez o bem vestido, de quem fujo,
do que o mendigo esfarrapado e sujo!
precise mais da esmola que lhe nego,

TRANSPORTES COLETIVOS

Guiar um automóvel não é “bicho de sete cabeças” e qualquer pessoa, medianamente dotada, poderá fazê-lo. No entanto, dirigir um veículo, mormente um veículo de transporte coletivo, numa cidade como São Paulo, onde o trânsito é intenso e difícil, constitui um problema complexo para ser resolvido.

A seleção de um operador de tráfego, pois, visa principalmente aferir, da melhor maneira possível, as aptidões específicas de cada candidato, tendo em vista a diferenciação entre os homens de diversas características físicas, fisiológicas ou psicológicas. É tal circunstância que determina a existência de maus, regulares, bons e ótimos profissionais do volante, que pode ser apreciada e medida pela maior ou menor eficiência no desempenho da função. O importante é classificar previamente os candidatos, a fim de alijar os incapazes. A CMTC, em seu Serviço de Seleção submete os candidatos a motorista e a motorneiro a uma série de nove provas que visam a pesquisa das aptidões exigidas por essas funções tais como reação psico-motora e estímulos visuais e auditivos; reação psicossensorial para avaliação de espaço em largura e profundidade e avaliação de velocidade relativas; segurança de comportamento e nível mental ou de inteligência.

O motorista não pode ser um homem bronco ou mesmo de baixa com-

preensão. Se as suas reações devem ser automáticas para maior segurança nos momentos críticos, entretanto, êle deve ser suficientemente esclarecido para evitar as situações perigosas. Um desenvolvimento mental normal e equilibrado, assegura uma compreensão razoável dos problemas e situações que o trânsito apresenta. Justifica-se, assim, a medida do nível mental do candidato. Provas de lapis e papel, universalmente apontadas como seguras e eficientes, são adotadas para esse fim.

Complementarmente, a fim de que o operador do veículo possa ler as instruções de serviço da Companhia e das autoridades do trânsito e possa, também, relatar as ocorrências verificadas em serviço, avalia-se, por provas elementares, o seu domínio de leitura, escrita e cálculo.

Para assegurar aos operadores de veículo da CMTC, eficiência, dia a dia maior, o Serviço de Seleção realiza pesquisas em serviço a fim de controlar o resultado dos processos seletivos usados.

Em síntese: dentro do desenvolvimento atual da psicotécnica e com espírito público definido, o Serviço de Seleção da CMTC procura executar um trabalho seletivo que, como se dá nas grandes capitais do mundo, traga a desejada segurança aos transportes coletivos de São Paulo.

TRÊS TEMAS DE CRIMINOLOGIA

Prof. Augusto Flávio Soares Lima Júnior
Membro titular da Sociedade de Medicina
Legal e Criminologia de São Paulo

— II —

INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO SOBRE OS INSTINTOS CRIMINOSOS

Começamos pela questão da influência que a educação pode exercer sobre os instintos do delinqüente, para podermos apreciar o que há de verdadeiro e de aceitável na teoria penal correcionalista. Compreende-se a enorme importância que o problema da educação teria para a ciência penal, se fosse possível transformar, pelo ensino, o caráter de um adulto. Infelizmente, parece demonstrado que a educação não apresenta senão uma das influências que atuam nos primeiros anos da vida é que, como a hereditariedade, contribuem para a gênese do caráter (vide «Criminologia», de R. Garofalo).

Tratando-se da infância, temos que esclarecer que a educação forma uma série de influências externas capazes de criar na criança hábitos morais, fazendo com que ela conheça, experimentalmente, a conduta a seguir em diversos ambientes. A família, muito mais que o ensino, atua sobre o espírito infantil. Na puberdade, tudo que exista na atividade infantil modifica-se e, por isso, a educação destrói os germes maus e faz nascer os bons.

A influência hereditária é grande sobre a atividade do indivíduo; chamamos isso causa individual, porque pertence ao campo da biologia, mas, a educação, tem a sua influência também, pois, a mesma pode indicar um caminho apropriado para o indivíduo, por meio de exemplos e hábitos acurados, alcançando, assim, um meio de modificar o caráter individual, isto é, capaz de enfraquecer, mas não de anular, os instintos perversos que subsistiriam sempre latentes no psiquismo.

Sergi crê que o caráter é formado de estratificações sobrepostas, resultantes do ambiente, da educação e do ensino; tantas dessas estratificações se podem justapor que o caráter hereditário pode ser coberto e escondido.

O Estado deveria, por intermédio da instrução, tornar os reclusos amáveis, honestos, cheios de caridade e de zelo. E' engano dizer que o fim da pena é a correção do culpado, pois, para cada delito há um tempo a cumprir nas penitenciárias. Mas, isso tudo faz lembrar, como diz Willert, o tratamento que um esculápio dá a um enfêrmo, indicando o dia e a hora que o mesmo deveria receber a sua alta do hospital, curado ou não.

A educação nas prisões

E educação, nas prisões, é um caso de socialização. Em outras palavras, é a transformação da atitude, isto é, a sublimação dos interesses e das atividades. A atitude só poderá ser modificada, diante de uma lealdade entre os grupos. A lealdade só existirá, quando os presos forem postos em contacto com seus ideais e tradições sociais. No caso do contacto, a leitura e o escrever ajudam bastante. Isto deverá ser feito por sessões de cinema, conferências, aulas, etc. Socializar os grupos existentes nas penitenciárias, significa reorientar, expondo os fatores que se acham em choque com as leis. Diversos crimes são praticados, a título de experiência nova; isto implica um desejo. O ensino profissional traz a socialização dos «gangs», pois, a causa principal, é fazer de um criminoso, um cidadão que pense nas causas econômicas, quando estiver livre e em contacto com a sociedade.

Mac Cormick, diz que a educação do prêso deve ser individualizada. Neste caso, o prêso, em primeiro lugar, terá necessidade de ser educado e, em segundo lugar, como delinqüente, tem que sofrer uma readaptação.

Existem nos Estados Unidos da América do Norte, os sistemas penitenciários Pensilvânia e Auburn; o primeiro, utilizado em 1816, que consiste na prisão celular dia e noite, redundou em fracasso pois os prisioneiros que tinham permanecido durante dois anos em celas foram levados à morte e à loucura; o segundo, consiste na prisão celular sômente à noite.

Em 1835, a Inglaterra, França, Prússia e Bélgica, enviaram comissários para estudar o sistema penitenciário norte-americano. Essa comissão, tendo em vista que o isolamento penitenciário completo não produz regeneração, diante dos sistemas Pensilvânia e Auburn elogiaram êste, devido ao fato de nele ser incompleto o isolamento.

Os dois sistemas penitenciários permaneceram por muito tempo, até que deram lugar a um novo sistema penitenciário organizado pelo capitão Mac O'Nachie nos campos de senten-

ciados da Austrália. Este sistema, que recebeu o nome de sistema penitenciário irlandês, é baseado em notas avaliando o comportamento do sentenciado na prisão e em livramento condicional.

A seleção de criminosos deve ser feita conforme o crime, a idade, a cor, o sexo e as condições mentais e físicas do delinqüente.

Quanto ao caso de especialização, há duas diretrizes: a primeira, diz respeito ao cuidado a ser observado no contacto de um tipo criminoso para com um outro tipo; a segunda, refere-se à adaptação dos métodos de trabalho para cada grupo. Existe outra especialização, baseada nos traços dos criminosos.

Vemos, assim, diante do relatado, que é necessário instituições para cuidar da infância abandonada, dos adolescentes que demonstram inclinações más, dos vagabundos, dos criminosos, dos alcoólatras, dos toxicómanos e, outrossim, necessidade de ser realizado o estudo da personalidade do sentenciado por pessoas especializadas, a saber: psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, etc., devendo êste ser submetido a «tests».

— III —

TIPOS INTEGRADOS E TIPOS DESINTEGRADOS COMO FACTORES NA FREQUÊNCIA DOS SUICÍDIOS

Tipo integrado é adaptado ao vermelho e suporta a luz solar direta. O tipo desintegrado queixa-se de dores que são produzidas pela luz solar direta. Metelman, atribui aos tipos integrados, «olhos pardos, cabelos castanhos escuros, olhos vivos» e, aos desintegrados, «olhos claros, cabelos loiros, e pele branca que não escurece ao sol». Os tipos integrados e desintegrados, acham-se distribuídos em vários países do mundo. Nos países em que a população é essencialmente de tipos integrados, há menos suicídios. O fator que expõe os tipos desintegrados ao suicídio, é que eles suportam menos a luz solar direta, porisso estão mais expostos ao desequilíbrio que os levarão ao suicídio, isto acontecendo com mais frequência no verão. Morseli formulou nos termos seguintes: «onde predomina os crimes contra a propriedade, os suicídios são mais frequentes do que onde prepondera os crimes de sangue».

O sábio Lacassagne colhe conclusões que não são perfeitamente idênticas; diz êle: «Grande número dos suicidas são apenas criminosos modificados pelo meio social». O suicida é o assassino de si mesmo. Os que não têm energia para tra-

balhar e vencer, os que não têm resignação para viver obscuramente e sentem-se impulsionados para o gôzo da vida, para a embriaguez, ou para o crime, muitas vêzes terminam a sua existência pelo suicídio. Para estabelecer os tipos, procuramos um diagnóstico experimental pela preferência que os indivíduos manifestam pela côr e pela forma.

Os indivíduos que são guiados pela côr, pertencem ao tipo integrado de **Jaensch**; apresentam interpenetração das funções psíquicas, são afetivos, volitivos e reúnem os mundos exterior e interior. O tipo integrado, tem o seu psíquico amplamente aberto às influências exteriores; o seu psiquismo é comparado a um campo vazio, onde a impressão mais forte é a que terá entrado em primeiro lugar. E' a côr que produz a impressão mais forte e que tem o domínio na percepção.

Os indivíduos que preferem a forma, geralmente pertencem ao tipo desintegrado. **W. Schmulting** determinou que o tipo integrado possui predominância do factor central sôbre o periférico, na formação de imagens ou post-imagens consecutivas. Para os integrados, as imagens não aumentam com o afastamento proporcional; isto sômente ocorrerá com os desintegrados. Para os integrados, a duração da imagem é mais longa, e não se apresenta, da mesma forma que para os desintegrados, por eclipse. Projetando, na tela, um quadrado que gira ao redor de um eixo horizontal ou vertical, formase, na projecção, um trapézio para o desintegrado, mas não para o integrado.

As estatísticas demonstram, que nos países europeus, o maior número de suicídios se dá nos meses quentes, quando os raios solares têm ação mais forte. Há já alguns anos, observaram-se, na Itália, 1.200 suicídios anuais. O número de casos por mês, na época em que foi feita a estatística, são os seguintes:

Meses	Número de suicídios
Janeiro	82
Fevereiro	94
Março	98
Abril	109
Maió	124
Junho	132
Julho	125
Agosto	103
Setembro	95
Outubro	85
Novembro	80
Dezembro	73

T O T A L 1.200

Comparando os suicídios na Austrália e na Europa, estabelecemos as seguintes relações:

Meses	Número de suicídios	
	Austrália	Europa
Janeiro	900	632
Fevereiro	849	712
Março	832	808
Abril	793	960
Maio	796	1077
Junho	720	1097
Julho	749	1026
Agosto	846	898
Setembro	784	789
Outubro	910	758
Novembro	848	697
Dezembro	973	680

* * *

NAO ERA SUPERSTICIOSO...

O jovem tenente da reserva, recentemente desmobilizado, estava pedindo emprêgo numa grande companhia, e o chefe da Secção do Pessoal perguntava-lhe se tinha alguma experiência no mundo dos negócios.

— Não senhor, nenhuma. Quando fui convocado, ainda estava na faculdade...

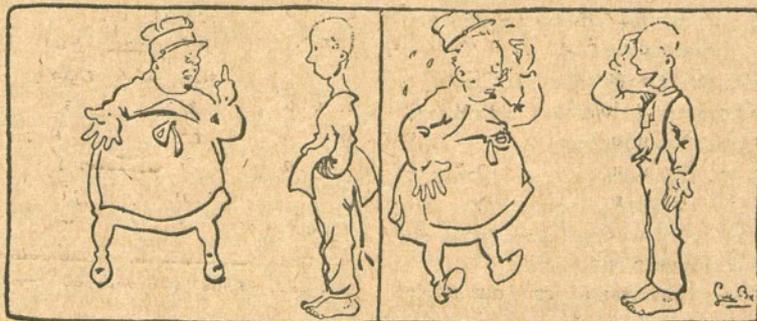
— Bom. Então me diga: qual é o trabalho que o senhor se julga mais habilitado?

— Bem... veio a resposta. — Qualquer coisa de responsabilidade. Um cargo de vice-presidente, por exemplo.

Sem pestanejar, o outro replicou: — Ah, então, meu amigo, sinto muito. Acontece que nós já temos 12 vice-presidentes...

— Ora, não faz mal não! — retrucou o tenente, com um largo gesto. — Eu não sou nada supersticioso!

III — A CONSULTA



— Mas você não tem nada!...
Isso é do fumo...

— Desculpe sr. doutor, sou o
ordenança do comandante! vim
dizer que êle o está chamando...

Extinção de incêndios

São Paulo, nos fins da primeira metade do século passado, assim nos dizem as crônicas da época, era uma cidade sem divertimentos apesar dos seus 30 ou 35 mil habitantes.

Afora as festas religiosas, um ou outro baile, hoje um pique-nique na Bela Vista, amanhã outro lá pelas bandas da Ponte Grande, nada mais.

Havia também as patuscadas dos estudantes. Estas, porém, mais amofinavam do que divertiam os pacatos habitantes da Paulicéa.

Por isso, um incêndio, raríssimo na época, era novidade que todos desejavam ver. Ao tocarem os sinos a rebate, a população saía à rua e indagava do que se tratava. Onde se localizava o extraordinário acontecimento. Si se tratava de um incêndio era de ver-se a sofreguidão com que todos se dirigiam para lá, em meio à algazarra das mulheres e das crianças e comentários dos homens, cada qual a manifestar seu ponto de vista sobre a maneira mais eficiente de dominar o sinistro. Tudo só palavras, porque os que se arriscavam a auxiliar na extinção do perigo comum, eram poucos.

Válvulas de incêndio não havia, o que dificultava o combate às chamas. Meios próprios, tão pouco.

O incêndio era extinto, quando o era, a baldes d'água transportados dos chafarizes e bicas das redondezas, ou dos córregos vizinhos.

E muitos dias depois o acontecimento ainda era tema obrigatório das conversas à porta das boticas, e dos fatalórios das comadres.

Após 1841, porém, ao soar o sinal de alarme de incêndio, salvo aqueles homens de bôa vontade, sempre prontos a dar a sua ajuda em favor do próximo, tôda a população retirava-se pressurosamente das imediações, fugindo do local do sinistro, como o diabo foge da cruz. Os vizinhos fechavam portas e janelas, como si não estivessem em casa, procurando apenas observar o acontecimento através das frestas e dos buracos. Mesmo as crianças maiores evitavam aproximar-se.

Qual a causa dessa fuga, quando, antes, um incêndio era espetáculo tão apreciado?

A causa, leitor, foi o regulamento do Corpo de Municipais Permanentes, baixado naquele ano.

Mas, direis, que tem a ver o regulamento de uma instituição, embora respeitável, com a fuga do povo do local de um espetáculo que antes tanto o divertia?

E' fácil explicar. Ao dar as atribuições à corporação policial foi-lhe cometida, dentre outras, a de acudir, imediatamente, aos incêndios, para o que o Estado lhe ministrou uma bomba. E ainda mais. Podiam os policiais requisitar os serviços dos vizinhos e dos espectadores para os auxiliar. Daí a debandada. Daí a fuga. Porque essa história de fazer funcionar uma bomba manual de extinção de incêndios, de carregar baldes e mais baldes d'água para alimentá-la, principalmente nas noites frias e garoentas, não era nada de desejar...

EM VIAGEM...

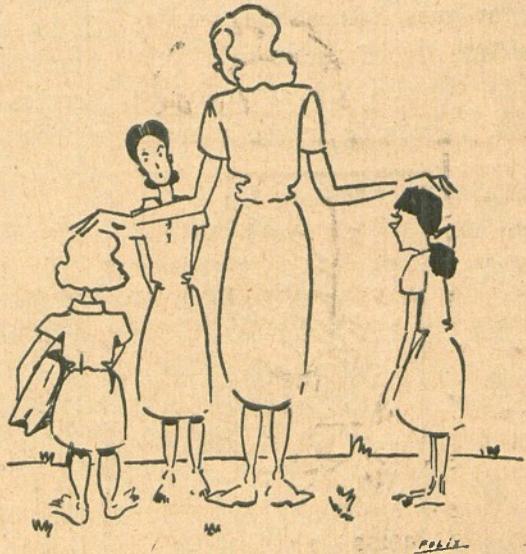
TEN. EVANDRO MARTINS

A velha máquina apitou. Instantes após, a composição empoeirada parava, ao chiar dos breques, na estação de Cardeal, pequena localidade da Ituana.

Na plataforma, inúmeras meninas vestindo blusas brancas, saias azuis, bolsas de pano a tiracolo, fitas no cabelo, sorrisos nos lábios, curiosidade nos olhos, e... pés no chão, esperavam a professora.

Esta, ao descer, foi alvo da alegre recepção que todos os dias se repete. Com maternal carinho agradeceu a acolhida e respondeu aos «bom dia, fessora», tendo, porém, sofrido um forte assédio, quando as pequenas disputaram a primazia de levar a bolsa da professora até a escola, que da estação se avistava. A menor de tôdas conseguiu as boas graças da mestra, mas, quase desapareceu ante o

tamanho do volume. Entretanto, pelo seu semblante, via-se que nada sentiu, a não ser uma grande alegria na sua alminha de criança.



O grupo de saias atravessou a linha e dirigiu-se para a escolinha. Esta se resumia em uma sala de tijolos, com bancos e mesas adaptados para fins escolares. À sua frente, uma pequena área, limitada por uma cerca de arame liso, servia de

campo de futebol para os outros alunos, ós meninos. Estes, suados e vermelhos, corriam em disputa a uma bola de meia. Não havia observância das regras. Logo, não havia necessidade de um juiz. Todavia, um dêles decidia sôbre um ponto, uma falta, e, pelos seus modos, pareceu-nos ser o dono da bola.

Quando a professora e seu séquito de alunas chegaram ao portão de entrada, o jôgo findou-se, correndo os pequenos a pegar suas bolsas, umas espalhadas desordenadamente pelo chão, outras demarcando os gôls, à guisa de traves laterais:

Reunidos, formou-se uma coluna dupla, por altura, com as meninas à frente. A mestra passou entre êles, e, após haver conseguido, sem esforço, ordem e silêncio, fê-los entrar. Vi-os ainda em pé, entoando um hino escolar. Neste ínterim um sôco violento sacudiu a composição, como se quisesse acordá-la de longo sono. Era o reinício da viagem. Nesta parada prolongada, a máquina pedira mais água, mais sangue...

A separar-nos daquela escolinha, perdida naquele rincão humilde havia então uma densa cortina de pó e uma grande área semeada de fagulhas.

C
A
F
É

R
O
C
H
A



O
I
N
S
U
P
E
R
A
V
E
L

O do centro:

— Não se incomode... Estes dois vêm comigo...

O Atraso na Agricultura

Cap. Breno Pereira da Silva

O “O Estado de S. Paulo” publicou, sob o título acima, entre os dias 31 de Agosto e 3 de Setembro, uma série de comentários sobre o Relatório apresentado pela Sub-Comissão da ONU a respeito da situação econômica dos países da América Latina.

Trata-se segundo o articulista do “O Estado” de “um documento edificante”, “um trabalho de notável exatidão”, feito com o objetivo de “pôr em relêvo certos traços comuns a tôdas as 20 repúblicas latino-americanas”, objetivo que, segundo ainda a opinião do comentarista, foi inteiramente alcançado, sem que, para tal, se tornasse preciso forçar os fatos.

O referido Relatório, que recebeu do “O Estado” encômios tão fartos e repetidos, não foi publicado na íntegra na imprensa paulista, o que é deveras lamentável. Realmente, quaisquer que tenham sido as conclusões finais a que terá chegado a Comissão, conclusões que desconhecemos, a verdade é que o documento, segundo o que pudemos apreender, é um repositório de dados interessantíssimos sobre a economia brasileira, particularmente sobre a nossa agricultura e sua evolução na década que vai de 1937 a 1947.

Pelo interêsse que decorre para nós, militares, do conhecimento da situação do nosso país, cuja defesa e integridade repousa em primeiro lugar sobre os nossos ombros, propomos aqui destacar um dos aspectos da nossa economia, examinado no Relatório e nos referidos comentários daquele matutino paulista.

Referimo-nos ao fenômeno da estagnação e mesmo retrocesso da nossa agricultura e, mais particularmente, da produção e consumo de gêneros alimentícios, fenômeno que, segundo

o Relatório da Sub-Comissão, é um dos traços característicos a todos os países da América Latina, conforme se verifica pelo quadro abaixo, transcrito do "O Estado" de 3 de corrente.

OS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NA AMERICA
LATINA EM 1947
(1937 = 100)

PAÍS	Produção Agrícola	Produção de produtos alimentícios	Disponibilidade de produtos alimentícios	Produção Agrícola "per capita"	Produção de produtos alimentícios "per capita"	Disponibilidade de produtos alimentícios "per capita"
Argentina	112	115	139	96	98	119
BRASIL	111	115	115	87	90	90
Cuba	151	150	117	127	126	98
Chile	122	121	128	100	99	105
México	141	139	142	110	109	111
Peru	111	118	122	90	95	98
Uruguai	98	87	113	87	78	101
Média dos 7 países . .	117	120	126	94	96	102

Do exame dêsse quadro ressalta, não só a péssima situação do Brasil com relação aos outros países citados, como também a má situação de todos os países ao Sul do Rio Grande, como os norte-americanos chamam genéricamente aos países de origem ibérica.

Ressalta ainda, com relação ao nosso próprio país, tomado isoladamente, que, de 1937 a 1947, a produção agrícola geral e a produção específica de generos alimentícios cresceram apenas em 11% e 15% respectivamente, o que constitui um fato alarmante, se considerarmos que, durante êsse período, segundo as estatísticas nacionais o crescimento da população alcançou 27%.

Isso significa que na referida década a produção agrícola geral per capita desceu de 100 para 87 e que a de gêneros alimentícios desceu de 100 para 90.

Se considerarmos que exatamente nesse período tivemos a guerra, quando a exportação de gêneros alimentícios subiu verticalmente, forçoso é convir que o consumo per capita do brasileiro deve ter descido muito mais do que indicam os índices acima, de 87 e 90, que se referem à produção e não do consumo per capita.

Com efeito, todos nós estamos lembrados do que aconteceu durante a guerra com os gêneros alimentícios em geral e em particular com o açúcar e a carne, devido ao aumento da exportação, e com o pão, devido à diminuição da importação do trigo.

O consumo de carne per capita entre 1939 e 1947 fica evidenciado pelo quadro abaixo, publicado pela "Folha da Manhã" de 2 de Agosto último:

CONSUMO DE CARNE "PER CAPITA"

ANO	Quant. em Quilos Por Ano	Quant. em Gramas Por Dia
1939	17,3	48
1941	15,9	43
1943	13,4	37
1945	13,3	36
1947	16,0	44

Dáí se deduz que, durante a guerra, no período 37/47, quando maior foi a exportação de carnes pelos frigoríficos, o consumo per capita do homem brasileiro desceu ao nível de 36 gramas diárias ou seja 25% menos que o consumo de 1939. Com o fim da guerra, melhorou um pouco o consumo de carne, o qual entretanto, não voltou mais ao nível, já baixíssimo, de antes da guerra.

Não possuímos dados semelhantes com relação a outros gêneros alimentícios, tais como o arroz, o feijão e o açúcar, etc... Mas sabemos que o rendimento da produção agrícola declina,

caindo também, em alguns casos, o próprio volume físico da produção. Tudo indica, pois, que o fenômeno ocorrido com a carne se reproduz com os demais gêneros, e sejam verdadeiros, portanto, os dados do Relatório da Sub-Comissão da ONU, que dá origem a êstes modestos comentários.

Esses dados, para os quais chamamos a atenção de todos os nossos camaradas, pintam-nos, acêrca da realidade brasileira, um quadro extremamente doloroso cujas tintas não se tornam menos sombrias, como insinua muita gente, porque situação idêntica ou pior exista em muitas outras repúblicas sul e centro americanas.

A nós, militares, compete a preparação da defesa nacional, a preservação das riquezas do país, a salvaguarda da liberdade do nosso povo empreza gigantesca que se torna ainda mais ciclópica, quando a economia do país se estiola, a produção diminui e o homem brasileiro enfraquece fisicamente, consumido pela sub-alimentação.

Impõe-se-nos, pois, como cidadãos e como soldados, sentinelas alertas da soberania da Pátria, indagarmos das causas que conduzem a essa situação alarmante, com a qual não podemos de forma alguma conformar-nos, sob pena de nos vermos um dia impossibilitados de cumprir a sagrada missão a que nos dedicamos, de manter o Brasil livre e independente.

Impõe-se-nos, pois, — identificadas as causas do mal que socava o progresso do Brasil e vai conduzindo o nosso povo ao deperecimento, — somarmos os nossos esforços aos de todos os brasileiros para remover essas causas e abrir então à Pátria o caminho da prosperidade.



Jeca:— O que nos vale é que nós temos um céu cheio de estrelas...
(rolha da Noite, S.Fausto).

Cartas de Santiago

1.º Ten. Monte Serrat

O capitão Theodoro de Almeida Pupo, reconhecidamente um dos valores da oficialidade moça da Fôrça Pública, presentemente em missão de estudos junto ao Corpo de Carabineiros do Chile, tem nos apresentado — em cartas de estilo vibrante e colorido — aquela corporação em desfile ante nossos olhos maravilhados. Pelo seu poder descritivo transpusemos a cordilheira e visitamos o grande centro de instrução policial-militar que é a Escuela de Carabineiros de Chile. Vimos o, célebre Quadro Azul, equipe de cavalarianos muito querida dos chilenos, em exhibções no Estádio Nacional de Santiago, e assistimos ainda à sua partida para os Estados Unidos da América do Norte onde foi se apresentar à população das metrópoles ianques. Conhecemos, enfim, uma organização modelar, justo orgulho do país andino, que, com dezessete mil homens se desempenha satisfatoriamente da incumbência de policiar um território de 4.300 kms. de costa, que se estende desde o cabo Horn, extremo astral do continente americano, até os rios Sama e Salgado, além do Trópico de Capricórnio. Presenciamos formaturas em que o Corpo de Carabineiros nos impressionou pela marcialidade germânica dos seus batalhões e regimentos.

Não, caro leitor, nesta ligeira crônica não discorreremos sobre a modelar organização policial-militar da nação irmã. Essa tarefa será desempenhada superiormente pelo

colega que lá esteve ampliando seus conhecimentos. A presente notícia é uma "fila" do muito que o cap. Pupo nos irá relatar em futuras e interessantes conferências, que serão posteriormente resumidas e transcritas em MILITIA, para conhecimento das demais polícias militares do Brasil.

Na sua estada na Terra de André Bello o nosso enviado não se limitou àquelas diligências e ocupações de quem vai ao exterior para aprender. Apresentou MILITIA à bem feita e bem escrita REVISTA DE CARABINEROS, editada em Santiago. Dessa apresentação nasceu amizade que porfiaremos em manter.

As suas atividades, no entanto, deixaram de apresentar o caráter restrito de estreitamento de duas entidades policiais-militares para se revestirem de um cunho de eminente aproximação interamericana, quando, no dia 7 de setembro, retribuindo as homenagens prestadas pelos Carabineiros à nossa data máxima, ofereceu uma recepção aos oficiais chilenos, à qual compareceu, entre outras altas autoridades, s.excia. o Embaixador do Brasil. Nessa oportunidade, inflamado pelos acordes do hino brasileiro que o transportou à Pátria distante e saudosa, falou ao Chile, não apenas como elemento da mais que secular milícia paulista, mas como representante de quarenta e cinco milhões de compatriotas que

sêmpre votaram especial simpatia por aquela nação do Pacífico.

No dia 1.º de novembro, — quando os carabinieri vão em romaria ao cemitério velar o mausoléu onde repousam os seus gloriosos mortos — ofereceu nosso camarada, em nome da Fôrça Pública, aos policiais chilenos, mortos em serviço, uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Aos heróicos Carabineiros do Chile, educados na escola do patriotismo, do sacrifício e do dever, modelos de disciplina, abnegação e bravura, homenagem da Fôrça Pública de São Paulo, Brasil.

Santiago, 1.º-XI-1949.”

Antes de voltar ao nosso convívio já se apresentam os primeiros dourados frutos de sua missão.

Aqui o aguardam cap. Pupo, os vossos camaradas, ansiosos por ouvir à viva voz o que se faz no Chile para a garantia da ordem e da paz dos cidadãos, construtores da grandeza nacional.

Com os nossos parabéns pelo brilhante desempenho, as nossas excusas pela divulgação de alguns tópicos das missivas escritas não ao secretário de MILITIA mas ao companheiro de luta pelo maior engrandecimento da Fôrça Pública e das Polícias Militares do Brasil.

* * *

Organização modelar, justo orgulho do País Andino...

A imponência e a marcialidade dos novos oficiais refletem o grau de disciplina e de instrução militar reinante em tôda a tropa.

Dois aspectos da formatura da última turma de aspirantes do Corpo de Carabineiros do Chile.



Bilhetes a um Aspirante (1)

DEDICATÓRIA

Meu caro Aspirante,

Certa tarde em Rezende, pediste-me para redigir alguns conselhos que fossem úteis aos teus companheiros, quando ingressassem no oficialato. De incio não pretendi satisfazer à tua solicitação. Julguei desnecessário dar-me ao trabalho de escrever sobre assunto farta e brilhantemente burilado por famosos escritores deste e do século passado.

No entanto, mudei de idéia. Hoje, que estou longe da mocidade militar de Agulhas Negras, punge-me a saudade. Sinto este anseio, este desejo, este impulso, humanamente justo, de não ser completamente esquecido por aqueles a quem, honestamente, dediquei os meus melhores esforços, os mais belos dias de minha vida, muito da minha perseverança. Estimula-me esta vontade de durar, de não permitir que o tempo apague e o espaço afaste a minha lembrança.

Eis a origem dos BILHETES, que te envio. Decorrentes do meu egoísmo, se tal é pretender subsistir na recordação daqueles que me são queridos, daqueles cujos passos na senda do dever tentei iniciar, modestos embora, se nenhum valor contêm, estão impregnados da vontade de ser útil. Há neles muito de meu coração, de minha mocidade que passou, transfundindo-se em experiência.

A. C. M. A.

PRIMEIRO BILHETE

CONHECE TEUS COMANDADOS

Ao ser designado o teu pelotão, consulta o teu antecessor sobre as qualidades e defeitos dos soldados que o constituem. Indaga do valor de cada um, de seu espírito de disciplina, de sua dedicação ao

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES? (Nota do autor).

trabalho, de seu aproveitamento na instrução, de sua coragem, de sua conduta no combate, etc. Anota, em frente de cada nome, com sinais ou letras — (mb = muito bem; b = bem; r = regular; etc.), a apreciação do teu camarada mais antigo. Guarda-te, entretanto, de aceitar como inapeláveis os conceitos consignados. Sim, excelentes soldados, mal dirigidos no período anterior, podem ter passado por criaturas perniciosas.

Uma vez no comando da unidade elementar, esforça-te por decifrar o caráter de teus subordinados. Ausculta, particularmente, àqueles que foram assinalados como difíceis. Este se deixa levar por maneiras suaves. E' um rapaz de família distinta, de fina educação, cheio de boa vontade, porém altivo. Aquele confunde delicadeza com medo. A seus olhos um subalterno de trato fino é um fraco. Para tais indivíduos, a ordem deve ser dada sob a forma imperativa, mas em termos.

De início, recorre com freqüência às indicações dos teus graduados. Só abre a boca para dar ordens ou informações úteis. Demonstra e, de fato, toma grande interêsse pelos serviços referentes aos teus homens, particularmente pelas escalas.

Realizando as tuas atribuições com exatidão, cedo conhecerás o ambiente e o material que deverás modelar. Observa e escuta ainda por algum tempo. Isto te será muito, muito vantajoso.

Os subordinados também te espreitarão. Manobra alguma em falso passará despercebida e ser-te-á perdoada. O silêncio muitos tropeços te poupará.



O fracasso só é amargo quando o engulimos.

NOTICÁRIO

EXPRESSIVA HOMENAGEM AO CEL. FERLICH, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento

— ENTREGA DA ESPADA SIMBÓLICA DE SAN MARTIN —

Teve lugar, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento, em setembro último, significativa homenagem ao coronel Eleuthério Brum Ferlich, Comandante Geral desta Força Pública, ocasião em que se ex-cia. recebeu, das mãos do jornalista argentino Savério D'Agostino, um *fac-simile* do sabre de San Martin, oferta do Presidente Juan Domingos Perón, da República Argentina.

O sr. D'Agostino, que veio acompanhado de sua esposa, mme. Maria Antonieta D'Agostino, que é brasileira nascida em S. Paulo, vindo ao Brasil

em missão particular do presidente argentino, imprimiu à sua visita um sentido eminentemente panamericanista e altamente cordial. E mais uma vez foi lembrado o "*Tudo nos une — nada nos separa!*" e repetido em uníssono pelos presentes à festa de cordialidade. "*Esta lâmina, Senhor — declarou o sr. D'Agostino, ao entregar o sabre do Libertador ao cel. Ferlich — esteve sempre a serviço dos povos americanos*". E, em outro trecho: "*O pensamento de Perón não é egoísta. Quer êle, a grandeza de sua pátria e a de todo o conti-*

Ao alto, s.s. o sr. Savério D'Agostino interpreta o sentir do ofertante do sabre de San Martin.

Em baixo, uma objetiva dos presentes ao quartel do C.F.A.



Variados aspectos da homenagem ao Comando da Força, agora, na Vila Militar, onde os escolares do nosso conjunto residencial deram a sua nota característica.



nente. Quer a paz e por ela trabalha com base em atitudes que com justiça se denomina de panamericanismo”.

Agradecendo a homenagem, em brilhante improviso, o cel. Ferlich falou do significado para si, da oferta do Presidente da República irmã, a qual era recebida como uma homenagem à sua Pátria. E entre emocionado e orgulhoso, afirmou: “Ao Presidente da Repú-

blica Argentina, soldado como eu, cujo caráter se formou na torja escaldante das casernas, não será necessário ressaltar o meu justificado orgulho em receber tão alta deferência.

Em continuação ao ato realizou-se ainda, na Vila Militar, um interessante festival infantil, do qual fixamos espetos diversos.

CONCÉRTO SINFÔNICO DA BANDA DA FÔRÇA PÚBLICA

— CRÔNICA ESPECIAL PARA "MILITIA" —

Moupyr Monteiro

Crítico musical do "Correio Paulistano"

Mais uma vez o vitorioso conjunto musical de nossa milícia deliciou o público da Paulicéia com um de seus magníficos espetáculos. Sob a batuta do maestro ten. Antônio Bento da Cunha, a Banda de Música da Fôrça ofereceu ao público que foi vê-la e ouvi-la no dia 31 de outubro, no Teatro Municipal, o seguinte

PROGRAMA

1.^a Parte — R. Wagner — *Sigfrido* — "Murmúrics da Floresta" (em 1.^a audição pela Banda); — A. B. Cunha — *Concérto em si bemol* — Op. n.^o 12 (em 1.^a audição pela Banda), solista de clarinete sub-ten., Roberto de Pascoal; — A. Carlos Gomes — "O Guarany" — Balada; — A. B. Cunha — "Florestas do Brasil" — Grande Valsa — op. n.^o 7. Estes dois números a cargo da soprano srta. Laura Della Monica.

2.^a Parte — J. Offenbach — "Orfêu no Inferno" — Ouverture; — A. B. Cunha — "Elegía" — Op. n.^o 3; — Stephen C. Foster — "Foster Melodies" — Seleccões.

Apreciando a audição, o sr. Moupyr Monteiro, abalisado crítico musical do "Correio Paulistano" escreveu, especialmente para MILITIA, a crônica que abaixo consignamos.

Desejo, antes desta apreciação sôbre o interessante concérto sinfônico

executado pela Banda de Música da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, no último dia de outubro, no Teatro Municipal, sob a regência dêsse talentoso moço tenente Antônio Bento da Cunha, falar um pouco sôbre interpretação sinfônica. Perfilho, de início, com alegria, a opinião do professor Eurico Nogueira França, de constituir a música sinfônica o nível mais elevado, nobre e complexo, atingido pela expressão musical. Da mesma forma que nos referimos à obra e ao estilo de determinado grande compositor, é suficiente também, para individualizá-lo, aludir à sua orquestra.

"Os meios de exteriorizar a linguagem sonora se confundem assim com o processo criador, chegando mesmo até a condicioná-lo. Por isso, quando falamos da orquestra de Wagner, de Beethoven ou de Debussy, estamos, implicitamente, aludindo ao gênio de cada um dêsses compositores.

A evolução da orquestra processa-se com extrema rapidez, do período clássico até os nossos dias. A música de Bach vale por si mesma e, música absoluta, independe, pode-se dizer, de uma caracterização sinfônica particular, visto que a magnífica orquestra do Cantor representa, em essência, uma transposição do órgão.

Ocorre em seguida, porém, o progressivo enriquecimento da orquestra;



NO MUNICIPAL — Ao alto um ângulo da numerosa assistência. No centro: duas atitudes do ten. Bento da Cunha, quando regia a Banda Sinfônica da Força e a senhorita Della Monica, que colaborou na audição, cantando "Florestas do Brasil". Em baixo: dois aspectos da Sinfônica da Força.

existem as múltiplas, diferentes e características orquestras dos autores clássicos, românticos e nossos contemporâneos, a ponto de constituir a música sinfônica manifestação estética nitidamente diferenciada, segundo cada compositor de primacial importância. Em que pese aos acertos geniais de Monteverde, e à imponência dos "tutti" de Handel, foi Beethoven, assinala Fritz Volbach no volume "*A Orquestra Moderna*", "o primeiro grande mestre da côr como expressão".

A individualização dos timbres, os efeitos da paleta orquestral, intimamente ligados, sem dúvida, aos demais elementos do estilo, conduzem-me ao ponto da interpretação sinfônica que diz

respeito à ambiência sonora, definida e variável segundo o autor, ou seja, à atmosfera que deve ser suscitada pelo mesmo conjunto intérprete, cujo repertório se compõe, naturalmente, dos mais diversos compositores. Da fato não se torna apenas necessário atacar um movimento dentro do sentido expressivo indicado pelo caráter geral da obra, porém é mister conservar e pôr em relevo seu clima específico até à última nota da partitura. Os ouvintes dotados de certo discernimento, sentem essa ambiência especial, possivelmente indefinível por palavras, e que depende, está claro, do tipo de sonoridade obtido pela orquestra. Penso que não se torna ocioso sublinhar, a propósito, que a indivi-

dualidade sonora dos grandes compositores deve ser sempre mantida, seja qual for a gradação dinâmica empregada. E a côr sonora de um conjunto sinfônico depende tanto do regente, dos músicos, do instrumental, como da qualidade dos ensaios que foi possível realizar.

Os ensaios sinfônicos representam, na sua delicadeza e complexidade, um processo de elaboração progressiva da obra, rico de interesse, cujos detalhes não chegamos a aquilatar, quando ouvimos a composição em um concêrto. É no concêrto, entretanto, que verificamos si a obra foi ou não convenientemente ensaiada. Por vêzes o maestro sabe de cor a partitura e os músicos — cada um de per si — estavam talvez aparelhados, do ponto de vista técnico, para executá-la bem. Mas se a composição sinfônica, apesar dessas circunstâncias favoráveis, deixa de nos satisfazer, podemos tranqüilamente buscar a causa do insucesso na insuficiência ou má qualidade dos ensaios. E se, inversamente, a obra resplandece no concêrto com todo o fulgor que o gênio do compositor lhe emprestou, podemos ainda, com a mesma segurança, buscar a causa do êxito nos ensaios. São, portanto, da mesma forma responsáveis os ensaios, tanto no caso do insucesso como do êxito da música. Apenas, nessa última hipótese, torna-se difícil ao público avaliar a minúcia e profundeza do trabalho de burilamento a que os músicos se entregam, sob a direção do maestro, estabelecendo o fraseado, a rítmica exata, o matizamento dinâmico, a côr sonora exigida pelo conteúdo expressivo da obra e, como uma espécie de cúpula da interpretação, a unidade definitiva da sua estrutura formal.

É verdade que as grandes orquestras universais ensaiam poucas vêzes cada programa de concêrto. Mas de facto não ensaiam pouco e sim o necessário para que as obras se revistam de interpretações definitivas. Por isso são grandes orquestras. Entre nós os conjuntos sinfônicos têm necessidade de ensaios assíduos, numerosos. E ninguém receberá aqui o título de grande maestro se não for ao mesmo tempo um paciente, hábil e rigoroso ensaiador”.

* * *

Estas considerações atendem de imediato ao poder afirmar-se que o conjunto sinfônico constituído pela Banda de Música da disciplinada milícia estadual é um corpo de regência dos mais felizes. Correta e assiduamente ensaiada em métodos de boa escola que é tradição naquela casa, êste conjunto faz maravilhas. Nasceu essa unidade orgânica que tão fiel sentido interpretativo nos tem feito conhecer, de tantas obras mestras, de um trabalho começado nos tempos dos senhores major Antão Fernandes, rigorista até o excesso, mas tão cioso de cada um de seus músicos, do talentoso capitão Lorena, seu substituto. São êsses dois regentes nomes de proa na história da famosa banda sinfônica, dos antigos concertos do Jardim da Luz. Nos tempos revalorizantes que correm para as atividades da banda, desenvolvidas num plano artístico dos mais notáveis, vemos a guiar seus trabalhos os regentes capitão Antônio Romeu — cujas performances à testa dos concêrtos no Teatro Municipal já têm sido por nós comentadas com os justos aplausos — e o 1.º tenente Antônio Bento da Cunha, que já ouvimos por mais de uma vez.

É este moço, sem dúvida, expressão desse clima privilegiado de interesse musical que se formou da Fôrça Pública do Estado em tórno e em meio à mais sólida tradição pela sua Banda. Inicialmente, ali fêz parte como pistonista do quadro de músicos. Estudou bastante e revelou-se regente. Surge agora como compositor de inventiva fácil e espontânea. O espírito de pesquisa e a solução dos processos de construção harmônica, ainda revelarão novas conquistas que assegurarão ao jovem compositor um lugar de destaque em futuro próximo. A freqüentação dos mestres, no estrangeiro, impõe-se se possibilite a êsse moço

Estas considerações já vêm tão longas que uma análise do concêrto em si bemol para clarinete e orquestra (foi solista o sub-tenente Roberto de Pascoal, músico experimentado e de excelente escola), de autoria do tenente Antônio Bento da Cunha e que ouvimos nesta noite de surpreendente beleza do dia trinta e um. Ali vimos que si o regente achou na sua banda, dá qual foi o Cantor, uma compreensão exata da mensagem que lhe punha em mãos para exteriorizar com a segurança técnica exata e o colorido que a escrita medra nas suas entrelinhas espirituais, verdade é também que a sua banda, a sua sinfônica, na sua batuta inspirada achou um velho conhecido, um condutor sentido e auscultado

nos menores "quido" da dinâmica — sóbria, mas emotiva —; nos mais breves olhares, na mudança de expressão fisionômica que nesse moço compositor e regente vive o equilíbrio da doçura, da bondade, das quais não se exclui êsse traço de serena energia, tão íntima e tão necessária, que a orquestra compreenda facilmente, sem mais recados.

Êsse concêrto em si bemol para clarinete e orquestra, revela que temos aqui mais um compositor, capaz de ligar de futuro seu nome e o nome da famosa Banda da Fôrça Pública de São Paulo a um quadro de referências estáveis, desde já no campo do melhor naipe nacional.

O programa conteve também a valsa "Florestas do Brasil", com a participação da solista de canto Laura Della Monica. Devo felicitar a cantora — que excelente dicção! — e também o compositor. O andante de abertura é uma beleza. No final o "tutti" se expressa fortíssimo, vindo um crescendo que recapitula com variações breves o tema inicial do andante. Todavia, a peça se estende demasiado, prejudicando um tanto a atenção atribuída pelo ouvinte.

Receba, porém, o talentoso compositor, o nosso aplauso. E continue a trabalhar. Todos nós lhe agradecemos com nossa presença e as nossas palmas.

AFINAÇÃO EM ALTURA...

O pianista Vladimir Pachmann era cheio de esquisitices e sempre tinha dificuldades em ajeitar a banquetta do piano, o que fazia em plena vista do auditório.

Certa vez, não conseguindo acomodar-se resmungou, irritou-se e pediu que lhe trouxessem algo para colocar sobre a banquetta. Deram-lhe um grosso livro, que êle experimentou, mas não o satisfez. Então, cuidadosamente, arrancou uma página do volume, colocou-a sobre a banquetta, experimentou, e finalmente satisfeito, sorriu, dando começo ao seu primeiro número...

Grupo de oficiais comemora o 15.º aniversário de ingresso na Corporação

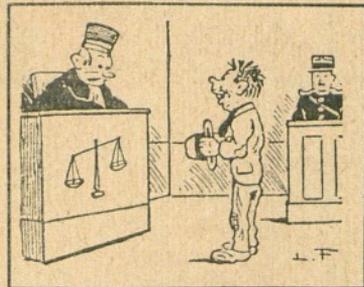


A 1.º de setembro último reuniram-se, em singela festa de confraternização, diversos oficiais da Fôrça Pública, a fim de comemorar o 15.º aniversário de seu ingresso na Corporação.

No cliché acima, que fixa um especto' da reunião, vêem-se os capitães **Brasilino Antunes Proença**, **José Gladiador**, **Bento de Barros Ferraz**, **Milton Marques de Oliveira**, **Hamilton Rangel Gama**, **Efraim Bratfish Lastebasse** e **Gustavo Baltensberg Sobrinho**. Também aparecem o 1.º ten. da reserva dr. **Fernando Fraga de Toledo Arruda** e srs. **Paulo Sonnewend** e **Auto Rosa**, que foram integrantes da mesma turma e convidados para a festa íntima. Por motivo de fôrça maior deixou de comparecer o capitão **José de Abreu**.

MILITIA, especialmente convidada para a reunião, ali compareceu. Congratulamo-nos com os componentes do simpático grupo, pelo grato acontecimento.

* * *



— Dez vêzes, que eu o condeno pelo mesmo motivo. Você é um reincidente !

— E o senhor então ?

O aniversário do Centro Social dos Sargentos

Comemorou o Centro Social dos Sargentos, a 22 de outubro, mais um aniversário de sua fundação e o fêz com um programa seleta que comportou várias e interessantes competições desportivas e culminou com uma sessão solene, seguida de "soirée" dansante, em sua sede social.

A noite do dia 22, no belo edifício da avenida Rangel Pestana, em comemoração ao notável evento, teve início às 21 horas. Presidiu os trabalhos o cel. João de Oliveira Melo, Chefe da Casa Militar, na qualidade de representante do sr. Governador do Es-

tado, estando presente, entre outros, os srs. Deputado Porfírio da Paz, cel. Sebastião Amaral, Juiz do Tribunal Superior de Justiça Militar, cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior, cel. Vital Vaz, Chefe do Serviço de Saúde, ten. cel. Luiz Pereira Leite, Comandante do Batalhão Policial, grande número de oficiais, tôda a Diretoria do Centro Social dos Sargentos, tendo à frente o seu presidente sub-ten. Herotilde Carvalho de Araujo.

O salão, profusamente iluminado, caprichosamente ornamentado, esteve literalmente repleto, pelas famílias da

Ao alto: a Diretoria do C.S.S. posa para "MILITIA". No centro: o Presidente do Centro, sub-ten. Herotildes C. Araujo, quando pronunciava a sua oração e no momento em que era cumprimentado pelo cel. Melo, representante do sr. Governador. Em baixo: instantâneo do pic-nic que o C.S.S. fez realizar em Santos.



numerosa classe dos sargentos da Fôrça Pública e pessoas gradas, especialmente convidadas. Falou em primeiro lugar o presidente do Centro, sub-tenente Herotildes Carvalho de Araujo, que agradeceu a presença das autoridades, explicou os motivos das comemorações e se congratulou com os colegas, pelo transcurso da efeméride. Proferiu, a seguir, o orador oficial, bela peça histórica, analisando as atividades da Entidade para chegar àquelas alturas, homenageando os comandantes da Fôrça Pública, desde o cel. Alkindar Pires Ferreira até o atual cel. Eleuthério Brum Ferlich, pelo apóio que têm emprestado ao Centro. Enalteceu a obra realizada pelas diretorias anteriores, encabeçadas pelo sargento Túlio de Melo Oliveira, sub-ten. Carlos Knoll Júnior, sub-ten. José Cerchiai e sargento José Benedito de Oliveira Ramos, e terminou concitando os seus colegas a cerrar fileiras em tôrno da agremiação, para juntos conduzi-la a dias maiores e mais promissores. Usaram, ainda, da palavra, o deputado Porfirio da Paz, que saudou o Centro e declarou que está sempre pronto a defender a classe dos sargentos e suas justas reivindicações, da tribuna da Assembléia Legislativa do Estado.

e o cel. Odilon Aquino, que trouxe à Entidade as saudações do cel. Ferlich e a garantia do aprêço dêsse ilustre Chefe da Milícia Paulista pela classe dos sargentos da Corporação que comanda, bem como da sua disposição de ajudar e prestigiar o C.S.S., na consecução de sua nobre finalidade social, recreativa e cultural. Encerrou a sessão solene o cel. Melo que saudou o C.S.S., em nome do sr. Governador do Estado, assegurando aos diretores da agremiação as simpatias do Chefe do Executivo estadual e a sua disposição de atender aos justos anseios dos sargentos, pela obtenção de meios, na execução do seu programa.

Após a sessão solene, a diretoria ofereceu às autoridades e convidados uma mesa de doces e uma taça de champagne.

Com um baile animado, que se prolongou até alta madrugada, terminaram as solenidades comemorativas e aquela encantadora noitada que deixou a mais agradável impressão em quantos a assistiram, ao mesmo tempo que retratou a atividade da agremiação dos sargentos da Fôrça Pública.

Parabens, ao Centro Social dos Sargentos e à sua operosa Diretoria.

* * *

PROMOÇÕES

Por decretos de 19, publicados no D.O. de 20-X-49, foram promovidos os seguintes oficiais:

NO QUADRO DE COMBATENTES

— por antiguidade —

— ao posto de major, o cap. José João Batal, do 6.º B.C.;

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes Ênio Colaço França, do C.I.M., — Saul Brasil Faleiros e Delfim Cerqueira das Neves, do Q.G. — e Fernão Guedes de Souza, do 5.º B.C.;

— ao posto de primeiro tenente, os segundos tenentes José Vitor Celeghin e

Nelson Soares, do C.B., — Waldir Alves de Siqueira e José da Silva Bueno, do R.C., — Sebastião Caboto Carreta, do B.G., — Antônio Silva, do B.P., — e Osmar Antônio Videla Santos, da E.E.F.;

— por antiguidade —

— ao posto de capitão os primeiros tenentes José Limongi França e Geraldo Profício, do C.B., — Lelis Ferraz Viana, do Q.G., — Nilson Avelar Pelota do 6.º B.C. — e Ricardo José Colaço França, do C.I.M.;

— ao posto de primeiro tenente, os segundos tenentes Valdemar Alves de Almeida, do S.Subs., — Antônio Braga, João Castein Castilho e Walter Serante, do B.G., — Hélio Cardoso Fernandes e Benedito Neto, do 4.º B.C., — e Amaro de Araujo Pereira do B.P.;

MILITIA cumprimenta os promovidos, augurando-lhes felicidades no novo posto.

O 6.º B.C. OFERECE UM CHURRASCO À GUARNIÇÃO FEDERAL DE SANTOS

Comemorando a vitória da Unidade, no Campeonato Desportivo da cidade, o 6.º B.C. ofereceu à Guarnição Federal de Santos um succulento churrasco.

NO QUADRO DA CAPELANIA MILITAR

— ao posto de major capelão, por antiguidade, o cap. capelão padre Paulo Aurisol Cavalheiro Freire.

NO QUADRO DE ADMINISTRAÇÃO

— por merecimento —

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes Gentil Antunes Correia — e Ferrucio Retore Júnior, do S.F., — Antônio Gomes da Silva, do S.Subs., — e Nelson Agostinho Ferreira do Q.G.;

— por merecimento —

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes Roque Lemes da Silva, do S.Subs., — Geraldo Paglia, do S.I., — e Acácio Rangel de França, do Q.G.;

NO QUADRO DE ESPECIALISTAS

— ao posto de primeiro tenente, por antiguidade, o 2.º ten. inst. de bombas e motores, José Onofre Hardt, do S.M.B.



57.º Aniversário do Regimento de Cavalaria

Este ano, como nos anteriores, foi condignamente comemorado mais um aniversário do Regimento de Cavalaria, tradicional unidade da nossa Corporação, possuidora duma brilhante folha de relevantes serviços prestados em prol da Fôrça Pública e do Estado, no tocante à sua missão dignificante e altruística de zelar pela segurança e tranquilidade públicas. Unidade de tradições imorredouras que estimulam o seu trabalho presente, diuturno e sem esmorecimento, ela tem levado aos bairros mais distantes da Capital a vigilância e a proteção dos seus soldados, que, em patrulhamento a cavalo, cumprem sua árdua tarefa através de madrugadas longas e úmidas.

As festividades comemorativas do 57.º aniversário do R.C., tiveram início com a leitura do boletim alusivo à data, feita pelo ten. Félix Morgado, que finalizava de forma comovente:

"Meus camaradas! Rendendo no dia de hoje nosso preito de saudade e re-

conhecimento a todos os nossos irmãos de arma que por aqui passaram e que não pertencem ao número dos vivos e ainda prestando a mais justa homenagem a todos aqueles, oficiais, sargentos e soldados, que, mercê de Deus, vivos e ainda souberam honrar e dignificar o nome deste Regimento eu vos concito a trabalhar com os olhos fitos no glorioso pavilhão brasileiro e tendo como exemplo as gigantescas envergaduras morais dos nossos predecessores nesta caserna, para que possamos todos nunca deslustrar o que tão laboriosamente foi edificado, o nosso Regimento de Cavalaria".

Abrilhançaram as festividades, com a sua presença, o exmo. sr. Ademar de Barros, Governador do Estado, os céis. Brum Ferlich, Odilon Aquino, Thales Marcondes e sra., cap. Stat Muller e sra., grande número de oficiais das diversas Unidades da Fôrça sediadas na Capital, além de numerosa e seleta assistência.

Um atraente programa de demonstrações equestres foi iniciado com uma reprise de oficiais montando cavalos argentinos doados pelo Governador do Estado. Seguiram-se outras exibições, merecendo tôdas eias demorados aplausos por parte da seleta assistência que tomava tôdas as dependências do Quartel.

NO SALÃO NOBRE DO R.C.

Ao alto: o sr. Governador do Estado entre a sra. cel. Thales e cap. e sra. Stat Muller. No centro: o comandante Bravo faz entrega duma "corbeille" de flôres à sra. cel. Thales. Em baixo: as damas homenageadas, entre os respectivos esposos.

(Gentileza de A GAZETA).



Terminada esta parte das comemorações, o ten. cel. Cândido Bravo, Cmt. do R.C., convidou os assistentes a se reunirem no Salão Nobre da Unidade, a fim de ser inaugurado o retrato do cel. Thales Prado Marcondes na galeria dos ex-comandantes do Regimento. Falou, nessa ocasião, o Cmt. Bravo, ressaltando as qualidades do velho soldado da Fôrça, ora na reserva, que por longos anos dedicou-se inteiramente ao serviço da Corporação e do Estado, com a honestidade e com a abnegação que sempre caracterizaram o seu modo de proceder. Tomou a palavra, em se-

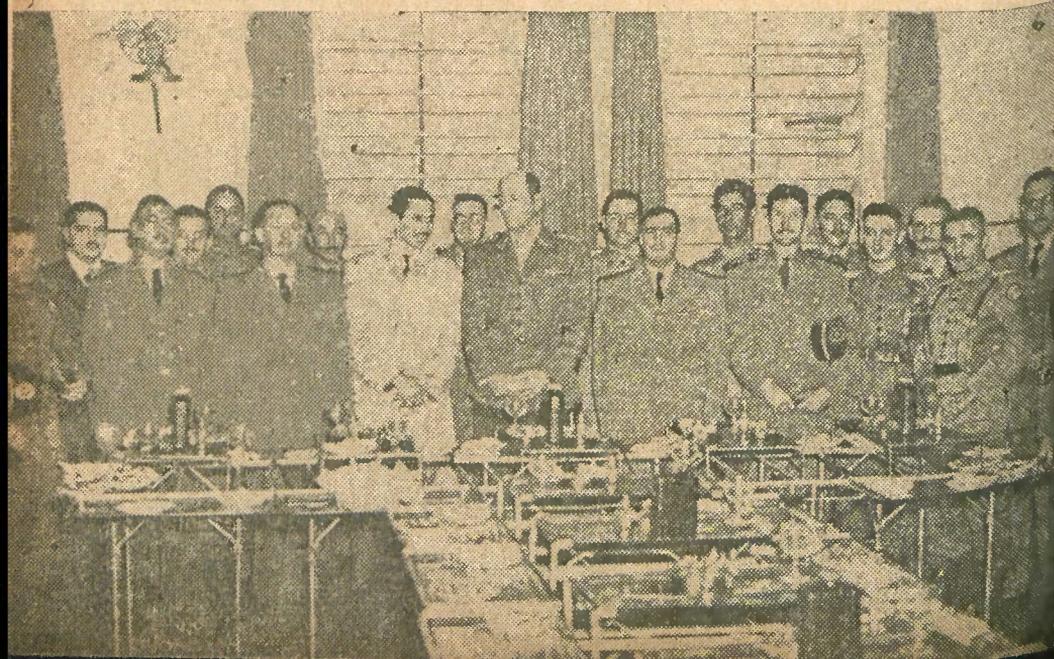
guida, o cel Odilon Aquino de Oliveira, para ofertar um magnífico corcel de bronze ao cap. Stat Muller, como um preito de reconhecimento da Fôrça pelos grandes serviços que o mesmo prestou ao R.C., integrando a Missão Francesa. Ainda nessa ocasião as sras. cel. Thales Marcondes e cap. Stat Muller receberam belas "corbeilles" de flôres das mãos dos ten. cel. Cândido Bravo e cel. Odilon de Aquino, respectivamente.

Após essa tocante cerimônia serviu-se apreciado coquetel, que pôs um ponto final alegre às festividades.

Aniversário do 1.º Batalhão de Caçadores

A 2 de dezembro a veterana unidade do Quartel da Luz, comemorou a passagem do seu 58.º aniversário. Sob a orientação do atual comandante, ten. cel. Jayme Bueno de Camargo foi executado o programa festivo, que tendo

início às 8 horas, com o hasteamento da Bandeira, depois da leitura do boletim comemorativo que historiou a vida da Corporação, e da inspeção das dependências do Quartel, terminou com um coquetel, do qual fixamos o aspecto abaixo.



NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

COMANDO E E. M. DA 8.^a REGIÃO MILITAR
VISITAM, EM MANAUS, A P. M. DO AMAZONAS



O sr. general João Vicente Sayão Cardoso, da 8.^a R.M. e seu respectivo Estado Maior, no quartel da P.M. do Amazonas, vendo-se o coronel Márcio de Menezes, atual Comandante daquela Corporação.



Grupo de oficiais da P.M. do Amazonas, tirado quando da visita do Comando da 8.^a R.M., vendo-se, à direita da oficialidade o ten. cel. Themístocles H. Trigueiro, representante de MILITIA junto àquela co-irmã.





Aspecto da tribuna oficial especialmente armada para a solenidade, vendo-se, à direita, o sr. Carlos M. Lindemberg, Governador do Estado.

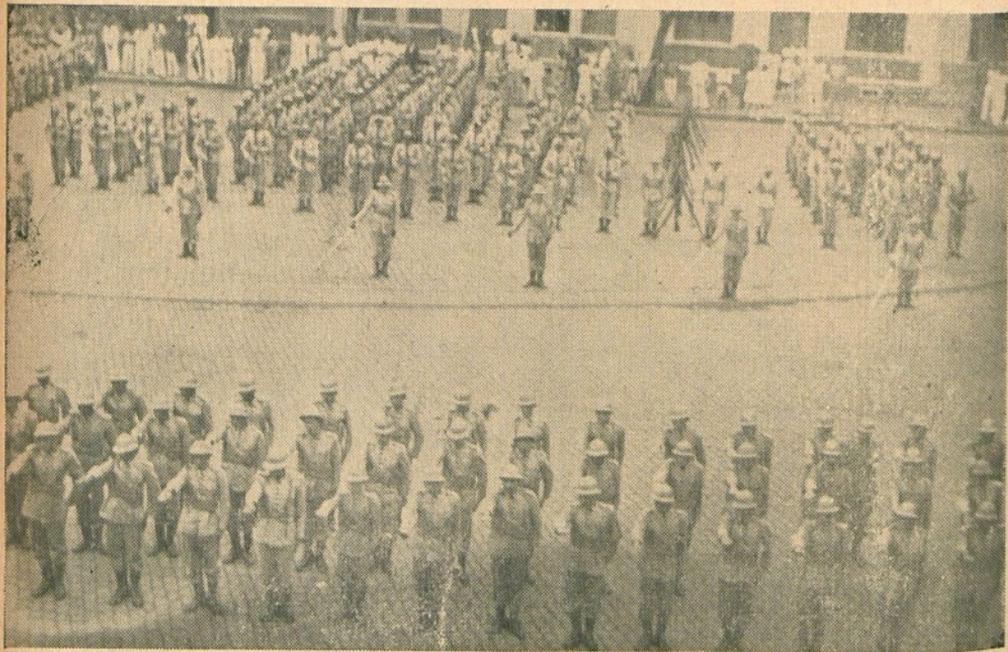
A P. M. DO ESPÍRITO SANTO COMEMORA O 2.º ANIVERSÁRIO DA GESTÃO DARCY PACHECO QUEIRÓS E O "DIA DA PÁTRIA"

Policia Militar do Espírito Santo

A 1.º de Setembro a P. M. capixaba comemorou o 2.º aniversário da gestão do coronel Darcy Pacheco de Queirós, no Comando Geral da Corporação.

Interessante programa foi orga-

nizado para assinalar a grata efeméride, déle constando u'a missa em ação de graças, desfile da tropa pelas principais artérias de Vitória, jogos desportivos entre milicianos e elementos das unidades do Exército sediadas na Capital, almoço de con-



Os novos recrutas do P. M., quando do Compromisso à Bandeira. No segundo plano, uma cia. de fuzileiros presta a continência relativa ao ato solene.



Instantâneo do desfile dum cia. de fuzileiros do P.M., em homenagem às altas autoridades civis e militares, ali presentes.

fraternização em que tomaram parte altas autoridades militares e civis, concluindo por uma grande audição, no principal parque da cidade, programada pela Banda de Música da Polícia Militar.

O Dia da Pátria também foi grandiosamente festejado na capital espiritosantense, tendo o sr. Governador do Estado emprestado o prestígio da sua alta autoridade às comemorações que foram levadas a efeito.

De um palanque especialmente armado para o ato, assistiram as altas autoridades presentes à singela mas significativa e vibrante solenidade do Juramento à Bandeira, pelos novos elementos recrutados para a milícia capixaba. Houve, a seguir, o desfile da tropa, em continência a s. excia. o Governador do Estado.

Os clichês fixam aspectos das comemorações do Dia da Pátria.

* * *

Independência ou Morte!

Publicamos na contra-capa um arranjo fotográfico de instantâneos tirados no Vale do Anhangabaú, por ocasião do grande desfile comemorativo do 127.º aniversário de nossa emancipação política

Nesse dia os heróis nacionais, tendo à frente a figura intemerata do intemorato Alferes Joaquim José da Silva Xavier, receberam o preito de homenagem da Pátria agradecida.

Presentemente um pugilo de compatriotas luta pela emancipação econômica do Brasil, conclusão da obra iniciada pelo Alferes.

O petróleo, a indústria pesada e o trigo são os objetivos próximos.

A galeria dos heróis brasileiros não pode estacionar. Em suas paredes há molduras novas destinadas, por certo, àqueles que, na paçada da liberdade econômica bradarem, também, alto e bom som:

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

nas festas...

ninguém esquece

SEAGERS *Gin*

(DIGA SIGA)



*nem o próprio
Papai Noel*

SEAGERS DO BRASIL S. A.

Rua Humberto Primo, 961 — São Paulo

educação física e **DESPORTOS**

A ESGRIMA NA FÔRÇA PÚBLICA

O mês de Setembro foi consagrado pela Fôrça Pública à esgrima. Durante dez dias, de 12 a 22 daquele mês, as principais lâminas da centenária Corporação mediram fôrças nas pistas da Escola de Educação Física, em busca da almejada supremacia.

O **Torneio da Primavera** - e este é o nome da competição anual esgrimística da **Milícia Paulista** - previa, pelo seu regulamento, disputas de espada, florete e sabre, para oficiais e sargentos, em pules separadas para arma e cada círculo, e de esgrima de baioneta para cabos e soldados.

Tomaram parte no **Torneio da Primavera** oito unidades: 1.º Batalhão de Caçadores, 4.º Batalhão de Ca-

çadores, Quartel General, Batalhão de Guardas, Batalhão de Caçadores, Batalhão Policial, Corpo de Bombeiros, Regimento de Cavalaria e Centro de Instrução Militar.

No círculo de oficiais, foi a seguinte a classificação:—

ESPADA

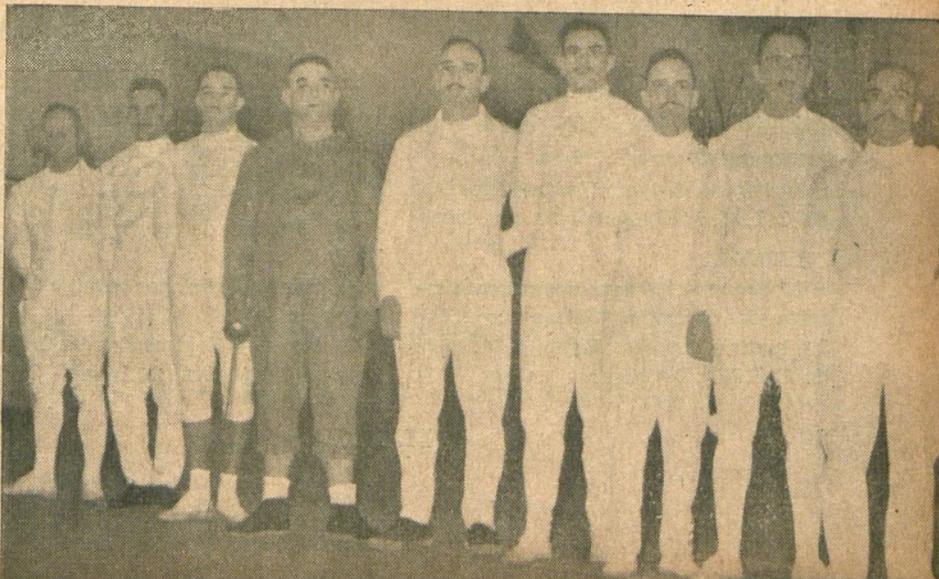
1.º lugar - 1.º ten. Francisco Antônio Bianco Júnior, do Q.G.; 2.º lugar - 1.º ten. Maurício de Macedo Cardoso, do R.C.;

3.º lugar - 2.º ten. Carolino Xavier, do 4.º B.C.; 4.º lugar - 2.º ten. Luiz Felipe Peçanha, do C.I.M.; 5.º lugar - 1.º ten. Domicio Silveira, do 4.º B.C..

SABRE

1.º lugar - 2.º ten. Leonidas Coveli, do C.I.M.; 2.º lugar - 1.º ten.

Atradores (ôficiais e sargentos) que participaram da final do Torneio da Primavera.



Maurício de Macedo Cardoso, do R.C.; 3.º lugar - capitão Fernando Henrique da Silva, do R.C.; 4.º lugar - 1.º ten. Luiz Grant, do Q.G.; 5.º lugar - 1.º ten. Sadoc Chaves Simas, do B.G..

FLORETE

1.º lugar - 1.º ten. Luiz Grant, do Q.G.; 2.º lugar - 1.º ten. Maurício de Macedo Cardoso, do R.C.; 3.º lugar - 2.º ten. Carolino Xavier, do 4.º B.C.; 4.º lugar - capitão Geraldo Alves Gomes, do 1.º B.C.; 5.º lugar - 1.º ten. Francisco Antônio Bianco Júnior, do Q.G.



...a princípio não incomodava, mas agora já me amola um pouco...

No círculo de sargentos, as classificações, em cada arma, foram:

FLORETE

1.º lugar - 2.º sgt. Horácio Mendes, do C.I.M.; 2.º lugar - 2.º sgt. Wal-

ESPADA

1.º lugar - 2.º sgt. Francisco Ferreira de Carvalho Matias, do C.B.; 2.º lugar - 2.º sgt. Horácio Mendes, do C.I.M.; 3.º lugar - 1.º sgt. Nilo

Ramos Nogueira, do B.G.; 4.º lugar - 2.º sgt. José Mendes, do 4.º B.C.; 5.º lugar - 2.º sgt. Aleixo Gonzales Arias, do B.P..

demar Figueiredo, do B.G.; 3.º lugar - 2.º sgt. Francisco Ferreira de Carvalho Matias, do C.B.; 4.º lugar - 2.º sgt. José Mendes, do 4.º B.C.; 5.º lugar - 1.º sgt. Domingos Virgílio dos Santos, do R.C.:

SABRE

1.º lugar - 2.º sgt. Francisco Ferreira de Carvalho Matias, do C.B.; 2.º lugar - 2.º sgt. Waldemar Figueiredo, do B.G.; 3.º lugar - 2.º sgt.

Jorge de Melo Furlaneto, do Q. G.; 4.º lugar - 1.º sgt. Gilberto de Aquino, do B. P.; 5.º lugar - 1.º sgt. Domingos Virgílio dos Santos, do R.C.

Entre os cabos e soldados, a classificação individual foi a seguinte:—

ESGRIMA

DE

BAIONETA

1.º lugar - sd. José Argemiro de Oliveira, do 4.º B.C.; 2.º lugar - sd. Brasilino Ferreira dos Santos, do B.P.; 3.º lugar - sd. Augusto Cândido dos Santos, do R.C.; 4.º lugar - sd. Nelson Alves do B.P.; 5.º lugar - sd. Moacir de Paula Santos, do 1.º B.C..

A classificação por equipe, foi a seguinte: —

1.º lugar - Regimento de Cavalaria, com 20 pontos; 2.º lugar - Centro

de Instrução Militar, com 16 pontos; 2.º lugar - 4.º Batalhão de Caçadores, com 16 pontos; 3.º lugar - Quartel General, com 15 pontos; 4.º lugar - Corpo de Bombeiros, com 13 pontos; 5.º lugar - Batalhão de Guardas, com 12 pontos; 6.º lugar - Batalhão Policial, com 9 pontos; 7.º lugar - 1.º Batalhão de Caçadores, com 3 pontos.

O **Torneio da Primavera** teve um fecho notável, realizado às 16 horas de 22 de Setembro, no Ginásio da Escola de Educação Física. O programa previa formatura e apresentação dos finalistas, assaltos finais, proclamação dos vencedores e entrega de prêmios. Compareceram altas autoridades militares e desportivas, tendo **Militia** anotado, entre outros, os céis. Brum Ferlich, Comandante Geral, Anchieta Torres, Juiz do Tribunal Militar, céis. Diretor Geral de Instrução e Chefe do Estado Maior, Comandante de Unidade e Chefes de Serviço, o major dr. Artur Alcaide Valls, Diretor do Departamento de Educação Física do Estado, representantes do Departamento de Esportes, Federação Paulista de Esgrima, oficialidade e **A Gazeta Esportiva**.

Vimos ali, também, as figuras respeitáveis dos tens. céis. Manoel Esteves Gamoeda, Antônio Pietscher, Pedro Prado Filho, Luiz Gonzaga de Oliveira, Cândido Bravo e Guilherme Rocha, todos ocupando lugar especial. Os três primeiros já deixaram a atividade e os outros ainda permanecem no serviço ativo. **Militia** apurou que a direção da Escola fez a todos eles atencioso convite, numa home-

nagem carinhosa pelos serviços que prestaram à frente daquele estabelecimento de ensino, quando passaram pelo seu posto supremo. E foram cercados das mais altas distinções. Feliz, muito feliz, não resta dúvida, o requintado gesto dos atuais dirigentes da Escola Miliciana. Outro fato digno de nota, pelo alto sentido de justiça e afetividade que o inspirou, foi a presença ali do insigne mestre capitão Frederico Moreira, como presidente do júri técnico, a convite especial da direção da Escola.

Terminados os assaltos finais, o comandante Hipólito Trigueirinho, Comandante da Escola, faz um breve relato do desenrolar do certame e proclama os vencedores, entre palmas da assistência. O cel. Ferlich dirige a entrega dos prêmios, confiando ao cel. Gamoeda a missão de entregar ao Comandante Bravo, do Regimento de Cavalaria, o troféu "**Torneio da Primavera**", conquistado pelo campeão. Todos os demais prêmios foram entregues aos esgrimistas, pelos ex-comandantes da Escola de Educação Física e pelas outras altas autoridades militares e desportivas presentes.

Após a entrega das medalhas e troféus, o comandante Pietscher proferiu belo e rápido improviso sobre a esgrima da Força, com certas evocações históricas, e fazendo um caloroso agradecimento, em seu nome e no dos seus colegas ex-comandantes da Escola, à carinhosa homenagem que acabava de lhes ser tributada.

Beber **CAFÉ ROCHA** é beber o **MELHOR CAFÉ**

Por fim, falou o cel. Ferlich. Teceu um hino à esgrima e falou do seu romantismo, através das idades, mostrou o seu valor para o oficial e praça, como elemento primordial na sua preparação e declarou o seu firme propósito de incrementar o desenvolvimento maior desse notável esporte, corroborando essa afirmação com o fato de ter determinado, pela primeira vez na Fôrça Pública, o funcionamento do Curso de Mestres d'Armas para oficiais. Saudou cordialmente os ex-comandantes da Escola e agradeceu a presença dos co-

mandantes de Unidades e autoridades desportivas.

O encerramento do "Torneio da Primavera" foi uma festa encantadora e veio demonstrar que a Fôrça Pública guarda com carinho as suas tradições esgrimísticas e mantém aceso e vibrante o fogo sagrado do esporte fidalgo.

Militia agradece à Escola de Educação Física o atencioso convite com que lhe distinguiu e saúda os campeões de esgrima da Fôrça Pública do ano de 1949.

Sociedade Comercial de Tecidos

ARGUI SO LTDA.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PUBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062
Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUI SO" — SÃO PAULO

Quanto mais fraco é o corpo mais êle comanda; quanto mais forte, mais êle obedece... Um bom servidor deve ser forte — o exercício deve seguir paralelamente à educação intelectual. (J. J. Rousseau).

CAFÉ — sendo ROCHA é BOM

Problema sôbre esgrima

Cap. *Adauto Fernandes de Andrade*
Mestre d'armas da E.E.F.

A partir dêste número e com o intuito de criar interêsse em tôrno do esporte fidalgo, "MILITIA" apresentará em cada edição um **Problema sôbre esgrima**, do mesmo colaborador, assim como de qualquer outra pessoa que nos honrar com o seu trabalho. Convidamos os afeioados da "nobre arte" a nos remeter suas soluções, cujos resultados certos serão publicados, no segundo número após o da publicação. Por exemplo: para o problema publicado no n.º 12, as soluções serão publicadas no n.º 14.

NOMES	Números	Pule de Espada (eliminatória)							Total dos golpes recebidos	Total dos golpes dados	vitórias	Classificação
		Realizada a / 19....										
		1	2	3	4	5	6	7				
A.	1		./	./	./	./	./	./				
B.	2	./		./	./	./	./	./				
C.	3	/	./		./	./	./	./				
D.	4	./	./	./		/	./	./				
E.	5	./	./	./	./		./	/				
F.	6	./	./	./	/	./		./				
G.	7	./	./	./	./	./	./					

ORDEM DOS ASSALTOS

2-6	2-3	3-6	1-4
5-7	4-5	2-7	3-5
1-2	1-6	1-3	4-6
3-4	3-7	4-7	
5-6	2-4	2-5	
1-7	1-5	6-7	

Pede-se o resultado geral da presente pule de espada, observando-se o seguinte:

- a) - os assaltos se realizaram dentro do tempo regulamentar;
b) - acontece, porém, que o atirador

n.º 3 foi obrigado, a certa altura, a abandonar a prova por motivo de fôrça maior;

- c) - o atirador n.º 4, ao ser advertido por uma infração ao regulamento, retira-se do assalto.

"TRATADO DE ESGRIMA"

Cap. *ARRISSON DE SOUZA FERRAZ*

Acaba de sair do prelo o anunciado "Tratado de Esgrima", da autoria do cap. Adauto Fernandes de Andrade, professor do esporte fidalgo da Escola de Educaçao Física da Fôrça Pública.

O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educaçao Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"Tratado de Esgrima" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, de onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"Tratado de Esgrima", vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

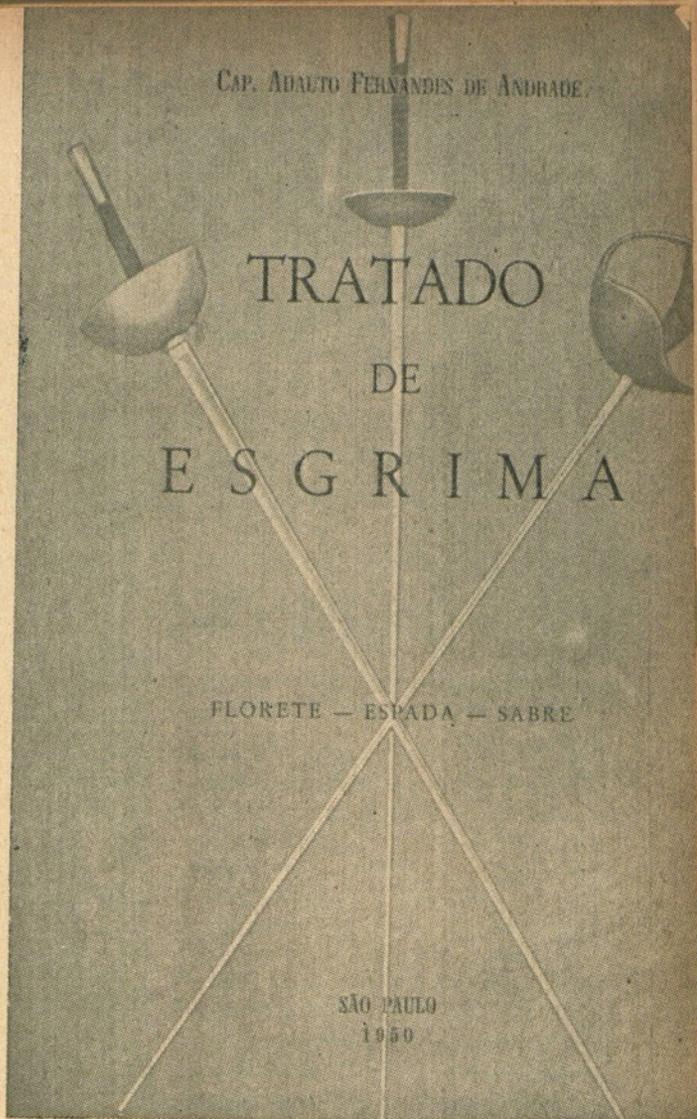
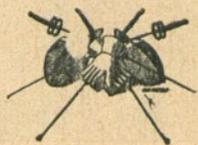
"Tratado de Esgrima", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interêsse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso.

A
C
A
B
A

DE

SAIR!



- * ÚNICA OBRA DO GÊNERO, NO PAÍS !
- * ABOL DA OS ASPECTOS TÉCNICO, PEDAGÓGICO, HISTÓRICO E ORNAMENTAL, PERFEITAMENTE ATUALIZADOS.
- * EXCELENTE APRESENTAÇÃO GRÁFICA !
- * 60 ILUSTRAÇÕES !
- * APENAS CR. \$ 40,00 !

Pedidos à Gerência de «MILITIA», mediante remessa em valor declarado, cheque ou vale postal.

BOMBEIROS — bi-campeões do maior certame voleibolístico da América do Sul

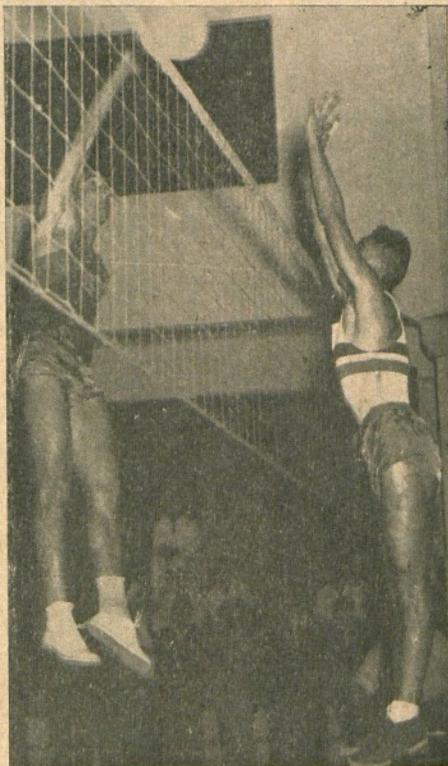
Não há negar, — o Campeonato Popular de Voleibol, que "GAZETA ESPORTIVA" organiza todos os anos, cada vez aumenta de importância, repercutindo em todos os centros esportivos do país.

Neste ano, porém, o certame atingiu o auge, dado o número de concorrentes e o calor das disputas.

Com a devida vênia tornamos nossos os dizeres do magnífico vespertino paulistano, ao transcrevermos o que publicou a GAZETA ESPORTIVA do dia 8 de outubro:

Finalmente, na noite de sábado, no ginásio Paulistano, teve seu encerramento festivo e grandioso o VII Campeonato Popular de Voleibol de A GAZETA ESPORTIVA. Depois de seis rodadas, depois de terem sido eliminadas 116 equipes, classificaram-se para a finalíssima os quadros C.B.V. "A" e Militia, respectivamente compostos de elementos do Corpo de Bombeiros, e de oficiais da Fôrça Pública. O primeiro, em 1948, levantou o título máximo no nosso VI Campeonato Popular de Voleibol, enquanto que o segundo, talvez por infelicidade nos sortelos ou mesmo nas partidas, não tem conseguido chegar ao final, embora venha colaborando, com sua presença, em vários dos nossos torneios.

Para a mesma noite, estava marcado um prêmio entre cadetes do Exército e da Fôrça Pública, quadros que perderam nas partidas



Nogueira tenta bloquear uma cortada de Fava.

semi-finais, de quinta-feira, a fim de que se disputasse o terceiro lugar. Os cadetes do Exército, que contam com a eficiente orientação técnica do cap. Wilson Pereira Brasil, vinham atraindo maiores atenções e, si perderam na semi-final, para o Militia, isso em nada abalou o seu prestígio, porquanto foi um prêmio disputadíssimo, cujo terceiro "set" terminou com a contagem de 20-18.



O quadro do C.B.V. "A", o seu preparador, ten. Ulisses, posam para a nossa objetiva.

Por seu turno, os cadetes da Força estavam também em condições de lutar pelo terceiro posto, uma vez que vinham demonstrando, também, excelentes qualidades técnicas.

Na mesma noite, em caráter extra, deveriam jogar dois quadros juvenis, sendo um do Paulistano e outro do Pinheiros (turma Nobiling), que se classificou em 5.º lugar no presente campeonato.

VENCEU O PINHEIROS

A preliminar, entre juvenis, foi das mais movimentadas e interessantes, apresentando um ótimo índice técnico. Os dois quadros, a par de qualidades individuais e de conjunto, jogaram com bastante entusiasmo, fazendo vibrar a assistência. Os resultados dos "sets" foram os seguintes: Paulistano, 15-10; Pinheiros, 15-11 e Pinheiros 15-7. Assim, a turma Nobiling do clube do Jardim Europa, que é constituída, na sua totalidade de elementos da Es-

cola Preparatória de Cadetes, fêz jús a medalhas, que a A GAZETA ESPORTIVA ofereceu aos vencedores dêsse encontro. Além disso, é preciso que se note que essa turma já conquistou um troféu, classificando-se em quinto lugar no campeonato que acaba de se findar.

Os quadros foram os seguintes:

PINHEIROS — Del Nero, Ivan, Rodrigues, Vitor, Antônio, Machado e Jacques.

PAULISTANO — José Alfredo, Luiz Carlos, Ivo, Cid, Álvaro, Eduardo e Murilo.

Apitaram essa partida os srs.: ten. Antonio Rennó Ribeiro e Mário Vitoriano Filho.

NO TERCEIRO POSTO, O CÍRCULO MILITAR

Para disputar o terceiro posto, conforme dissemos acima, classificaram-se os quadros do Círculo Militar e Grêmio B.B.V.. Travou-se,

entre os cadetes do Exército e da Força, uma luta sensacional, principalmente no primeiro "set". Os dois quadros defendiam tudo e a conquista dos pontos se dava após vários lances, após a bola cruzar, por várias vezes, a rede. O Círculo Militar, entretanto, embora tivesse vencido o primeiro "set" com grande dificuldade, por 15-10, demonstrou estar em melhores condições para a conquista do triunfo final. No segundo período, apesar da resistência do Grémio B.B.V., o Círculo Militar foi se adiantando no marcador e, finalmente, venceu, com relativa facilidade, pois o resultado foi de 15-2. Seria injusto, porém, deixarmos de comentar esse resultado, porquanto ele poderá dar outra impressão da que realmente teve a peleja. Apesar da diferença de pontos, houve muita resistência da parte dos cadetes da Força Pública, e o "set" não terminou rapidamente, como pôde parecer. Muitos rodízios foram feitos, demorando essa fase o que é costume durar quando os resultados são equilibrados.

Os quadros foram os seguintes:

CIRCULO MILITAR DE S. PAULO (3.º colocado) — Araujo, Rego, Barros, Viana, Pacheco, Fernando e Gedeão;

GRÊMIO B.B.V. — Figueiredo, Pupo, Irahya, Alves, Ortega, e Magalhães.

O quadro do Círculo Militar, pela harmonia do seu conjunto, pela vitalidade de seus jovens integrantes e mesmo pela boa técnica apresentada,

foi o que mais sucesso alcançou no presente campeonato e, com justiça, classificou-se no terceiro posto. Trata-se de jogadores ainda muito novos e algo inexperientes, mas com grandes qualidades.

Os oficiais que apitaram o prélio foram os srs. Iraní de Paula Rosa (juiz) e Francisco Toffoli (fiscal).

BOMBEIROS, BI-CAMPEÕES

Findo o prélio dos cadetes, entraram em campo os quadros C.B.V. "A" e Militia, para a finalíssima do grandioso VII Campeonato Popular de Voleibol de A GAZETA ESPORTIVA. Os dois conjuntos vinham precedidos de grande cartaz, pois suas seis vitórias anteriores bem justificavam a situação de finalistas. Os bombeiros, componentes do C.B.V. "A", com o nome de Heróis do Fogo, haviam levantado o mesmo certame, em 1948, de forma brilhante. Por isso, talvez, vinham sendo apontados como favoritos. A luta, entretanto, esperava-se que fosse difícil para qualquer deles.

No primeiro "set", atuando com eficiência e segurança, o Militia se impôs, derrotando o C.B.V. "A", por 15-9. Esta foi, sem dúvida, a primeira surpresa para os que contavam certos com a vitória dos bombeiros. No segundo "set", entretanto, os companheiros de Alfredo melhoraram de produção, forçando o jogo e, com algum custo, conseguiram vencer, marcando 15-10. No terceiro, sempre fazendo substituições para evitar o cansaço (pois a partida se-

CAFÉ ROCHA — o amigo dos bons paladares

ria em melhor de cinco), o Militia resistiu bem e esteve em boas condições de vencer, mas foi surpreendido por uma reação do C.B.V. "A", que lhes valeu a vitória, por 15-12. No quarto período, tivemos o pior voleibol da noite. Os dois quadros pareciam já cansados e não produziram o que vinham produzindo até ali. As jogadas passaram a ser monótonas e, pouco a pouco, os oficiais da Fôrça foram se aproximando dos 15 pontos. Ao chegar bem perto da meta, entretanto, os bombeiros ainda esboçaram uma reação, quase pondo em perigo a sorte do prélio. Finalmente, os oficiais da Fôrça conquistaram o 15.º ponto, quando os bombeiros tinham apenas 10. A partida, em verdade, fêz vibrar o grande público que a acompanhava, nos momentos iniciais do "set" decisivo, o quinto "set". Vendo-se em face de um período que de-

cidiria, inevitavelmente, qual o campeão, os conjuntos lançaram mão de todos os seus recursos, fazendo com que o embate assumisse um novo aspecto. Coube aos bombeiros o saque, por terem perdido na fase anterior. Estes, logo de início, conquistaram os três pontos mais belos de todo o prélio. Foram lances disputados com raro ardor e que em muito contribuíram para a queima das restantes energias daqueles que já não as possuíam em grande escala. Nisso, foram prejudicados mais os componentes do Militia, que se esgotaram, completamente. Mesmo assim, tentaram lutar, mas não foram suficientes para conter a arrancada do C.B.V. "A". Chegou o placarde a assinalar 10 a 0 e, finalmente, se encerrou com a vitória dos bombeiros, por 15-2.

Com êsse grande triunfo, por 3 a 2, os bombeiros conquistaram,

A equipe do "MILITIA", vice-campeão, enquadrado pelo presidente do F.P.V. e o seu treinador, cap. Feliciano.



pela segunda vez consecutiva, o título de campeões do maior certame voleibolístico da América do Sul.

O quadro campeão foi o seguinte: — Fava, Dudu, Silva, Alfredo, Guilherme, Fernando, Laponésio e Diomar.

Os vice-campeões foram os seguintes: — Giannico, Ademar, Nogueira, Pisani, Sinésio, Gonçalves, Vilela e Campanhã.

O juiz da partida foi o sr. Francisco Toffoli e, o fiscal, o sr. Irani de Paula Rosa.

CAMPEONATO GERAL DA FÔRÇA

Em continuação ao programa desportivo do corrente ano, a Fôrça Pública realizou o seu Campeonato Geral, de 4 a 11 de outubro, com a participação das unidades da capital e do interior.

Abrangendo maior número de provas, para os três círculos da hierarquia, o **Campeonato Geral** veio completar um programa cuidadosamente elaborado pelas Diretoria Geral de Instrução e Escola de Educação Física, de maneira a que todos os elementos da centenária Milícia se empregassem a fundo no trabalho físico, mostrassem suas habilidades e robustecessem suas resistências orgânicas no trabalho preparatório e no ambiente encantador das disputas.

O **Campeonato** foi iniciado com imponente cerimônia cívico-militar, sob a presidência do cel. Brum Ferlich e das altas autoridades da Corporação, e constou de revista, juramento e desfile no estádio da Escola de Educação Física.

Os resultados da competição foram:—

CÍRCULO DE OFICIAIS

1 — Pentatlo Militar

1.º lugar - 1.º ten. Maurício de Macedo Cardoso, do R.C.;

2.º lugar - 1.º ten. Paulo Marques Pereira, do B.P.;

3.º lugar - capitão Aútilio Gomes de Oliveira, do C.B..

2 — Pentatlo Atlético

1.º lugar - 2.º ten. João Bidin, do C.B.;

2.º lugar - 2.º ten. Mário Rodrigues Montemor, do R.C.;

3.º lugar - 2.º ten. Jorge Paes Leme, do 7.º B.C.;

4.º lugar - 1.º ten. Antônio Borelli Bruno, do 8.º B.C.;

5.º lugar - 2.º ten. Roldão Nogueira de Lima, do R.C..

3 — Luta Livre

1.º lugar - asp. Brasílio Broto, do R.C.;

2.º lugar - 1.º ten. Hélio Afonso da Cunha, do B.G.;

3.º lugar - 2.º ten. Roldão Nogueira de Lima, do R.C.;

4.º lugar - 1.º ten. Domicio Silveira, do 4.º B.C.;

5.º lugar - 2.º ten. Geraldo Ferreira de Carvalho, do 3.º B.C..

CÍRCULO DE SARGENTOS

1 — Pentatlo Clássico

1.º lugar - 3.º sgt. Benedito Roberto Pires, do B.P.;

2.º lugar - 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.;

3.º lugar - 2.º sgt. Mário José Vitoriano Filho, do 1.º B.C.;

4.º lugar - 2.º sgt. Roque Rodrigues do Amaral, do B.G.;

5.º lugar - 2.º sgt. Darcy dos Santos Guedes, do 1.º B.C..

2 — Natação — 200 metros

1.º lugar - 2.º sgt. Daniel Oliveira Leite, do C.B.;

2.º lugar - 3.º sgt. José Raymundo Neto, do C.B.;

3.º lugar - 2.º sgt. Raimundo de Moraes Cesar, do B.G.;

4.º lugar - 3.º sgt. Osvaldo Pereira Borges, do C.I.M.;

5.º lugar - 3.º sgt. Bartolomeu Soeiro Souza, do B.P..

3 — 100 metros rasos

1.º lugar - 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.;

2.º lugar - 2.º sgt. Darcy dos Santos Guedes, do 1.º B.C.;

3.º lugar - 3.º sgt. João Custódio, do 8.º B.C.;

4.º lugar - 3.º sgt. Milton Silveira, do B.P.;

5.º lugar - 2.º sgt. Lourenço Pereira Filho, do C.B..

CÍRCULO DE CABOS E SOLDADOS

1 — 5.000 metros rasos

1.º lugar - sd. Luiz Gonzaga Rodrigues, do 6.º B.C.;

2.º lugar - sd. José Maria, do 5.º B.C.;

3.º lugar - sd. Geraldo Tibério, do C.I.M.;

4.º lugar - sd. Alcides Alves de Lima, do 7.º B.C.;

5.º lugar - sd. Paulo Ferreira de Araujo, do 1.º B.C.;

5.000 metros rasos — Classificação "Estímulo"

1.º lugar - sd. Luiz Gonzaga Rodrigues, do 6.º B.C.;

2.º lugar - sd. Geraldo Tibério, do C.I.M.;

3.º lugar - sd. Alcides Alves de Lima, do 7.º B.C..

2 — Lançamento de granadas

1.º lugar - sd. Francisco Gonçalves Neto, do 6.º B.C.;

2.º lugar - sd. Antônio do Nascimento, do B.P.;

3.º lugar - sd. José Argemiro de Oliveira, do 4.º B.C.;



ESPORTE PESADO

EM CIMA :

Cabos e soldados — R.C. x B.P.

*

A ESQUERDA :

Sargentos — B.P. x R.C.

4.º lugar - sd. Manoel José do Nascimento, do 1.º B.C.;

5.º lugar - sd. Joaquim José dos Santos, do R.C..

3 — Luta Livre

1.º lugar - sd. Marconílio dos Santos, do B.P.;

2.º lugar - sd. Augusto Cândido, do R.C.;

3.º lugar - sd. Rui Rondon, do B.P.;

4.º lugar - sd. Daniel Alcantara de Oliveira, do C.B.;

5.º lugar - sd. José Batista de Paula, do C.B..

4 — Corrida de estafeta

10 x 100 mts.

1.ª TURMA (1.º B.C.)

1 - sd. Ediobaldo Tancredo

2 - sd. Osmar da Silva

3 - sd. Walter Cardoso

4 - sd. Delmar Lopes da Silva

5 - sd. Antônio Magno

6 - sd. Aristeu do Prado

7 - sd. João Damino Sobrinho

8 - sd. Ulisses Chaves Silveira

9 - sd. Durval Nunes

10 - sd. Leandro de Oliveira.

2.ª TURMA (B.P.)

1 - cabo Antônio do Nascimento

2 - cabo Antônio Rodrigues de Lima

3 - sd. Anedino Gonçalves

4 - sd. Nelson Alves

5 - sd. Israel Mendes Ribeiro

6 - sd. Pedro Isidoro dos Santos

7 - sd. Milton Aleixo de Souza

8 - sd. Benigno Abílio dos Santos

9 - sd. José de Lima

10 - sd. Augusto Freitas

3.ª TURMA (B.G.)

1 - sd. Carlos Gesualdo

2 - sd. Amélio Antônio Vilalva

3 - sd. Francisco Mariano Ferreira Ventura

4 - sd. Edmundo Fischer

5 - sd. Almiro José Meira

6 - sd. Derli Santana Leal

7 - sd. Francisco Jorge Pacé

8 - sd. José Ferreira de Moura

9 - sd. Cisto Stano

10 - sd. Domingos dos Santos Ferreira.

A posição dos concorrentes ficou assim definida:—

1.º lugar - Regimento de Cavalaria, com 38 pontos

2.º lugar - Batalhão Policial, com 28 pontos

3.º lugar - Corpo de Bombeiros, com 25 pontos

4.º lugar - 6.º Batalhão de Caçadores, com 14 pontos

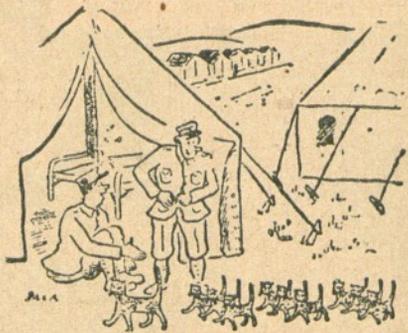
5.º lugar - 1.º Batalhão de Caçadores, com 11 pontos

6.º lugar - Batalhão de Guardas, com 9 pontos

7.º lugar - Centro de Instrução Militar, com 5 pontos

8.º lugar - 7.º Batalhão de Caçadores, com 5 pontos

9.º lugar - 4.º Batalhão de Caçadores, com 5 pontos



— Os bichanos são do sargento, capitão !
(Everybody's, Londres).

- 10.º lugar - 8.º Batalhão de Caçadores, com 5 pontos
- 11.º lugar - 5.º Batalhão de Caçadores, com 4 pontos
- 12.º lugar - 3.º Batalhão de Caçadores, com 2 pontos
- 13.º lugar - Ctg. do Quartel General, 1 pontô.

Ao Regimento de Cavalaria, vencedor do certame, coube o troféu "Campeonato Geral de 1.949". Aos vencedores dos pentatlos militar, atlético e clássico, foram conferidos troféus individuais, e aos primeiros, segundos e terceiros lugares de cada prova, medalhas de vermeil, prata e bronze.

Na tarde do dia 11, no Ginásio "Delphin Balancié", foi feito o encerramento do Campeonato Geral, em linda festa desportiva. Presidiu-a o cel. Odilon Aquino de Oliveira, na qualidade de representante do Comandante Geral, que se achava fora da Capital, em viagem de inspecção. Tôda a Fôrça Pública e altos expoentes do mundo esportivo bandeirante também ali se achavam, especialmente convidados que foram. O programa previa provas finais de lutas que empolgaram a assistência e fizeram delirar as torcidas do Regimento de Cavalaria e Batalhão Policial, eficientemente organizadas e

comandadas pelos operosos regimentais tenente Waldir Alves de Siqueira e capitão José Ribamar Amorim. E após as finais, a entrega de prêmios.

Falaram o ten. cel. Trigueirinho, Comandante da Escola, fazendo sucinta descrição do Campeonato e o cel. Odilon, tecendo louvores ao certame e felicitando os vencedores.

A entrega de prêmios arrancava à assistência calorosos aplausos, mas quando era chamado um atleta do Regimento ou do Batalhão Policial, surgia, no Ginásio, verdadeira apoteose, como fruto da batalha das torcidas. Não resta dúvida que os ten. Waldir e "Comandante" Ribamar, que merecem louvores pelo resultado alcançado pelas suas unidades, deram um colorido vibrante à festa de encerramento.

O Campeonato Geral foi mais uma grande jornada da educação física da Fôrça Pública. Na sua realização, a Escola demonstrou que está aparelhada, em pessoal, para as suas altas funções. Urge, agora, que se lhe dê uma sedê condigna, ampla, provida das instalações necessárias, para que nossa Corporação, — pioneira da educação física no Brasil, — possa marchar em busca de novos louros.



CAFÉ — sendo ROCHA é BOM

NO ESPÍRITO SANTO

Basquetebol entre a Polícia Militar e a Guarnição Federa



As duas equipas disputantes (3.º B.C. e 1.º G.A.C. Mot.), num instante de confraternização.

Dos jogos realizados aqui, para comemorar o 2.º aniversário da gestão do cel. Darcy Pacheco de Queirós, no Comando Geral da Polícia Militar, de que damos notícia na secção "NOTICIÁRIO", destacou-se o de basquetebol, entre as equipas de oficiais e sargentos da Polícia Militar, enfrentando os correspondentes da Guarni-

ção Militar de Vitória (3.º B.C. e 1.º G.A.C. Mot.). A disputa, realizada em meio a grande ardor e esportividade, entusiasmando sobremaneira os torcedores, terminou com a vitória das equipas milicianas, por 26 x 11, os oficiais, e 31 x 11, os sargentos.

—«»—

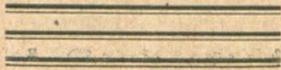
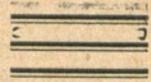
NO TRIBUNAL

- Tem advogado ?
- Não senhor.
- Não acha que devia arranjar um ?
- Não, sr. juiz, eu pretendo dizer a verdade.

AS GRANDES PAIXÕES

- E que te disse meu pai, quando lhe comunicaste que o teu amor não te permite fechar os olhos, durante a noite ?
- Ofereceu-me o lugar de guarda-noturno no seu negócio.

SÉTIMA



ARTIE

Direção do Cap. F. Vieira Fonseca

ALBERTO CAVALCANTI, um brasileiro que triunfou na Europa

Muitos têm sido os jovens alunos que divergem de velhos professores. Como certas disciplinas facilitam a formação de "escolas", estabelecem-se logo as concepções que muitas vezes levam a graves conflitos. E, si não existe da parte do mestre um elevado espírito que paire acima dessas concepções, verifica-se a revolta do aluno, determinando, sempre e quase sempre, em seu prejuízo. Maximé, quando a civilização se encontra em encruzilhada, quando dois rumos se lhe apresentam. Então, o choque é inevitável.

Se o estabelecimento de ensino tem caráter militar, a divergência do aluno resvala para a indisciplina, e a punição regulamentar é inexorável. Nesté caso, encontraríamos a Escola Militar do Realengo durante o tempo da pregação republicana sob os princípios de Auguste Comte, não fossem os rumos dados por um grande mestre. Que não teria acontecido a muitos jovens privilegiados de inteligência que naquella época faziam o curso das armas si lá não houvesse na cátedra o talento inconfundível de Benjamim Constant Botelho de Magalhães? Mesmo as-

sim, o impetuoso Euclides da Cunha não ficou somente nas concepções filosóficas e passou para o terreno político, indo para a indisciplina escolar. Mas Euclides da Cunha, fora do Exército, fêz muito mais por sua Pátria do que si tivesse nele prosseguido: deu-lhe um livro que é o retrato angustioso do povo e da sua terra; fêz um poema trágico que há de ser citado tôda vez que se queira pensar nesse povo, que se queira trabalhar por êle, que se pense em engrandecer a Pátria comum.

Fizemos estas considerações para chegar até o ponto em que um estudante de direito diverge de seu professor, e o caso assume tais proporções que a família do jovem resolve retirá-lo do país para que maiores conseqüências não lhe fossem causadas. Este jovem foi Alberto Cavalcanti.

Seu caso se assemelha ao de Euclides da Cunha, guardadas as devidas proporções dos campos em que ambos atuaram. São cérebros privilegiados que as circunstâncias uniram em um idêntico desfêcho.

Exilado por sua própria família, Alberto Cavalcanti sentiu, a princípio, o amargor da pátria distante. E, com a passagem do tempo, foi se habituando com outras paisagens, outros costumes, outros povos, outras culturas. De observação em observação foi procurando a sua vocação natural. Foi concluindo que ela não se encontrava nas áridas normas do direito, nem tão pouco nos sofismas a que seria obrigado para o exercício da profissão. Daí os seus penhores o terem levado até à Escola de Belas Artes, de Genebra, onde fez um curso de poucas possibilidades. Não satisfeito, procurou Paris, onde haveria de tornar-se arquiteto, indo colaborar como desenhista no escritório do urbanista Agache, e passando depois, como cenarista, para o cinema francês.

Fêz cenários para diversos filmes. Habitou-se com o celuloide e com a tela, conhecendo todos os recursos e perspectivas, e convencendo-se afinal de que surgia uma nova arte e uma nova indústria, intimamente ligadas e capazes de atingir profundamente a consciência popular.

De cenarista tornou-se diretor. Fêz parte do movimento mundialmente conhecido dos cineastas: o *avant-garde*, grupo intelectual que acreditava o povo compreendesse a linguagem cinematográfica com mais facilidade. E, como o povo não n'a compreendesse, terminou o movimento.

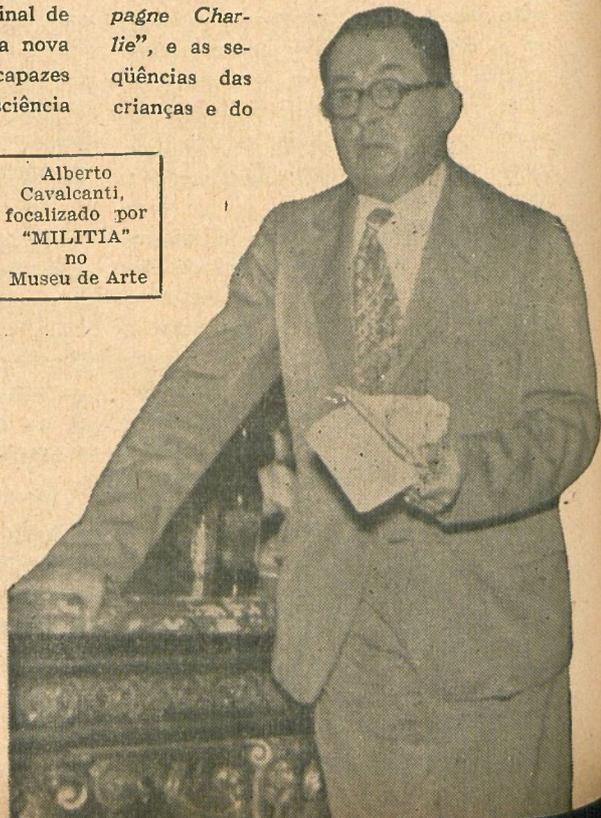
Dentro desse anseio Cavalcanti fez vários filmes, entre os quais se destaca "*En Rade*". Depois fez algumas comé-

dias para a Paramount, todas elas despidas de interesse para o seu espírito artístico e criador, conquanto algumas obtivessem sucesso em bilheteria e lhe rendessem bom dinheiro. Mas, como a produtora auferisse maiores lucros e insistisse para êle continuar com o mesmo gênero, o que não lhe agradava, deixou o cinema francês a partiu para a Inglaterra.

Nas Ilhas Britânicas começou com o documentário, chegando a produzi-lo com ênrêdo, constituindo novidade na cinematografia. Trabalhando em *Ealing Studios* dirigiu durante a guerra "*Yellow Caesar*", uma sátira ao ditador fascista, que se tornou famosa.

Passando a produtor-associado fez "*O Grande Bloqueio*" adotando o sistema de fazer documentário empregando grandes atores. Dirigiu ainda: "*Went the day well*", "*Champagne Charlie*", e as seqüências das crianças e do

Alberto Cavalcanti, focalizado por "*MILITIA*" no Museu de Arte



ventríloquo de "Na solidão da noite". Ultimamente fez: "Nas garras da fatalidade" para a Warner Brothers, "Nicholas Nickleby" para a Associated Pictures, "First Gentleman" para a Columbia Pictures, e "From them that trespass", para a Associated British Pictures Corporation.

Vimos então a trajetória de uma vida conduzida por um incidente escolar. Cavalcanti tornou-se um cineasta mundialmente conhecido e citado em todos os tratados da arte cinematográfica pelo seu talento criador e por suas concepções arrojadas. O "brasileiro Cavalcanti", tal como o citam, fez sempre lembrar a todos aqueles que com êle trabalham em cinema, ou aos que têm a seu respeito, o nome de sua terra: o Brasil. Fez êle muito mais: deu ao cinema universal a sua finalidade precípua, que é a de divulgador das artes e das ciências, tornando-se, pela seriedade do seu conteúdo, o cinema educativo por excelência.

NO CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS

Há poucos meses atrás um grupo de jovens estudiosos do cinema, fundou em São Paulo o Centro de Estudos Cinematográficos destinado a criar o clima de cinema, funcionando sob os auspícios do Museu de Arte. Presidido por Paulo Giolli, o Centro iniciou as suas atividades, exibindo filmes e dêles fazendo crítica, como também organizando um curso sério sôbre as atividades cinematográficas. Formou-se uma verdadeira Escola de Cinema com a prata da casa, e lá semanalmente acorriam os alunos para as aulas de História de Cinema, Roteiro, Argumento, Filmagem, Fotografia, Maquilagem, etc.

Durante esse curso Carlos Ortiz, crítico da "Folha da Manhã" anunciou ter feito um convite a Alberto Cavalcanti para finalizá-lo com uma série de aulas.

O homem saudoso de sua terra não vacilou. Arrumou os negócios e tomou o avião. Tomou contacto com o Rio que há muitos anos deixara por causa de sua briga com o professor. Veio a S. Paulo. E aqui, no calor das recepções que os paulistas sabem fazer aos brasileiros que engrandecem a Pátria comum, Cavalcanti iniciou seu curso. Em 11 aulas revelou todo o panorama da arte e da indústria cinematográficas, dividindo-as nestas seqüências: possibilidades da indústria brasileira de cinema; produção; argumentos, cenas e cenários; direção; lado visual do filme; o som e a música; interpretação; técnica e equipamentos técnicos; montagem e ritmo; filme em geral e juízo estético.

Foram noites inesquecíveis em que o auditório do Museu de Arte tornou-se pequeno demais para acolher o grande número de assistentes. Cavalcanti, com a sua simpatia pessoal, com a simpatia de sua inteligência fulgurante, prendia a atenção de todos. Fez cinema sendo professor. Soube muitas vezes ser professor dotado de elevado sendo filosófico, aceitando e discutindo as objeções de jovens curiosos. As aulas fizeram tôda a cidade pensar em cinema, no cinema nacional que ainda não foi capaz de se projetar como verdadeiro cinema.

O encerramento de seu curso não pôde deixar de constituir uma consagração. Foi unânimemente eleito presidente honorário do Centro de Estudos Cinematográficos. Carlos Ortiz saudou-o vibrantemente, fazendo afirmações ca-

tegoricas e patrióticas: o Brasil haveria de ter cinema, custasse o que custasse. Era preciso sair do ambiente de tentativas honestas, mas ainda muito falhas; das especulações grosseiras ou do pessimismo inútil e impatriótico. Para isso, contaria com o patriotismo de Alberto Cavalcanti.

As palavras de Carlos Ortiz, cheias de fé e encorajamento, receberam os aplausos da assistência. Logo mais, Assis Chateaubriand subia para dizer algumas palavras em nome do Museu de Arte. Entre outras coisas, disse ter encontrado em Londres um brasileiro acumulado de atenções gerais, respeitado por suas criações, por sua inteligência de escol, irradiadora de grande simpatia, terminando por classificá-lo, com uma de suas classificações características, de "marido de Sheerazade".

Cavalcanti então anunciou estar disposto a colaborar com sua experiência para uma tentativa de se fazer cinema em São Paulo. Cinema é indústria principalmente, e São Paulo cheio de vigor industrial, com características ambientais semelhantes às européias, possuía todas as possibilidades para ser o centro da nova indústria.

CONVERSANDO COM CAVALCANTI

"Militia" não podia estar ausente desse movimento. Compareceu, e, na penúltima aula, obteve um dedo de

prosa com o cineasta. Falámos sobre a possibilidade de documentários à Fôrça Pública, como acessórios educativos a seus soldados. Cavalcanti não escondeu a sua opinião. Crê no cinema como ação educativa, e é por esse prisma fundamentalmente construtivo, que êle se tornou cineasta. Citou filmes auxiliares da segurança pública feitos na Europa e não divulgados aqui, ressaltando que a Inglaterra vem de concluir um precioso quão interessante documentário sobre os serviços relativos à segurança pública em geral, filme êste que nos poderá ser de grande utilidade, considerando-se a nova fase por que está passando a Fôrça, na direção de sua missão precípua. Por isso Cavalcanti acredita que também poderemos trabalhar nesse sentido. E' uma idéia digna de estudos por parte dos que dirigem a Fôrça Pública, a quem "Militia" solicita a sua atenção para esse problema de suma importância.

A CINEMATOGRAFIA BRASILEIRA TOMA NOVOS RUMOS

O Centro de Estudos Cinematográficos colhe o seu primeiro louro. Alberto Cavalcanti incorporou-se aos realizadores do Teatro Brasileiro de Comédia e funda a Cia. Cinematográfica "VERA CRUZ". Irá a Londres buscar os maquinários necessários, os técnicos que



Alberto Cavalcanti
com o
cap. Vieira Fonseca
e um aluno do
Centro de Estudos
Cinematográficos.

ainda não possuímos. E aqui mesmo ele obterá os atores, pois não nos faltam valores artísticos aproveitáveis em cinema. Os estúdios estão sendo construídos em São Bernardo do Campo, e já para princípios do ano próximo, a novel empresa, sob a direção

competente de Cavalcanti iniciará as suas atividades. E' um acontecimento que enche de júbilo todos quantos anseiam e lutam por criar o verdadeiro cinema brasileiro, porque o trabalho do grande cineasta vai constituir uma nova etapa nos esforços de nosso cinema.

"PAISÁ", outro filme de ROSSELLINI



Rossellini rodou "*Roma, cidade aberta*", uma obra-prima do cinema italiano. Agora nos oferece "*Paisá*", no qual nos conta a história da guerra em termos particularmente humanos. A despeito do horror, da tragédia, da luta e do sofrimento, o grande diretor nos deu um filme de apreciável senso de humor. Rossellini compareceu e fez as platéias compreenderem como podem sobreviver a dignidade e a ambição da espécie humana, mesmo depois de duramente atingida em seu âmago.

"*Paisá*" é uma série de seis episódios, aparentemente desconexos, ocorridos desde o desembarque as tropas aliadas no sul da Sicília até a luta feroz

dos "partisans" italianos nos pântanos do vale do rio Pó, ao norte da península italiana. Nenhum dos episódios tem

relação com o outro; constituem meramente acontecimentos provocados pela guerra em seu curso. Apresenta os as-

CAFÉ ROCHA, O INSUPERÁVEL

pectos mais desencontrados, focalizados segundo as conseqüências funestas produzidas pelas chagas do sofrimento e da dor, no coração dos entes humanos. As reações mais diferentes, ocorridas com pessoas de várias tendências e condições sociais, são mostradas com particular naturalidade nesse filme: neurose da guerra em velhos, homens, mulheres e crianças, soldados "partisans" e monges.

Rossellini tem a glória de saber interpretar comovedoramente as diferentes tendências do gênero humano, transmitindo-nos os detalhes de toda essa imensa tragédia.

Parece-nos que o mais tocante dos episódios é aquele ocorrido nas ruínas da cidade de Nápoles. O incidente envolve apenas dois personagens: um soldado negro que celebrava com entusiasmo a libertação da península italiana, e um garoto italiano órfão de guerra. O episódio relata meramente um incidente ocorrido enquanto o soldado negro, descansando de uma bebedeira, o juvenzinho italiano lhe furta sorratamente o par de botinas. O ladrãozinho é localizado, pois vive sozinho nas ruínas de um prédio bombardeado. Comovente é a maneira como explica a criança o seu desejo de permanecer vivendo ali para sempre. Fazendo o

que bem entende, sem ter que dar satisfação a ninguém; vivendo como os seres primitivos habitantes das cavernas; roubando para poder comer; matando si preciso for, como fizeram com seus infelizes pais. Ceia cheia de muito humanismo que dificilmente se poderá esquecer.

Uma seqüência deliciosa e divertida é aquela em que os monges italianos procuram convencer três capelães do exército norte-americano que buscam refúgio em seu convento. Isso se justifica porque se trata de um católico, um protestante e um judeu, oferecendo um capítulo particularmente expressivo. Outro episódio interessante é o de um incidente ocorrido no sul da Sicília com uma patrulha de reconhecimento das tropas americanas. Joe, soldado de Jersey, começa a gostar de Carmela, jovem italiana que auxilia na passagem através um campo minado. Uma granada nazista explode e mata o soldado americano, e Carmela é aprisionada pela patrulha alemã. A acusação de que ela contribuiu para a morte do soldado, formulada pelo sargento da patrulha, encerra outra vigorosa lição de humanismo.

As cenas se sucedem, todas elas contendo argumentos interessantes: a seqüência da enfermeira na busca aflitiva do rapaz por quem ela se apaixonara no início da invasão, meses antes, e a reação de seu espírito ao sabê-lo morto pelas balas nazistas; o massacre destes no vale do rio Pó, e o espetáculo soberbo da luta dos "partisans" ita-

lianos é a sua notável contribuição para a libertação do país, oferecem momentos de grande dramaticidade e realismo.



Muitas das cenas tomadas por Rosellini em "Paisá" foram interpretadas por verdadeiros soldados das tropas americanas, inglêsas e italianas, além de numeroso contingente de "extras" apanhados indiscriminadamente nas vilas e povoados do interior da península. E isso consagra definitivamente como

um diretor de excepcionais qualidades artísticas. Isso o espectador poderá constatar ao assistir à exhibição de "Paisá", porque difícil lhe será distinguir o artista profissional do artista amador, tal a naturalidade do desempenho, obra exclusiva do gênio que é Roberto Rosellini.

BANCO DO BRASIL S/A

RUA ALVARES PENTEADO N.º 112

SÃO PAULO

COBRANÇAS — DEPÓSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — CUSTÓDIA — ORDENS DE PAGAMENTO — CREDITO AGRICOLA E INDUSTRIAL — CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

DIREÇÃO GERAL E AGENCIA CENTRAL: — Rua 1.ª de Março, 66
RIO DE JANEIRO — END. TEL. "SATELITE"

Agências em todas as capitais dos Estados e principais praças do País

Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior

Agências no Exterior: Assunção (Paraguai) e Montevidéu (Uruguai)

AGENCIAS LOCALIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

Andradina — Araçatuba — Araguaçu — Araraquara — Assis — Avaré — Bariri — Barretos — Baurú — Bebedouro — Botucatú — Bragança Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Chavantes — Duartina — Franca — Itapetininga — Itapira — Itaverava — Jaboticabal — Jaú — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirasól — Mogi das Cruzes — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizonte — Olímpia — Orlândia — Pederneras — Piracicaba — Pirajú — Pirajui — Pirassununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancheira — Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Sta. Cruz do Rio Pardo — Santo Anástacio — Santo André — Santos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valparaíso — Votuporanga.

* * *

O polícia, surpreendendo um ladrão com a "moamba":

— Não tem vergonha de exercer essa profissão ?

— Se eu não exercesse esta profissão, o sr. não poderia exercer a sua.

CAFÉ ROCHA, sempre gostoso

Página Humorística

— ESPÍRITO HUMORÍSTICO DOS LEITORES —

Publicamos abaixo as legendas premiadas do concurso «Espírito Humorístico dos Leitores». Os vencedores residentes na Capital poderão procurar seus prêmios em nossa Redação, das 12 às 18 horas. Aos do interior remete-los-emos por vale postal,

O 209

1.º — O prêso — (dando-se por vencido) “seu” guarda, eu sou o 209.

O Guarda — Na Assembléia, você pode passar, mas aqui não.

G. C. P. - Av. Tiradentes, 391
São Paulo

— :: —

2.º — Essa ponta fura, seu praça?
— Perfurará, se você descer mais.

Rubens Paulo

Av. Dr. Cavalcanti, 43 - Jundiá

— :: —

3.º — O prêso - O sr. quer que eu volte?

O guarda - Acho bom, desde que o lençol agüente.

Maria do Carmo Padilha

R. Uruguaiana, 1.181 - Campinas

Dos inúmeros textos recebidos publicamos ainda os seguintes, que se destacaram entre os demais pelo espírito humorístico que encerram.

Que Azar !

O prêso - (pesquisando a disposição do Guarda). “Seu” Guarda, que dia é hoje?

O Guarda - Para você, é sexta feira, 13 de Agosto.

G. C. P.



O SENTINELA: Ué!... Será rendição!...
Sargento Herbert Matos - B. HORIZONTE

— :: —

PRAÇA - Aquí não passa nem mosquito.

PRÊSO - Mas eu sou o Piolhinho ...

Virginia Ferreira — Suzano

Legislação

Abono mensal

Fica instituído no corrente ano, de janeiro a junho, aos componentes da ativa da F.P., de soldado a aspirante a oficial, o abono de trezentos cruzeiros aos que servem na Capital e em Santos e de duzentos cruzeiros para os demais. Lei 444, de 19-IX-49.

Aposentadoria

Assegura aos funcionários públicos mutilados na Revolução Constitucionalista, considerados incapacitados para o exercício de função pública, o direito à aposentadoria com vencimentos integrais, seja qual for o tempo de serviço prestado ao Estado. Lei n.º 435, de 1.º-IX-49.

Bombeiros — Curso de Emergência

Com a finalidade de preparar elementos para os Corpos de Bombeiros do Interior, funcionará no quartel do C.B. em São Paulo, um Curso de Emergência, com duração de quatro meses.

Os bombeiros prestarão às Prefeituras do Interior, além dos serviços de extinção de incêndio, os seguintes:— pronto socorro; conservação de instalações elétricas e telefônicas das dependências municipais, bem como pequenos reparos; abastecimento de água à população e execução do serviço de irrigação de ruas e praças da cidade, salvaguarda de vida e material; transportes coletivos em caso de emergência; direção e execução dos serviços relativos à habilitação de condutores e motoristas; execução de policiamento, como reforço do destacamento local, principalmente no que se refere a divertimentos e reuniões públicas.

Terminado o curso, os referidos elementos serão classificados nas ci-

dades do interior que tiverem contratados com a Força os serviços de bombeiros e socorros públicos. Bol. Geral 203, de 14-IX-49.

Bombeiros de Santos

A Companhia do C.B., destacada em Santos, passa a constituir-se em unidade autônoma, sob a denominação de 1.ª Companhia Independente de Bombeiros (1.ª CIB) devendo, em consequência, ser desmembrada do C.B.. Contém mais instruções referentes à questão o Bol. Geral 225, de 10-X-49.

Carteira de identidade

Publica o modelo da carteira de identidade adotado na F.P. Bol. Geral 201, de 12-IX-49.

Altera as instruções para o fornecimento de carteiras de identidade publicadas no Bol. Geral n.º 185/49. Bol. Geral 225, de 10-X-49.

Centro Militar de Estudos

Foi fundado e instalado nesta Capital o Centro Militar de Estudos, que funcionará sob os auspícios do Círculo Militar de São Paulo. É este Centro uma instituição de objetivos exclusivamente culturais, tendo em mira cooederar na ampliação e na atualização de conhecimentos militares em geral. O programa de atividades para 1949 vem anexado ao Bol. Geral 220, de 4-X-49.

Certificados da Revolução Constitucionalista

A fim de evitar a expressão "sem alterações", que tem constado nos certificados relativos à Revolução Constitucionalista, fica determinado que a todo o elemento da Força que por ocasião daquele Movimento já pertencia à Corporação e estava pronto no serviço, se coloque no res-

pectivo certificado, na parte correspondente ao mês de julho, a alteração constante do Bol. Geral n.º 156/32 sob o título "Prontidão rigorosa", seguindo-se-lhe as demais alterações, se houver. Seguem-se outras recomendações a respeito. Bol. Geral n.º 202, de 13-IX-49.

Cruz Azul — Equipara contribuições e jóias

Os oficiais e praças da reserva e reformados passam a pagar as mesmas mensalidades previstas para os da ativa, sócios da Cruz Azul. Dec. 18794, de 31-VIII-49.

Diárias de Alimentação no H.M.

O valor da diária de alimentação de oficiais, praças da F.P. e de outros elementos hospitalizados no H.M. passa a ser de quinze cruzeiros. Bol. Geral 233, de 19-X-49.

Diligência — Duração

Nenhuma diligência poderá exceder de oito dias, salvo prévia autorização do Comando Geral publicada em Boletim Geral. Para cumprimento desta ordem consigna diversas determinações o Bol. Geral 243, de 31-X-49.

Estágio de tenentes dentistas

O Bol. Geral n.º 199, de 9-IX-49, publica em apenso minuciosas instruções para o estágio dos novos tenentes dentistas da F.P., o qual terá a duração de 24 semanas e deverá ser realizado em duas fases.

Fardamento a praças licenciadas

Suspende a distribuição de fardamento às praças licenciadas por mais de seis meses para tratamento de de saúde e às que tiverem atingido a idade limite para permanência no serviço ativo. As praças sem direito a fardamento por conta do Estado, ficam desobrigadas de se apresentarem fardadas. Todavia, quando tiverem que comparecer a Estabelecimento Militar, deverão fazê-lo munidas de carteira de identidade. Fica revogado o item 20 do Bol. Geral n.º 102, de 14-V-45. Bol. Geral. 201, de 12-IX-49.

Funções de oficiais promovidos

Para regularidade do serviço, os oficiais promovidos, aguardando classificação, devem ser designados para

quaisquer funções compatíveis com o novo posto, sempre que haja vaga nas unidades onde se encontram. Bol. Geral 206, de 17-IX-49.

Homenagem

É intenção do Comando Geral prestar, em nome da Força Pública, justa homenagem póstuma ao genial maestro — verdadeira glória nacional — major Antão Fernandes, lembrando-o à posteridade com a ereção do seu busto na Praça Pública de Batatais, seu berço natal.

Para custeio desse desiderato, os Cmts. de Corpo, Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimento devem promover subscrições para contribuições espontâneas dos oficiais e praças das unidades, cujos produtos serão encaminhados diretamente ao Q.G., ou por intermédio do S.F.. Bol. Geral 208, de 20-IX-49.

Normas para o emprêgo das Polícias das Forças Armadas

Para conhecimento do Exército e sua devida execução, o ministro da Guerra mandou transcrever a seguinte circular número 106, de 30 de julho último, da Presidência da República: O sr. presidente da República, tendo em vista a conveniência de que as missões de caráter policial executadas pelas polícias das Forças Armadas, no Distrito Federal e fora das zonas estritamente militares, possam ser cumpridas com eficiência, e representem sempre colaboração ao trabalho das autoridades policiais civis, determinou-me encarecer a v. excia a necessidade de serem observadas as seguintes normas: — 1 - O emprêgo de patrulhas ou frações mais importantes de tropas policiais do Exército, Marinha ou Aeronáutica, no desempenho de missões exclusivamente policiais, só se deve verificar para atender, em concurso com as autoridades policiais civis, à repressão de conflitos distúrbios ou incidentes onde estiverem envolvidos elementos pertencentes a qualquer das corporações militares; 2 - A saída e emprêgo de patrulhas, ou frações mais importantes de tropa para essas missões, em qualquer caso, devem ser rigorosamente condicionados à aprovação prévia de uma única au-

toridade militar designada, em cada um dos Ministérios Militares, pelo respectivo ministro; 3 - O comandante da tropa encarregada de tais missões que, inicialmente, entrará em contacto com as autoridades policiais civis deve ser instruído no sentido de: a) prestigiar e auxiliar a ação da polícia, consertando com as autoridades civis policiais presentes a melhor forma de cooperação; b) providenciar imediatamente o afastamento ou a prisão dos elementos militares envolvidos; os civis detidos na ocasião, por qualquer circunstância, deverão ser imediatamente entregues às autoridades policiais; c) evitar interferir na ação policial civil conduzida pelas respectivas autoridades; 4 - Os militares ou as autoridades que tiverem apelado, sem razão fundada, para recurso às policiais das corporações militares e concorrido assim para injustificadamente movimentá-las ou levá-las a intervir em questões, em acontecimentos públicos ou privados da esfera peculiar à ação das polícias civis, deverão ser responsabilizadas.

Palestras semanais

Serão realizadas pelos capitães Arrisson de Souza Ferraz e méd. dr. Armando Bergamini palestras a respeito do que observaram em Estocolmo, Suécia — por ocasião da II Língua, grande congresso de Educação Física, a que compareceram, como representantes do Estado e da F.P.. Bol. Geral 238, de 25-X-49.

Psicotécnica

Fica criado o Gabinete psicotécnico da F.P., que funcionará como parte integrante da D.G.I. e se destina, principalmente, à seleção dos elementos que pretendam ingressar na F.P.. Além de sua missão precípua, cabe ao Gabinete a orientação e seleção dos componentes da F.P. no que tange às várias especialidades de que necessita a Corporação. Poderá ainda vir a ser empregado no reajustamento social e profissional dos membros da F.P.. Seguem-se a organização e instruções para o funcionamento do Gabinete. Bol. Geral 237, de 24-X-49.

Registro Civil

A Lei Fed. 765, de 14-VII-49 estabelece normas para a inscrição de brasileiros no registro civil de nascimento, independente da multa regulamentar. Bol. Geral 206, de 17-IX-49.

Serviço de Engenharia — Venda de material — Suspensão

O Serviço de Engenharia não dispõe, no momento, de nenhum material que possa ser vendido a terceiros. Bol. Geral 201, de 12-IX-49.

Transportes

Os pedidos de transportes encaminhados ao Serviço de Assistência Social devem ser somente para mudanças e quando esta esteja compreendida no perímetro urbano do Município da Capital. Bol. Geral 216, de 29-IX-49.

Tempo de Serviço — Ficha de contagem

Na expedição de ficha de tempo de serviço deve-se observar o disposto no Ato n.º A-157, da Sec. da Fazenda (D.O. de 19-III-49), declarando no corpo da ficha se o interessado faz jus à percepção de mais a 6.ª parte dos vencimentos ou ainda, se faz jus à reforma, sempre que isso ocorrer. Bol. Geral 225, de 10-X-49.

Tempo de serviço — Títulos de liquidação

Passa para a F.P. o encargo de expedição de títulos de liquidação de tempo de serviço. Em consequência é organizada na I.ª Sec. do E.M. a sub-seção de expedição de título de liquidação de tempo de serviço. Ficam aprovados os modelos de título e da ficha resumo de contagem de tempo. Bol. Geral 240, de 27-X-49.

Vinte por cento sôbre os vencimentos

As praças das unidades do interior e que se encontram adidas ao Ctg. do Q.G., à disposição do S.E. e S.M.B., acham-se encarregadas de incumbência de caráter especial e têm direito, portanto, ao recebimento dos 20% sôbre os vencimentos previstos no art. 60 do C.V.V. Bol. Geral 223, de 7-X-49.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam "MILITIA" nos Estados e Territórios

(Continuação do verso da contra-capa)

RIO DE JANEIRO, ESTADO DO (Polícia Militar)

— Q.G. (Niterói) — 2.º ten. Luiz Gonzaga Guerra.

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — 1.º ten. Antônio de Moraes Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Pôrto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos.

— 4.º B.C. (Pelotas) — 2.º ten. Militão da Silva Neto.

— 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

— B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.

— 3.º R.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Teseu Domingos Muniz.

SÃO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — 1.º ten. Sebastião Rufino Freire.

— C.I.M. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.

— R.C. (Capital) — 1.º ten. Felix de Barros Morgado.

— B.G. (Capital) — cap. Antônio Araujo.

— C.B. (Capital) — 2.º ten. Antônio Gonzaga de Oliveira.

— B.P. (Capital) — 1.º ten. Antonio Silva.

— 1.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Darcí Vital dos Santos.

— 2.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Wilson Gonçalves Ferreira

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. José E. Ferreira Pimont.

— 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Aparecido do Amaral Gurgel.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. José Gonçalves da Silva.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Aldo Campanhã.

— 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.

— S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.

— S.I. (Capital) — cap. Manuel Pereira da Silva.

— S.Subs. (Capital) — cap. Francisco Furquim de Campos.

— E.E.F. (Capital) — cap. Adatao Fernandes de Andrade.

— S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Aurélio Pedrazoli.

— S.S. - H.M. (Capital) — cap. Geraldo Paglia.

— 2.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.

— 3.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José de Oliveira Godói.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

ALÉM DOS REPRESENTANTES SUPRA MENCIONADOS, também são nossos agentes todos os comandantes de destacamentos do interior do Estado.

NOSSOS REPRESENTANTES

ACRE (Guarda Territorial)

Q.G. (Rio Branco) — 1.º ten. Milton Braga Rola.

ALAGOAS (Polícia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — dr. Flávio de Carvalho Maroja.

AMAZONAS (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Q.G. da P.M. (Manaus) — ten. cel. Temístocles Henrique Trigueiro.

— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de Carvalho e Cascais.

BAHIA (Polícia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

BOLÍVIA (Corpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CEARÁ (Polícia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.

DISTRITO FEDERAL (Polícia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

ESPÍRITO SANTO (Polícia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 2.º ten. Antenor Olívio Plotegher.

GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO

— R. Brigadeiro Tobias, 110 — Insp. Antônio Vieira.

GOIÁS (Polícia Militar)

— Q.G. (Goiania) — cap. Cláudio das Neves.

MARANHÃO (Força Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Polícia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — major Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evaristo da Costa e Silva.

— 2.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Gonçalo Ribeiro da Silva.

— C.C.S. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Malhado.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — major Hermenegildo Teodoro do Nascimento.

PARÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.

PARANÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — 2.º ten. Benoit Pontes Cidreira.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

PERNAMBUCO (Polícia Militar)

— Q.G. (Recife) — cap. João Rodrigues Pereira.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.

(Continua na pag. 112)

